GEORGE K.
TANHAM

GUERRA REVOLUCIONÁRIA COMUNISTA

GEORGE K. TANHAM

GUERRA REVOLUCIONÁRIA COMUNISTA



Gráfica Record Editôra

GUERRA REVOLUCIONÁRIA COMUNISTA

GEORGE K. TANHAM

GUERRA REVOLUCIONÁRIA COMUNISTA

Edição Revista e Aumentada

Tradução de

IGNEZ DE CASTILHOS FRANÇA



Gráfica Record Editôra

Capa de
RONALDO GRAÇA



GRÁFICA RÉCORD EDITÔRA

Av. Rio Branco, 131 — 18.º andar — ZC-21
Tel.: 52-2704 — Rio de Janeiro — Guanabara

Composto e impresso no Brasil — Printed in Brazil — 1969

ÍNDICE

* * *

PARA

BARBARA

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Os acontecimentos recentes no Laos e no Vietnam do Sul indicam que os comunistas continuam sua expansão no Sudeste da Ásia. Ainda que não tenha havido invasão ou declaração formal de guerra, já aconteceram operações militares — que abrangem desde as emboscadas aos combates de batalhões. Ainda mais importante é a ampla doutrinação política levada avante com a consequente fraqueza da autoridade dos govêrnos legais. Ainda que os eventos futuros nessa área sejam incertos, um exame das atividades comunistas durante o passado deveria proporcionar algum critério que apontasse os meios de enfrentar essa constante ameaça. Êste estudo focaliza, em primeiro lugar, o aspecto militar da guerra anterior e tenta proporcionar uma apreciação através da análise da doutrina, da tática e da organização militar vietminh exibida na Indochina durante a guerra anterior. Embora não se quisesse apresentar uma narrativa ou uma descrição de todos os aspectos do regime vietminh, o exame revela, sem dúvida, a essência da guerra revolucionária comunista, notadamente a ênfase dada à integração de todos os meios — político, econômico, militar e psicológico — a fim de vencer a guerra e, antes de tudo, conquistar o espírito do povo.

O triunfo do Vietminh na Indochina demonstra com clareza a eficiência da guerra revolucionária numa região subdesenvolvida. Em ambas as áreas, estratégica e tática, ela deu aos comunistas o maior proveito potencial ao menor risco possível. No início, o baixo nível de violência impediu a intervenção ocidental, implicando, ao mesmo tempo, no menor perigo de perda de prestígio para os comunistas. Também permitiu aos vietminh fazerem-se

passar por líderes do movimento nacionalista rebelde, conquistando o apoio popular e o eventual contrôle, enquanto por trás dos bastidores consolidavam seu poder. Tàticamente, a campanha de guerrilha permitiu aos vietminh a conservação da mobilidade no terreno intrincado da selva, facilitou a coleta de informações secretas e desgastou as tropas francesas, dando oportunidade à arregimentação das fôrças regulares necessárias às batalhas convencionais do estágio final da guerra. Assim, a principal lição a ser aprendida pelo Ocidente é que as operações de guerrilha do tipo vietminh, provàvelmente, continuarão a ser importantes e que o armamento nuclear e outras armas modernas, de modo algum, tornaram obsoletos os meios mais "primitivos" de guerra. A revolta, a insatisfação e as aspirações inquietantes de países de economia subdesenvolvida proporcionam campo fértil para movimentos revolucionários. Êsse ajuste de carência material e pobreza ideológica torna tais países particularmente receptivos ao auxílio e às idéias comunistas.

Se o mundo livre deseja triunfar na luta contra ulterior expansão comunista, e pretende assistir êsses países em seu desenvolvimento independente, precisa entender melhor as necessidades dêstes e a artimanha e as táticas dos comunistas. Na oposição ao atual desafio, espera-se que êste estudo do assunto seja de alguma utilidade.

PREFÁCIO DA EDIÇÃO REVISTA

Êste livro, originàriamente um manual de primeiras noções destinado aos que se interessam pelos aspectos militares da luta do Vietminh contra os franceses durante os anos 1946-54, foi agora atualizado com a inclusão de três capítulos sôbre o Vietcong. Os primeiros cinco capítulos da versão original, Primeira Parte da presente edição revista, focalizam o aparato militar do Vietminh; não se tentou apresentar uma narrativa, nem uma descrição de todos os aspectos do regime vietminh. Não obstante, ainda que dentro dêsse escopo limitado, o tema central do esfôrço comunista se manifesta, a saber: a integração ou harmonização de todos os meios — político, econômico, psicológico e militar — a fim de controlar o povo e conquistar o poder político.

Assim, a Primeira Parte fornece base para a compreensão do Vietcong de hoje que, em alguns casos, é o Vietminh de ontem, acrescido de novos partidários fortemente influenciados pela doutrina e pela liderança do Vietminh.

A atual Segunda Parte, em seu Capítulo VI, acompanha a restauração da revolta no Sul e o movimento progressivo da organização comunista para incluir a Frente Nacional de Libertação e o Partido Revolucionário do Povo. O capítulo VII ocupa-se com o aparato fundamental do exército vietcong e analisa o papel, a organização, a estratégia e a tática do Exército Nacional de Libertação e das fôrças paramilitares vietcongs. Considerando a participação maciça dos Estados Unidos, iniciada em princípios de 1965, o capítulo VII examina o impacto das Fôrças Armadas Norte-Americanas sôbre o exército vietcong, espe-

cialmente o Exército Nacional de Libertação e as tropas regulares vietnamitas, operando no sul.

Como na edição original, dá-se aqui ênfase ao aspecto militar da luta. Mas, é óbvio que a mesma combinação de esforços se aplica ao Vietcong; logo, do exame exclusivo da parte militar, pouco se pode deduzir com referência ao movimento geral. Além disso, a exata natureza e o rumo do conflito diferem de lugar para lugar e de época para época e, por isso, é difícil fazer generalizações a respeito do exército vietcong. Tenta-se, porém, purificar as características precípuas do Vietcong. Admite-se as muitas exceções a êsses princípios comuns e, também, o fato de que a organização e as táticas do Vietcong estejam evoluindo constantemente — tanto quanto a estratégia do inimigo e a dos aliados, porém, espera-se que êsse breve sumário contribua para a nossa melhor compreensão da amarga luta ora travada no Vietnam.

AGRADECIMENTOS

Reconheço, com prazer, a contribuição de várias pessoas e organizações cujo auxílio tornou possível êste livro.

A maior parte da pesquisa para a Primeira Parte foi feita em Paris, onde o Exército Francês proporcionou-me acesso aos seus registros de guerra e aos estudos especiais sôbre a Indochina. Sou grato ao General Cossé-Brissac, diretor do "Service Historique de l'Armée"; General Larroque, Diretor do "Centre d'Etudes Asitatiques et Africaines"; e a muitos oficiais franceses, obrigados a permanecer no anonimato, pela valiosa assistência e inúmeras cortesias.

Meus colegas do RAND — Victor M. Hunt, William W. Kaufmann, Edwin W. Paxson, Hans Speier e Anne Jonas — merecem especial gratidão pelo caloroso encorajamento e comentários importantes sôbre o manuscrito. E, sem a ilimitada e competente assistência editorial de Sibylle Crane, êste trabalho, talvez, jamais tivesse sido completado.

Sou profundamente grato à Fôrça Aérea dos Estados Unidos e a "The Rand Corporation", de quem recebi a oportunidade e o apoio que tornaram realizável êste estudo e a autorização de minha visita ao Vietnam, beneficiando-me, assim, do conhecimento em primeira-mão das condições físicas sob as quais se travou a guerra na Indochina e do povo que nela tomou parte.

A primeira parte dêsse livro foi escrita como parte do Projeto Rand, o programa de pesquisa, conduzido pela "The Rand Corporation" para a Fôrça Aérea dos Estados Unidos. É desnecessário dizer que as opiniões e conclusões aqui expressas são inteiramente minhas e não refletem

uma posição oficial nem da Fôrça Aérea dos Estados Unidos nem da "The Rand Corporation".

A Segunda Parte é um esfôrço pessoal e baseia-se não só em meu trabalho e estudo no Vietnam desde 1958 como também na leitura de grande parte da vasta literatura sôbre o Vietnam. Tive ensejo de viajar para o Vietnam em fevereiro e em julho de 1967 e de avaliar, eu mesmo, a situação corrente. Sou agradecido a vários amigos, a maioria veteranos de guerra do Vietnam, com os quais discuti longa e proveitosamente a respeito dos vietcongs e da guerra. Agradeço a Gary Murfin, meu assistente de pesquisa e auxiliar em muitos casos. O Professor Joseph Zasloff e George Allen leram a Segunda Parte e, minha secretária, Lee Rademaker, datilografou o manuscrito; os três me fizeram sugestões e críticas úteis. Entretanto, como na Primeira Parte, as opiniões e os pontos de vista são os meus próprios.

GUERRA REVOLUCIONÁRIA COMUNISTA

INTRODUÇÃO

Durante a Segunda Guerra Mundial, sob a liderança de Ho Chi Minh, desenvolveu-se na Indochina um movimento de resistência subterrâneo — o Vietminh. Embora, hoje, pouco se duvide que a inspiração dessa revolta, como o próprio Ho, era predominantemente comunista, naquela época prevalecia o espírito nacionalista e as aspirações revolucionárias do grupo pareciam limitadas à expulsão dos dirigentes japonêses. Em fins de 1944, os vietminh haviam organizado um Alto Comando de guerrilha. Mas, ainda que sustentada e abastecida pelos Estados Unidos, essa fôrça, relativamente pequena, de guerrilheiros mal-equipados era totalmente incapaz de atacar os japonêses de modo significativo.

Na primavera e no verão de 1945, a situação mudou. A 9 de março de 1945, os japonêses desarmaram e confinaram as tropas francesas na Indochina, até então em liberdade apesar da ocupação japonêsa. Com isso, o prestígio francês sofreu muito, pois era cada vez mais evidente que os japonêses estavam perdendo a guerra. Assim, estava montado o cenário para o desencadeamento da luta pela independência, que adquirira ímpeto por anos a fio. Logo depois, o moderado Bao Dai, antigo Imperador de Anam, arvorou-se em "imperador" de um Vietnam autônomo. E, duas semanas após, o próprio General De Gaulle fêz algumas referências vagas à autonomia vietnamita, com isso aumentando as esperanças nacionalistas de uma independência pacífica, esperanças essas que foram destruídas pelos acontecimentos.

A 10 de agôsto, o Alto Comando do Vietminh ordenou uma sublevação nacional contra os japonêses. Ainda que, oficialmente, apenas dirigido contra o Japão, o levante

era, òbviamente, destinado a impedir qualquer regresso subsequente dos franceses. Foi tão rápido o triunfo da revolta do Norte, que Bao Dai abdicou do pôsto ao qual êle mesmo se guindara. A 29 de agôsto Ho Chi Minh formou um govêrno provisório e, quatro dias depois, proclamou a completa independência do Vietnam. Com o sucesso dessa insurreição, o elemento comunista entre os nacionalistas vietnamitas adquiriu um forte domínio sôbre a liderança do movimento. Os franceses, pôsto que, decididos a reocupar o Vietnam, na época, viram-se impedidos de fazê-lo pela falta de tropas e de transporte. Os aliados, entretanto, vieram em seu auxílio. Em meados de setembro, tropas britânicas ocuparam a parte meridional da Indochina e os chineses nacionalistas a parte setentrional. O sentimento anti-britânico da população atingiu tais proporções que o comandante inglês, General Gracey, na ocasião, achou necessário proclamar a lei marcial na sua área. A 23 de setembro, algumas tropas francesas chegaram a Saigon, ocuparam os edifícios públicos e puseram-se imediatamente, a re-estabelecer a autoridade francesa. Grande refôrço francês veio durante o mês de outubro.

Ho Chi Minh compreendeu que enfrentava uma situação difícil e que o triunfo de sua causa dependia do reagrupamento de todos os vietnamitas nacionalistas. Numa tentativa de ocultar o apoio comunista e de imprimir feição patriótica ao seu movimento, êle, pùblicamente, dissolveu o Partido Comunista no dia 11 de novembro e formou uma "frente nacional". Na realidade, o Partido funcionou secretamente até 1951.

Antes de tentarem a reconquista do baluarte no norte, era necessário que os franceses obtivessem, primeiro, o retraimento dos chineses nacionalistas. Em fevereiro de 1946, os franceses e Chiang Kai-Shek chegaram a um acôrdo que estipulava a saída das tropas chinesas do norte do Vietnam em troca da desistência, por parte dos franceses, de todos os direitos especiais na China. Ho, suficientemente impressionado por êsse pacto, compreendeu a necessidade de fazerem-se concessões aos franceses a fim de evitar uma colisão frontal para a qual êle ainda não estava preparado. De qualquer maneira, êle concordou com a ocupação francesa de certas posições no norte

e no centro do Vietnam. Entretanto, as tropas francesas, ao entrarem no norte do Vietnam, encontraram não só oposição chinesa como esporádicos ataques vietminh.

Prosseguiram as tentativas de encontro duma solução pacífica e, a 6 de março, foi elaborado um "modus vivendi" no qual Ho permitia a entrada de tropas francesas em Haiphong e Hanói, enquanto a França reconhecia o Vietnam como "estado livre". Os franceses, talvez deliberadamente, não tentaram definir êsse têrmo com exatidão, um êrro que mais tarde provou ser o germe de dificuldades muito sérias. Nenhuma das parte, na realidade, jamais aceitou o tratado de 6 de março, e uma série de conferências durante a primavera e o verão de 1946 serviu apenas para salientar a irreconciliabilidade dos dois campos. Os únicos acôrdos palpáveis (como o chamado "acôrdo de setembro", que se ocupava principalmente de questões econômicas e culturais) tendiam a ignorar os problemas vitais. Enquanto os franceses continuavam sua reocupação militar, os vietminh faziam planos para uma eventual expulsão de tôdas as tropas francesas.

A 23 de novembro de 1946, após sucessivos incidentes em Haiphong, os franceses, sob ameaças de represálias, ordenaram aos vietnamitas que, dentro de duas horas, evacuassem seu distrito na cidade. A aquiescência a tal ordem era claramente impossível, e os franceses, fiéis ao seu ultimato, no mesmo dia bombardearam e destruiram os bairros vietnamitas de Haiphong.

Êsse fato e a visível incoerência nas negociações daquele ano, aparentemente, convenceram os vietminh da inutilidade dessa aproximação, fazendo com que êsses, a 19 de dezembro, lançassem um ataque de surprêsa às fôrças francesas em todo o país. Ainda que, comumente, 19 de dezembro seja considerado o dia da deflagração da guerra, é certo que hostilidades intermitentes entre franceses e vietminh precederam essa data de mais de um ano.

Durante todo o conflito, a independência do Vietnam permaneceu o assunto político de maior relêvo. Na fase anterior, os moderados no campo nacionalista ainda se mostravam propensos a transigir com os franceses, sob cujo domínio, talvez, aceitassem uma autonomia sem exageros, ligada à promessa de uma eventual independência. Porém, os franceses em sua compreensível má-vontade

de entregarem uma colônia valiosa, imprudentemente se furtaram às concessões no plano da independência, permanecendo cegos diante da possibilidade de uma aliança contra a ameaça comunista. O malôgro dos franceses no apoio aos moderados, destarte, anulou a tentativa por parte dos nacionalistas moderados de, em maio de 1947, estabelecer a "Frente de União Nacional" em Saigon. Com essa intransigência, os franceses, vagarosa e inevitàvelmente, afastaram até mesmo os mais conciliatórios dos nacionalistas e impeliram a maioria dêsses ou para o campo revolucionário ou para o exílio. Em setembro de 1947, o Alto Comissário francês deu um passo na direção certa, oferecendo, aos líderes nacionalistas, "liberdade dentro da União Francesa", proposta aceita por alguns dos moderados. Mais uma vez, contudo, êle deixou de especificar o que essa frase, precisamente, significava em têrmos práticos. Além disso, os irados vietminh puniram os vietnamitas que haviam apoiado a proposta. Ainda assim, pela última vez em 1948, o moderado Ngo Dinh Diem propôs aos franceses que concedessem a condição de "domínio" ao Vietnam, sugestão que foi rejeitada.

Em junho de 1949, os franceses, cada vez mais conscientes de seu êrro, convidaram Bao Dai para chefiar um govêrno vietnamita, mas, já então, a maioria dos nacionalistas desconfiava totalmente dos intuitos dos franceses e os comunistas vietminh haviam, sem dúvida, adquirido o contrôle do movimento nacionalista. Bao Dai não tinha nem apoio popular nem autoridade, e mostrou pouco interêsse em negócios de Estado.

As falhas básicas dos franceses na Indochina foram subestimar a fôrça dos sentimentos nacionalistas e desdenhar tôdas as oportunidades para uma verdadeira transigência. Não compreendendo, no devido tempo, a importância vital do apoio popular nesse tipo de guerra, êles esqueceram o fato de que o seu descaso à vontade do povo influiu na consolidação das fôrças inimigas, conduzidas, consequentemente, para o inevitável triunfo vietminh.

É desde 1950, época em que o govêrno americano começou a auxiliar os franceses em sua luta contra os vietminh, os Estados Unidos vêm se envolvendo cada vez mais na Indochina. A quantidade de ajuda militar e econômica, bem como o número de conselheiros, têm aumentado constantemente. Os Estados Unidos se recusaram a intervir para salvar os franceses da derrota de Dien Bien Phu; e, apesar de presentes como observadores, não participaram como membros da Conferência de Genebra em 1954. Todavia, o govêrno norte-americano deu auxílio material e apoio moral ao Premier Diem e seu nôvo govêrno, num esfôrço de cooperar na formação de um regime viável no Sul. Pareceu, por alguns anos, que a tentativa teria êxito, mas em fins de 1950 houve tropeços no regime e a revolta, desta vez mais forte, tornou a manifestar-se. Nem Diem, nem os Estados Unidos perceberam, na totalidade, a situação crítica antes que essa se evidenciasse em 1961. Naquele ano, missões de nível superior dos Estados Unidos recomendaram a intensificação da ajuda e o aumento do número de conselheiros. Êsses foram fornecidos, porém a situação continuou a piorar. Em novembro de 1963, o regime de Diem foi derrubado e iniciou-se um período de instabilidade política cuja consequência foi a deterioração política e militar em todo o país. Antes de 1964, havia mais de 25.000 consultores americanos no Vietnam do Sul, todos, com exceção de aproximadamente 1.000, militares, e o auxílio total montava a quase 1 bilhão de dólares por ano. Êste esfôrço para ajudar o G.V.N. (govêrno do Vietnam do Sul) não parecia sustar o desenvolvimento da insurreição assistida e instigada pelo Norte e, em princípios de 1965, os Estados Unidos, a fim de salvarem a situação, viram-se compelidos a iniciar o bombardeamento do Norte e a enviar tropas para o sul. Apoiando o esfôrço, há, atualmente, cêrca de 500.000 homens de tropas terrestres no Vietnam, e milhares de pessoal da Fôrça Aérea e da Marinha naquele e noutros lugares do sudeste da Ásia. A despesa corrente nos dias atuais é de, quase, 25 bilhões de dólares e as baixas americanas vão muito acima de 50.000 por ano. Contudo, ainda não se vê o fim.

I

A DOUTRINA MILITAR DO VIETMINH E A GUERRA

Em 1945, já antes da rendição japonêsa, Ho Chi Minh começou a desenvolver uma tropa regular para o recém-constituído govêrno comunista vietminh. Os guerrilheiros da Segunda Guerra Mundial (então treinados e abastecidos mormente pelos E.E.U.U.) passaram a compor êsse nôvo exército onde recebiam o devido adestramento para uma guerra convencional. O comando comunista acreditava que, dentro de algum tempo, êsse tipo de exército estaria apto a combater os franceses, àquela altura enfraquecidos, expulsando-os do país. O armamento japonês e aliado, apesar de útil, era insuficiente para as necessidades da tropa. Calcula-se que, em fins de 1946, os 60.000 homens da fôrça de Ho possuíam sòmente 40.000 fuzis. Entretanto, a 19 de dezembro de 1946, Ho, de repente, lançou ataques contra as fôrças francesas em Hanói e outras praças-fortes em todo o país. A inferioridade das fôrças vietminh ficou ràpidamente evidenciada e, antes da primavera de 1947, o govêrno vietminh e os remanescentes de sua tropa fugiram para a área montanhosa ao norte de Hanói. Uma operação francesa no outono de 1947 por pouco não capturou Ho e destruiu o que restava de seu exército.

A incapacidade dos vietminh de alcançar uma vitória rápida, seguida do fracasso francês em aniquilar as fôrças comunistas, tornava provável uma guerra prolongada. Entretanto, os vietminh perceberam a situação com muito mais rapidez e inteligência do que os franceses. Conseqüentemente, os líderes vietminh voltaram-se para as

obras de Mao-Tse-Tung à procura duma teoria de guerra. Seus conceitos de estratégia sofreriam forte influência das idéias de Mao, singularmente apropriadas à luta dos vietminh. Nos *"Problemas Estratégicos da Guerra Revolucionária da China"*, Mao define como básicas para qualquer guerra revolucionária as quatro principais características da guerra da China: 1) um país vasto, semi-colonial e de desenvolvimento político e econômico irregular; 2) a presença de um inimigo poderoso; 3) um exército Vermelho que tenha principiado fraco e pequeno; 4) uma liderança comunista que possa confiar no acolhimento popular da idéia revolucionária, pelo menos sob o ponto de vista duma revolução agrária. Conquanto os fatôres 2 e 3 apontem para uma guerra prolongada e, Mao previne, possam até significar a derrota no caso de "má execução da tarefa" pelo líder revolucionário, os fatores 1 e 4 facilitam intensamente o triunfo final. Iniciando com essas suposições, hoje premissas bastante óbvias, Mao continua a desenvolver sua teoria de uma guerra prolongada em três fases que culminam com a vitória da revolução.

Em seu livro "Da guerra prolongada", Mao, outra vez, cita o caso específico da China. Enquanto rejeita a idéia de que a China possa ser subjugada por tropas contra-revolucionárias, êle adverte que é igualmente falso acreditar numa vitória rápida e fácil para a revolução. A guerra será longa e divisível em três fases definidas cuja duração não pode ser prognosticada. Na primeira, dada a inicial superioridade militar do antagonista, as fôrças revolucionárias, de acôrdo com a estratégia, precisam se colocar na defensiva, enquanto o inimigo controla a iniciativa. Durante essa fase, os comunistas, se necessário, devem estar dispostos a trocar território, indústrias e população pela preservação de suas fracas fôrças militares. Necessitam aparelhar-se para retiradas duradouras durante as quais é possível que enfraqueçam ainda mais. Todavia, o inimigo também estará se debilitando devido ao alongamento da linha logística, da hostilização dos guerrilheiros Vermelhos, do moral baixo e da crescente animosidade da população. A etapa seguinte começa quando o adversário cessa seu avanço e se concentra na defesa do território e na consolidação de suas conquistas. Nesse segundo período, como no primeiro, a guerrilha continua sendo a forma

principal de combate, enquanto as tropas revolucionárias são treinadas e abastecidas para a fase final da guerra — a contra-ofensiva — cujo objetivo é a aniquilação do inimigo. No decorrer da segunda fase, as fôrças revolucionárias, ainda que estratègicamente inferiores às do inimigo, precisam atingir superioridade numérica tática que as torne capazes de vencer batalhas. A escolha do momento oportuno para a contra-ofensiva é vital e dependerá não só do estado moral dos dois contendores, como também da situação internacional.

O conceito de Mao duma guerra prolongada em três fases serviu de base teórica para a guerra revolucionária na Indochina. A finalidade do presente estudo impede uma comparação detalhada entre a China de 1936 e a Indochina de após-Segunda Guerra Mundial, mas, talvez seja útil para o exame, de acôrdo com Mao, ver até que ponto as quatro principais características da situação chinesa se aplicavam à Indochina.

Tendo quase 1/13 do tamanho da China, a Indochina possui mais ou menos 1/20 de sua população. Fora as duas regiões populosas do Delta, há grandes áreas esparsamente povoadas que, abrigando fôrças irregulares, criam dificuldades para um exército moderno. País colonial, de desenvolvimento político e econômico irregulares, no início, era incapaz de colocar em campo uma tropa atualizada, apta a enfrentar as potentes fôrças francesas estacionadas em seu solo. Assim, a Indochina, como a China, forneceu a oportunidade para uma defesa estratégica e para a evolução duma guerra prolongada. Contudo, os vietminh demonstraram que as guerrilhas poderiam operar não sòmente nas áreas montanhosas quase desertas, como também nas regiões inimigas densamente povoadas e que, na realidade, até certo ponto, era possível ampliar a máquina militar em tais zonas. Reconhecendo importantes diferenças entre os dois países e certos fatôres específicos a cada um, vê-se que, bàsicamente, em ambas as guerras a luta é a de um regime subdesenvolvido, com armamento e recursos limitados, contra fôrças mais modernas apoiadas por tropas altamente evoluídas, embora no caso da Indochina os franceses estivessem a 13.000 quilômetros de distância de sua base industrial. Todavia, está claro que a luta chinesa tomou foros de guerra civil

entre os chineses ao passo que no Vietnam a guerra foi travada contra uma potência estrangeira.

Pouco se sabe a respeito do que estavam pensando os líderes viets em 1948. A informação disponível mostra que êles haviam aceito a teoria da guerra prolongada, resignando-se ao fato de estarem na difícil e dura primeira fase e se restringiram, sobretudo, à tática de guerrilha em todo o país, porém, já no ano seguinte, os ataques de unidades regulares evidenciaram a existência de tropas efetivas, preparadas secretamente.

VO NGUYEN GIAP E A FORMULAÇÃO DA DOUTRINA VIET

Os relatórios de reuniões e discursos feitos por líderes vietminh, em 1949, permitem-nos a formação duma idéia mais precisa da estratégia nascente. Num congresso militar, em meados de maio, altos líderes militares expuseram a doutrina da guerra prolongada, especificando em que fase julgavam estar a guerra na Indochina. Segundo o Coronel Ly Ban, um funcionário do Ministério Nacional de Defesa, a missão militar das fôrças revolucionárias seria realizada em três fases: resistência passiva, resistência ativa e preparação para a contra-ofensiva e, finalmente, a contra-ofensiva geral. Hoang Van Thai, Chefe do Estado-Maior Geral era da mesma opinião. Falando em particular da passagem da segunda, para a fase final, êle declarou que ofensivas parciais deveriam preceder a contra-ofensiva geral e que, antes de se empenharem na última, os vietminh necessitariam duma fôrça tática muito superior à do inimigo. Vo Nguyen Giap deu ênfase à necessidade de consolidar as principais fôrças revolucionárias. Louvando as tropas, mas criticando a qualidade dos oficiais graduados, êle pediu melhoria nos quadros de oficiais, nos comandos e o máximo de apoio popular ao exército regular. A luta, disse êle, está em sua segunda fase quando a campanha de guerrilha é importantíssima e a guerra de movimento, de valor secundário. Contudo, êle pensava que as ações ofensivas, aos poucos, deveriam crescer em número e importância em preparação à contra-ofensiva geral e insistiu que, antes de entrar na fase final, a guerra de movimento e a guerrilha teriam de se igualar em importância.

Como o Coronel Ly Ban salientara, a Segunda Guerra Mundial havia mostrado que as guerrilhas por si só não venceriam guerras, e, portanto, a guerra de movimento era um necessidade. Essa, segundo a concepção dos líderes vietminh, caracterizava-se principalmente pela ausência de frentes fixas e áreas de retaguarda, rápida concentração para a luta e imediata ruptura de combate após a batalha. Num evidente paradoxo, ainda que os vietminh sempre falassem em guerra de movimento e na importância de se evitar batalhas campais, a guerra era essencialmente de desgaste, no sentido de que todos os esforços, militares e não-militares, visavam o enfraquecimento dos franceses. Isto era particularmente verdadeiro a respeito das duas primeiras fases da guerra, quando o inimigo estava sendo debilitado para o "coup de grâce" da terceira fase. Mas, uma parte essencial dessa estratégia global de desgaste era a abundância de operações táticas, bem como a ofensiva decisiva da terceira fase, tôdas baseadas em movimento e mobilidade.

Vo Nguyen Giap, destacada figura militar do Vietminh, nasceu em 1912 e, muito jovem, tornou-se comunista e veterano das prisões francesas antes da Segunda Guerra Mundial. Alega que a polícia francesa matou-lhe a mulher e a cunhada, destarte contribuindo para intensificar a sua animosidade. Giap estudou táticas revolucionárias na China, adquiriu experiência ao organizar guerrilhas durante a Segunda Guerra Mundial e, em 1944, fêz-se chefe do comando de guerrilhas do Vietminh. Antigo professor de história, licenciado em Direito, incitava suas tropas ao estudo e à reflexão, a fim de progredirem continuamente através da prática adquirida em combates anteriores.

Além disso, Giap não aceitava conselhos, e o fruto de suas considerações e auto-crítica foi um livro, publicado em 1950, intitulado *La guerre de la libération et l'armée populaire* (A guerra de libertação e o exército popular), que ainda é uma das mais completas expressões da doutrina vietminh. Embora aceitasse o conceito de Mao duma guerra prolongada em três fases, Giap tinha dúvidas quanto à possibilidade de se traçar divisões bem definidas entre as mesmas. Essa incerteza deve ter nascido do seu conhecimento da situação excepcional da Indochina com seus dois importantes teatros de operações — a área do sul, ao redor do Delta do Mekong, e a do norte, em tôrno do Delta do rio Vermelho (ou Tonquin). O progresso nas duas zonas fôra totalmente diverso e assim permaneceria até o fim da guerra. No norte, o Vietminh, em 1945-46, desenvolveu um exército regular que entrou em campo contra os franceses, mas foi ràpidamente derrotado. No sul foi bem diferente. Antes do término da guerra, o norte entrava na terceira fase, enquanto o sul mal emergia da primeira. Portanto, apenas no teatro de operações do norte, é possível delinear, com nitidez, o desenvolvimento das três fases.

Giap alegou que o malôgro dos franceses em derrotar o Vietminh no norte em 1946-47 marcara o fim de qualquer esperança duma guerra curta, permitindo que entrassem em jôgo os fatôres determinantes duma guerra prolongada.

Para entender a crítica de Giap à estratégia vietminh, é preciso recordar as evoluções do período inicial da guerra. Durante a primeira fase da revolução, iniciada no sul (Cochinchina e sul de Anam), em 1945, os vietminh usaram a estratégia defensiva. Por outro lado, no norte, vários acôrdos com os franceses concederam reconhecimento "de facto" ao govêrno de Ho, e a paz conturbada durou até o ataque de surprêsa lançado pelo Vietminh em dezembro de 1946. Por meio dêsses pactos, os vietminh ganharam tempo a fim de preparar suas fôrças militares e obter simpatia do povo. Em sua campanha de propaganda, era-lhes possível mencionar êsses convênios como exemplo de seu próprio amor à paz e, quando se tornou vantajoso rompê-los, argumentaram que, na realidade, não êles, mas os franceses os haviam violado e, por conseguinte, precipitado o conflito. O fracasso dos assaltos de 1946-47 também forçou os viets a uma defensiva no norte, impelindo-os para a primeira fase da guerra prolongada. Após a derrota das fôrças regulares e, compelidos os seus remanescentes a se disfarçarem de civis ou de procurarem abrigo na região a noroeste de Hanói, a guerra prosseguiu clandestinamente. Embora os viets sacrificassem — com muito cuidado — território, povo e bens econômicos, a fim de preservarem o entusiasmo, êles jamais se descuidaram de granjear a simpatia do povo.

As atividades de células ilegais, de guerrilheiros e de agentes de propaganda resultaram cada vez mais perniciosos aos franceses e, aos poucos, os vietminh ganharam a lealdade de grande parte da população. Ho e Giap, é evidente, haviam aceito os preceitos de Mao acêrca da preservação dos quadros de oficiais e da conquista do apoio popular.

Embora Giap jamais mencione em seu livro os desastrosos ataques de dezembro de 1946, é óbvio que os fracassos viets desta fase inicial serviram de lição. Em primeiro lugar, êle viu que uma estratégia perfeita por si só não bastava e que eram também necessárias táticas irrepreensíveis. Entre os erros de tática, êle incluia as emboscadas concebidas sem imaginação, os esforços de defender determinado terreno por tempo indevido e as tentativas de cercar o inimigo após a chegada de reforços poderosos. Em seguida, Giap registrou o que, para fôrças fracas, representa em riscos, uma guerra convencional: "Para um exército relativamente fraco e mal equipado, o clássico conceito de guerra é por demais perigoso e deveria ser rejeitado com determinação". Êle salientou que os maiores fracassos dos vietminh nasceram do desprêzo às táticas de guerrilha e das suas tentativas de empreenderem batalhas formais. O malôgro no sul, pensava êle, surgira da liderança política imprópria e do treino ineficiente das tropas, ao passo que, no norte fôra devido ao adestramento militar inadequado e à escassa compreensão da verdadeira essência da luta de guerrilha. Finalmente, Giap julgou um êrro estratégico não considerar a Indochina um único teatro e, portanto, uma falha básica na condução da guerra. (A êsse respeito, o autor acha que Giap estava enganado: geográfica, racial e històricamente a Indochina não era homogênea e fracassavam as subsequentes tentativas de transformá-la numa só área estratégica).

Conforme Giap, a segunda fase da guerra tinha começado em 1947 e ainda estava em vigor na época em que escrevia seu livro (1950) (*). Os anos intermediários haviam

(*) A maior parte dos observadores situaria em 1949 o início da segunda fase, visto que os franceses conservavam a iniciativa durante 1947-49 e os primeiros assaltos vietminh, de natureza formal, não ocorreram até 49.

sido propícios aos vietminh, tanto para suas próprias façanhas revolucionárias como para os progressos no campo francês. Os vietminh tinham conservado sua estratégia de defesa e aumentado a quantidade e a qualidade de suas tropas. Êle escreveu:

"As atividades das companhias independentes comandadas em conjunto com as equipes armadas de propaganda, as unidades de guerrilha e a milícia de aldeia eram os modos principais de combate usados para apressar nossa luta de guerrilha, destruir as reservas contrárias e proteger as nossas próprias. Sendo as "bases" populares indispensáveis à evolução da luta de guerrilha, nós dispersávamos as companhias de cada batalhão, dando-lhes a necessária liberdade de ação a fim de que pudessem se infiltrar nas várias regiões e cimentar sua amizade com a população local. As companhias, bastante fracas, não tardaram a compreender o valor das bases populares fixas. Graças ao seu profundo conhecimento das diversas áreas, êles, sem dificuldade, conquistaram o apoio do povo. Sua ligação íntima com bases populares deu forte impulso ao conflito armado. Quando as unidades guerrilheiras haviam adquirido experiência suficiente e a milícia local se tornara bastante poderosa, os elementos dispersados das companhias, gradualmente, se reagrupavam nas diferentes localidades".

O inverno de 1949-50, em particular, foi descrito por Giap como um período de progresso para o Vietminh. A marcha de preparação aumentou, as ações ofensivas tornaram-se mais frequentes e ousadas e as pequenas unidades foram escalonadas numa grande linha de frente. Deu-se mais ênfase às fôrças regulares e à guerra de movimento. As fôrças regionais e comunais, contudo, não foram negligenciadas e a luta de guerrilha intensificou-se mais do que nunca.(*) Êle resumiu o esfôrço da seguinte maneira: "É preciso o trabalho incessante para melhorar as condições de nossas fôrças e desgastar as do adversário, fazendo a balança pender gradualmente a nosso favor no prosseguimento rápido para a terceira fase".

(*) Para uma discussão mais detalhada das características diferenciais do exército regular, das tropas regionais e das fôrças populares e de suas relações recíprocas, veja pags. ....

Giap achava que os franceses, àquela altura, davam atenção, em primeiro lugar, à guerra defensiva, prejudicando, assim, seus objetivos na Indochina. Até certo ponto isto era verdade. Embora, no final da década de 40, continuassem a executar operações de limpeza e ofensivas limitadas, os franceses nunca mais estiveram tão próximos duma vitória total como em 1947. Os líderes vietminh admitiram êsse fato e também o seu considerável sucesso nos esforços de pacificação no sul. Entretanto, Giap viu claramente a fragilidade da situação francesa. Êle prognosticou que, com o prosseguimento da guerra, os franceses haveriam de usar tropas coloniais e até mesmo vietnamitas (*) que o potencial humano e as provisões jamais seriam adequados e, certamente, o moral também baixaria. Tanto Giap como Ho Chi Minh consideraram 1950 o ano decisivo, dando a entender que a terceira fase não estava muito distante. De acôrdo com Giap os três requisitos para passagem à terceira fase eram: superioridade das fôrças revolucionárias, situação favorável e manifesto enfraquecimento do inimigo. Êle escreveu: "Não iniciaremos uma contra-ofensiva geral antes que a nossa fôrça em tôdas as áreas (política, econômica e militar) se reflita em nosso poder militar." Em 1950, o Exército do Vietminh, em número, assemelhava-se ao francês e estava progredindo na aptidão de manobrar e de concentrar-se em campanhas maiores. As tropas francesas, obstinadas em permanecerem nos fortes e nas bases, permitiam aos vietminh que alcançassem a superioridade tática com grande facilidade. Em dezembro de 1949, a chegada de tropas chinesas à fronteira pressagiou auxílio externo. A capacidade militar dos franceses, por outro lado, ressentia-se, cada vez mais, da falta de reforços, da dispersão e das dificuldades logísticas; os franceses, sem dúvida, ocupavam a defensiva e sua vontade de combater diminuía. Mais importante ainda, a protelação francesa a respeito da independência havia provocado o desinterêsse e o afastamento da população.

(*) Convém lembrar que a lei francesa vetava o uso de conscritos fora da França; assim, o total encargo da guerra caía sôbre o Exército Regular Francês e a Legião Estrangeira.

Contudo, o otimismo de Giap em 1950 ainda era marcado por várias ressalvas. Até certo ponto, êle considerava as fôrças militares francesas superiores ao seu próprio corpo de batalha porque elas possuiam um sistema de comando mais eficiente, mais e melhor equipamento e maior potência de fogo. Além disso, êle confessava que a execução da guerra de movimento, que por si só poderia trazer a vitória, revelara-se mais complexa do que havia previsto. A escassez de oficiais de Estado-Maior e especialistas tornara inesperadamente difícil a solução dos problemas de comando, de comunicações e de logística. Em conclusão e, bastante significativamente, Giap, de modo indireto, admitiu que restavam grandes segmentos da população ainda não conquistados para a causa vietminh e, portanto, incapazes de proporcionar base segura para operações de um exército regular.(*)

A opinião de Giap no tocante à terceira fase, descrita por êle como a fase da "contra-ofensiva geral" cujos primeiros objetivos seriam a aniquilação do adversário e a reconquista do território nacional, não era tão simples como a de Mao. O nome foi dado, não porque implicasse num assalto a tôdas as frentes, mas porque conduziria à vitória final. Êle concebia essa fase com várias subdivisões, sendo que sòmente na última travar-se-iam combates formais. Antes de prosseguir até à terceira etapa, o Vietminh teria de estar seguro de (1) absoluta superioridade moral das fôrças revolucionárias; (2) considerável melhoria na posição material do seu exército que reduzisse as vantagens econômicas francesas (Giap descrevia a economia agrícola da Indochina como sendo ideal para a guerrilha, mas não tanto assim para operações maiores e mais formais); (3) situação internacional cada vez mais favorável aos comunistas; (4) forte e resoluta direção da guerra dada pela liderança comunista em contraste à decrescente segurança no comando inimigo. Sob todos os quatro aspectos, êle pensava, os vietminh lucrariam grandemente com aumento de desentendimentos entre os franceses e os americanos e com as divisões políticas internas na França.

(*) O povo se separava cada vez mais dos franceses, mas, nem por isso ,aderia com entusiasmo ao Vietminh. Todavia, mesmo os indiferentes dificultavam a situação, ajudando, indiretamente, o Vietminh.

Tôdas as formas de guerra seriam empregadas durante o terceiro estágio, mas a guerra de movimento tornar-se-ia cada vez mais importante, ao passo que a luta guerrilheira assumiria valor secundário. Aumentaria o número de combates formais. A guerra de movimento, no entender de Giap, convinha plenamente aos comunistas, pois, não sòmente se beneficiava de sua superioridade moral como permitia que encurralassem e aniquilassem o inimigo. No entanto, a guerrilha jamais perderia seu valor, porque também dependia de bom moral e era menos prejudicada pela inferioridade de material. Além disso, na fase final as fôrças irregulares seriam um elo importante no sistema logístico do exército regular.

Giap sustentava que a fase final poderia ser longa ou curta e que a sua duração, apesar de influenciada, não seria passível de ser inteiramente controlada pelos vietminh. Era possível que a absoluta superioridade moral dos vietminh encurtasse essa fase porque:

"Isso permitirá que aceleremos a nossa marcha, auxiliados pelo sacrifício voluntário da população, sua resistência e revolta em regiões ocupadas pelo inimigo, e por causa do aumento das nossas fôrças devido à mobilização geral e ajuda do exterior. Essa superioridade poderia ocasionar grandes revezes ao inimigo: deslocação das tropas rebeldes, origem de idéias contrárias à guerra entre as tropas francesas. Talvez a situação doméstica dos franceses fôsse severamente afetada pelas derrotas na Indochina, pelo pacifismo, e pelos movimentos de independência nas colônias. Graves erros poderiam ser feitos pelos franceses em sua estratégia. Por outro lado, a pobreza material do Vietminh, a prolongada resistência francesa no sul, uma intervenção americana e britânica mais ativa poderiam estender a fase. Se êsse fôsse o caso, a guerra assumiria a mais clássica das formas de combate, com batalhas campais e longas campanhas".

O USO DA TEORIA DE MAO

A teoria de Mao da guerra prolongada forneceu um esquema para a condução da guerra revolucionária na Indochina e vários dos seus princípios foram acentuados na doutrina vietminh. Um dêsses era a "segurança da retaguarda". Êsse têrmo não significava para os vietminh o que representa para os militares ocidentais. Na terminologia ocidental, é um modo de dizer que provisões haviam sido feitas pelas fôrças militares para assegurar o funcionamento dos escalões da retaguarda sem interferência do inimigo. Para o Vietminh, "segurança da retaguarda" significava que os habitantes da região haviam sido conquistados para a causa revolucionária e que onde quer que o exército operasse, receberia caloroso apoio. O exército dependia da população para formar uma base segura para suas operações. Uma vez doutrinado o povo, não era suficiente sua mera simpatia à causa. O exército regular nêle confiava para contribuições positivas, tais como: alimento, abrigo, informações e transporte. Quando necessário, os habitantes locais também forneciam esconderijos para as tropas e muitas vêzes aceitavam sua permanência entre êles por longos períodos.

Contudo, o apoio popular sòmente não predominava na escolha das zonas de operação, pois há evidência que outras circunstâncias, tais como: terreno e iniciativa do inimigo e, sobretudo, a combinação dêsses dois fatores, tenham sido mesmo determinantes mais poderosos. Devido a concentração francesa no Delta do rio Vermelho, os vietminh eram forçados a permanecer e operar, principalmente, nas áreas montanhosas fora do Delta, onde as várias minorias não eram solidárias, de modo especial. Essa gente pensava que o Vietminh fôsse um movimento viet-

namita e, como sempre haviam detestado os vietnamitas, êles agora desconfiavam do Vietminh. Por outro lado, os vietnamitas mais solidários à causa vietminh moravam no Delta e na região costeira onde os vietminh não podiam operar à vontade.

O princípio de segurança da retaguarda — como se fôsse ao contrário — guiava os esforços vietminh na criação de insegurança nas áreas ocupadas pelo inimigo. Para essa finalidade, grupos guerrilheiros eram organizados nas zonas francesas, as quais, com muita eficiência, não sòmente atordoavam o inimigo com ataque sucessivos como também doutrinavam a população, minando o regime francês e, mais tarde, o govêrno nacional vietnamita patrocinado pelos franceses. Essas células comunistas lançavam a guerra de propaganda e estabeleciam governos secretos nos povoados e às vêzes mesmo em unidades administrativas maiores. Alguns simpatizantes vietminh (conhecidos como Dich Van) vinculavam-se às fôrças francesas para desertar tão logo isso lhes fôsse ordenado por seus líderes.

A importância do combatente guerrilheiro segundo a teoria vietminh de guerra difìcilmente pode ser exagerada. Ativo em tôdas as fases da guerra, êle era eficiente tanto na construção como na destruição. Enquanto que os soviets haviam considerado o guerrilheiro um auxiliar útil ao Exército Vermelho, os vietminh usavam-no de todos os modos possíveis e provaram que êle poderia operar em qualquer lugar. Além de suas óbvias tarefas de sabotagem, importunação, emboscada e ataques ao inimigo, os guerrilheiros viets empreendiam guerra política nas áreas amigas e inimigas. Muitas vêzes forneciam algumas das fôrças de cobertura e de segurança para o exército regular e também "preparavam o campo de batalha" (o que compreendia armazenagem, coleta de informações e, às vêzes, fortificação). Em muitas ocasiões êles eram solicitados a prestar auxílio à logística. A experiência vietminh mostrou, ademais, que guerrilhas podiam ser desenvolvidas até mesmo em áreas urbanas, como por exemplo nas cercanias de Saigon, ocupadas pelos franceses. Como se verá mais adiante, Giap também infiltrou unidade regulares no densamente habitado Delta de Tonquim, onde desempenharam as funções de guerrilheiros.

Ainda de acôrdo com a liderança chinesa, os vietminh formaram "bases" que serviam a vários fins. Na definição viet, as características de uma zona de base eram "um complexo de aldeias ìntimamente integradas e prontas para a defesa; um povo polìticamente doutrinado onde até às crianças cabiam tarefas específicas de informação; uma rêde de depósitos temporários de munições e suprimentos; u'a máquina administrativa paralela à da autoridade legal à qual, conforme o caso, pode ser acrescentada qualquer unidade regular (de exército) designada a operar na área". A base típica, portanto, estava equipada para servir de núcleo para o govêrno vietminh e ponto fortificado para operações militares. Essas organizações podiam ser clandestinas ou públicas, dependendo da situação. A mais importante das primitivas áreas de base estava situada a Noroeste de Hanói.

Mao reconhecera a dificuldade em selecionar o instante exato de desencadear a contra-ofensiva geral e os chineses haviam mantido consideráveis discussões a respeito da escolha do momento oportuno para agir. Os vietminh experimentavam semelhantes dificuldades e diferenças de opinião. Giap, embora aceitasse completamente a doutrina de Mao da guerra prolongada, parecia impaciente em iniciar a terceira fase. Ainda que sua própria análise da situação em 1950 tivesse revelado suas restrições a respeito da capacidade vietminh naquela época, êle insistia em entrar na ofensiva durante os primeiros meses daquele ano. O chefe do Partido Comunista fêz-lhe oposição, argumentando que as condições ainda não eram favoráveis à terceira fase. Até que ponto êsse assunto foi discutido, não se sabe, mas o Congresso militar de 1950 aprovou os planos de Giap.

Durante a última metade de 1949, os franceses haviam transferido o seu primeiro campo de operações da Conchinchina no sul para Tonquim no norte. A razão mais importante para essa mudança, foi a chegada de tropas comunistas chinesas à fronteira da Indochina. Ademais, os franceses estavam preocupados com a crescente fôrça dos vietminh no norte e sentiam que o êxito da pacificação no sul tornara possível e segura essa transferência do esfôrço principal. Contudo, havia perigos envolvidos, pois

a mudança de um grande número de tropas para a área do norte depreciava as operações de limpeza e a manutenção do "status quo" no sul.

Havendo o norte se tornado o mais importante teatro de operações, Giap atacou a fileira de fortes franceses na fronteira chinesa no outono de 1950, e na famosa batalha de Route Coloniale 4, quase aniquilou as guarnições francesas. O próprio Giap parecia surprêso com a extensão de seu triunfo e demorou em seguir de perto seu sucesso. Segundo muitos observadores, as fôrças de Giap, apesar dessa ação vitoriosa, não estavam prontas para uma batalha aberta, porque o exército regular ainda não fôra totalmente formado. Êsse ponto de vista parece ter sido confirmado pelas subsequentes derrotas limitadas impostas a Giap pelas fôrças francesas sob o comando do Marechal de Lattre em Vinh Yen (janeiro de 1951) e Mao Khé (março de 1951) e pela derrota no rio Day (maio de 1951). Após êsses revezes, Giap recolheu suas tropas no final da temporada de combate e dispôs-se a recrutar, equipar e treinar um exército mais forte.

O Marechal de Lattre, que assumiu o comando na Indochina em dezembro de 1950, não sòmente seguiu, como aprimorou as táticas de seu predecessor, o General Carpentier, que havia estabelecido um sistema de postos e fortes, a fim de proteger o Delta de Tonquim e proporcionar uma base segura, confiando em unidades móveis para operações de ofensiva. O Marechal reagrupou suas tropas e organizou grupos móveis para desempenhar a função de fôrças atacantes e prover reservas móveis. Essas medidas exigiram um grande número de homens e, em consequência, alguns postos avançados foram abandonados e certas áreas se renderam voluntàriamente aos vietminh. Mas, embora de Lattre aparentemente houvesse tentado criar uma base segura donde pudesse atacar ofensivamente, seus sucessores, após sua morte em princípios de 1952, tornaram-se sempre mais apegados às funções defensivas dêsse sistema. De Lattre soubera também, como ninguém, entusiasmar suas tropas, ao passo que os comandantes seguintes, cada vez mais, se viam obrigados a enfrentar problemas de moral.

Em novembro de 1951, os franceses atacaram e capturaram Hoa Binh, com isso cortando a rota de comunicações norte-sul dos vietminh. Giap contra-atacou, mas os franceses haviam previsto seu lance e, na verdade, tinham planejado desgastar suas fôrças numa batalha convencional. Giap sofreu pesadas baixas, mas continuou a batalha por três meses, envolvendo-se numa campanha prolongada de guerra de posição, contrária às idéias de Mao.(*) Enfrentando cada vez maiores problemas de abastecimento, pesadas perdas e infiltração vietminh no Delta, os franceses, relutantes, abandonaram Hoa Binh. Pretenderam diminuir a gravidade dessa retirada, alegando que até então haviam realizado seu objetivo, forçando Giap a batalhas campais das quais resultaram pesadas baixas.

(*) Ao atacarem uma das posições-chaves contrárias mais fracamente defendidas, os franceses talvez tenham ensinado a Giap um ardil que êle, mais tarde, tornaria a usar contra êles.

O TEMPO DA AUTO-ANÁLISE

Em agôsto de 1952, ao celebrarem o sétimo aniversário da revolução que conduzira ao estabelecimento da República Popular, os líderes vietminh admitiram alguns dos seus erros nos anos intermédios; sem dúvida, conscientes dos obstáculos de 1951, êles já previam uma guerra longa. Segundo o Vice-Presidente Phan Van Dong, "a Resistência existe há sete anos. Ainda vai durar um longo tempo e restam muitas dificuldades a serem sobrepujadas". Truong Chinh deu ênfase à necessidade de atividade guerrilheira e mesmo Giap disse que "o Vietminh precisa prosseguir, enèrgicamente, a luta na retaguarda inimiga". Todos os oradores concordavam ser indispensável o desgaste dos franceses e a conquista política das massas rurais. O conteúdo dos discursos era muito mais comedido e menos otimista do que em 1949-50, sendo evidente que os vietminh haviam subestimado o inimigo e mal calculado o momento oportuno para a contra-ofensiva (ainda que Ho o situasse num futuro muito próximo).

Contudo, mesmo durante êsse período de reconstrução e auto-exame, Giap, aparentemente, sentia-se compelido a continuar a ofensiva. Decerto êle considerava a situação propícia e atribuía seus fracassos anteriores a táticas impróprias. Mas é também possível que, de posse duma estimativa correta da situação, êle tivesse encontrado fortes razões para permanecer na ofensiva que, em vista das derrotas de 1951, significava o abandono dos preceitos de Mao. Apesar de não estarmos seguros de suas motivações, há muitas provas que levam à importante conclusão de que, pelo menos uma vez, sérios problemas de moral apareceram no campo vietminh em geral e no exército em particular. O sucesso no outono

de 1950 deve ter despertado esperanças que tornaram ainda mais decepcionantes as derrotas da primavera seguinte. Algum desassossêgo entre os camponeses fôra criado pelas reformas agrárias dos vietminh e pela modificação do sistema fiscal. Segundo os franceses, Ho nunca havia realmente conquistado o apoio do camponês como Mao o havia feito na China, e seus partidários entre os aldeões eram aventureiros e descontentes. Conquanto a acusação francesa seja òbviamente exagerada, resta pouca dúvida que os líderes viets, àquela altura, tivessem alguns problemas de moral no exército e entre a classe agrícola.

Giap então retornou às táticas operacionais que evitavam batalhas campais e tentou, em vez disso, tirar os franceses dos seus pontos fortes no Delta. Essa estratégia de "zones excentriques", como os franceses a denominavam, era bastante semelhante ao "método indireto" de Liddell Hart. Giap decidiu atacar as áreas que, apesar de mal defendidas, tinham certo valor político e psicológico para os franceses e exigiam pelos menos uma defesa simulada. A escolha óbvia para essas operações eram aquelas regiões montanhosas onde certas minorias étnicas haviam permanecido partidárias dos franceses. A invasão da região do Thai(*), em setembro de 1952, foi um excelente exemplo dessa estratégia que funcionou exatamente como Giap havia planejado. Exceto pelo único êrro tático de organizar e efetuar um ataque prolongado a um dos fortes franceses, a operação foi levada a cabo com extrema habilidade.

Enquanto as fôrças francesas estavam concentradas no Delta do rio Vermelho, as áreas montanhosas eram fracamente defendidas, mas por motivos patentes os franceses relutavam em evacuá-las. Estavam, pois, em face de um dilema: ou abandonavam essa gente da montanha, ou expediam tropas do Delta, debilitando com isso as defesas daquele lugar. Mesmo se escolhessem a última alternativa, êles não podiam dar-se ao luxo de enviar tropas adequadas para enfrentar a fôrça principal de Giap naquelas zonas difíceis, pois caso assim fizessem deixariam o Delta aberto à infiltração maciça. No final, os franceses evitaram uma escolha na verdade impossível,

(*) Parte da Indochina, não da Tailândia.

e tentaram, em vez disso, seguir ambos os cursos. Como resultado, viram-se incapazes de reunir fôrça suficiente em ambas as áreas; as fôrças enviadas para as montanhas ali se revelaram inadequadas e sua ausência enfraqueceu sèriamente as defesas do Delta. A derrota em Dien Bien Phu foi em grande parte o resultado de êrro semelhante na estratégia francesa.

No outono de 1953, os franceses concluíram um tratado que associava o Laos à União Francesa sob condições muito satisfatórias para os franceses. A possibilidade de uma invasão vietminh ao Laos despertou a preocupação dos franceses e, em novembro, o General Navarre decidiu ocupar Dien Bien Phu a fim de forçar Giap a enfrentar êsse forte antes de invadir o Laos. Navarre também esperava criar um campo entrincheirado tão poderoso que o ataque viet seria não sòmente um insucesso, como também muito dispendioso. Portanto, a ocupação de Dien Bien Phu tinha o duplo propósito de defender o Laos e de forçar os viets a assaltarem, com desvantagem, uma posição fortemente defendida.

A comunicação, em janeiro, que uma conferência dos aliados seria convocada no mês de abril seguinte, em Genebra, a fim de tratar do problema da Indochina, parece que influenciou os vietminh a realizarem um esfôrço total contra Dien Bien Phu — mesmo a ponto de aceitarem uma batalha tipo cêrco e pesadas baixas — em consideração aos interêsses políticos em Genebra. Giap, então, fêz voltar a 308.ª Divisão, nesse tempo empenhada na invasão do Laos, que os franceses tentavam impedir, e colocou-a ao redor de Dien Bien Phu.

O dia 26 de abril marcou a abertura da Conferência de Genebra e o começo do último e sangrento ataque a Dien Bien Phu. Com segurança e vagar, a superioridade numérica e o poder de artilharia dos vietminh arrasou a posição francesa. No dia 8 de maio a praça fortificada se rendeu, dando ao Vietminh uma tremenda vitória política.

Essa batalha, conquanto violasse um dos maiores dogmas da doutrina viet (que, principalmente batalhas campais e, em particular, cercos devem ser evitados) confirmava certos outros. Em primeiro lugar, demonstrou a importância de se submeter considerações militares a

fins políticos. Ainda que a batalha de Dien Bien Phu tenha, sem dúvida, prejudicado o corpo de batalha de Giap — os franceses estimaram as perdas contrárias como o dôbro das suas — as vantagens políticas e o golpe ao moral francês na Indochina e, em especial, na França, de muito compensaram êsses danos. A experiência de Dien Bien Phu também revelou o valor do esmerado preparo da batalha pelo Vietminh, sua habilidade e diligência em camuflagem e entrincheiramento. É difícil determinar se o emprêgo de fogo de artilharia direto, talvez fator decisivo, foi impôsto aos viets pela falta de treinamento da companhia no uso convencional da artilharia, ou se foi escolhido de propósito, como sendo o mais adequado ao terreno.

Sob o restrito ponto de vista militar, a derrota de Dien Bien Phu não foi, necessàriamente, catastrófica para os franceses. Giap também havia sofrido bastante. Além disso, a praça-forte francesa, embora assaz importante, representava apenas 1/15 do total das tropas francesas na Indochina, mas as repercussões políticas, como previstas pelos líderes viets, foram de tal ordem que Paris decidiu pôr fim à luta.

II

A ORGANIZAÇÃO MILITAR DO VIETMINH

A dupla meta da organização militar vietminh era criar uniformidade ideológica através de todo o país e desenvolver um exército moderno e eficiente. Com êsse objetivo, a liderança comunista dispôs-se a organizar u'a máquina militar com contrôles políticos estritos, autoridade centralizada e organização territorial uniforme. Logo de início, as fôrças militares foram divididas em três grupos de variável capacidade combativa: o exército regular, as fôrças regionais e as tropas populares. Além disso, o Partido Comunista mantinha, dentro do exército, uma organização política correspondente à militar em todos os escalões. Essas eram as raras características básicas da organização, que persistiram inalteradas durante tôda a guerra. De resto, a dedicação dos vietminh ao princípio comunista que a organização não deve ser estática e, sim, refletir progresso, e sua aceitação da teoria de Mao da guerra prolongada em três fases, significava que a máquina militar deveria estar em estado de constante evolução organizacional. A necessidade de experimentação prática sob condições atípicas de guerra, contribuia ainda mais para o curso da situação.

Entrementes, pequenos grupos de guerrilha transformaram-se em divisões modernas que, por sua vez, sofreram modificações. O simples comando de guerrilha de 1944, após numerosas mudanças, tornou-se o complexo Estado-Maior Geral de 1954. A organização política dentro do exército, cautelosa e limitada em seus poderes de contrôle durante os primeiros anos de luta, no fim ampliou-se num organismo altamente influente.

Nos últimos anos da guerra, o Conselho Militar Nacional, composto do Presidente Ho e dos Ministros de Defesa, Interior e Finanças, dirigiram o esfôrço de guerra total. A responsabilidade da condução militar da guerra estava com o Ministério da Defesa Nacional, cuja organização interna também foi alterada com a solução dos velhos problemas e o aparecimento de novos.

No início da guerra, os vietminh dividiam altas posições de govêrno com os líderes dos grupos nacionalistas, mas, gradualmente, enquanto aperfeiçoavam a organização de seu partido, instruíam líderes comunistas nos escalões inferiores e obtinham mais auxílio popular, êles tiraram os não-comunistas das posições de responsabilidade. Era certo que, nos primeiros anos da década de 50, os viets haviam garantido o domínio seguro do aparato militar e perseguido objetivos comunistas em adição às suas finalidades nacionalistas.(*)

Na época da cessação de hostilidades, o Ministério da Defesa Nacional era chefiado por Vo Nguyer Giap, que, como Comandante em Chefe do Exército, tinha, a par do contrôle operacional, encargos administrativos. O Ministério era organizado nos moldes chineses com três subdivisões importantes: o Bureau Político, o Diretório Geral de Suprimentos e Manutenção e o Estado-Maior Geral.

(*) Em 1951, Ho Chi Minh anunciou a criação do Lao Dong (Partido dos Trabalhadores), essencialmente a primeira apresentação pública do Partido desde a sua "dissolução" em 1945.

O BUREAU POLÍTICO

O regime vietminh, como qualquer outro govêrno comunista, ligava enorme importância aos aspectos políticos da guerra. Uma organização política dentro da ordem militar foi planejada a fim de assegurar o ensinamento ideológico apropriado aos soldados e a integração de ações militares com metas políticas. Nos primeiros anos da guerra, quando a norma de agir era a da cooperação com os grupos nacionais, o poder dos agentes políticos (comissários) era ainda limitado; os comandos militares davam a decisão sôbre assuntos militares, ao passo que as atividades dos funcionários políticos eram restringidas aos assuntos puramente políticos. Contudo, enquanto o elemento vietminh se fortificava, o equilíbrio se alterava. Até 1950, havia instruções específicas dizendo que, em caso de conflito entre o comando militar e o comissário político, a opinião do último era decisiva. (Todavia, a experiência russa talvez conduza à sobrestimação do papel dos comissários. Na Indochina, como na China, a maioria dos líderes eram comunistas que haviam lutado longa e corajosamente pela causa, em geral leais aos seus propósitos e, assim, necessitavam de pouca supervisão política).

Até o fim da guerra, o Bureau Político havia sido instalado dentro do Ministério da Defesa como o mais alto órgão de contrôle político das fôrças armadas. Tanto os comandos territoriais como as divisões tinham os chamados "Comissários Políticos Adjuntos". Mesmo em comandos temporários, tais como as "frentes", os funcionários políticos exerciam intensa supervisão sôbre tôdas as atividades. Nas unidades superiores, êsses homens eram assistidos por vários comitês. No nível de divisão, por

exemplo, havia comitês para administração, instrução política, recreação, preparo do campo de batalha, propaganda para civis, propaganda contra o inimigo e negócios do Partido. Nos níveis inferiores, a organização se tornava mais simples. Não existiam comissários políticos abaixo do nível de companhia, mas, em cada pelotão, uma célula política agia em íntima relação com o oficial político da companhia. No escalão de companhia estava o Conselho Militar, formado de pessoas eleitas pelos membros da companhia por um período de três meses e sujeitos à reeleição. Êsse conselho, um artifício "democrático", destinava-se a "educar as tropas e dar orientação política, não permitindo aos soldados discussões ou brigas com os oficiais". Quando a companhia era dividida, os vários pelotões possuiam seus conselhos militares, individuais e menores.

A par da organização política oficial dentro do exército, havia, aparentemente, uma organização partidária clandestina que, em certos níveis, se fundia com a organização política. Cada companhia e cada batalhão tinha sua célula comunista, com uma sub-célula para cada seção e um secretário responsável pelo trabalho e disciplina de ambas, célula e sub-célula. Se a célula tinha mais de nove membros, elegia-se um grupo menor, chamado o Comitê dos Delegados, a fim de, em conjunto com o secretário, funcionar como Comitê Executivo. No nível de regimento e no nível de divisão, a organização do Partido se unia à organização política, para formar o sub-comitê de negócios do Partido sob a direção do Comissário Político.

Enquanto os homens de organização do Partido eram, por definição, membros do Partido Comunista, o mesmo acontecia, mas não obrigatòriamente, com os oficiais da organização política. Os oficiais políticos usavam uniformes e eram membros das fôrças armadas, porém gozavam de posição privilegiada.

O DIRETÓRIO GERAL DE SUPRIMENTOS E MANUTENÇÃO

A segunda importante subdivisão do Ministério de Defesa, o Diretório Geral de Provisões e Manutenção, tinha quatro repartições: Víveres, Vestuário e Equipagem; Armas e Munições; Saúde; e Transporte. Êsses serviços, de modo algum, eram tão complicados como seus modernos equivalentes ocidentais. Antes de surgir o exército regular, o sistema de aprovisionamento era, em grande parte, descentralizado; só com a formação do corpo de batalha e com a chegada de maciço auxílio chinês, tornou-se mais centralizado e complexo. Pouco se sabe a respeito de sua organização, porém a maneira de operar do sistema logístico será discutida com mais detalhes no capítulo seguinte.

O ALTO COMANDO E O ESTADO-MAIOR GERAL

Cabiam ao Alto Comando do Vietminh, desde o comêço, inúmeras responsabilidades, algumas das quais não pertinentes, por via de regra, às funções de Alto Comando. No início, uma das principais era o comando de guerrilha (apesar de existir um chamado Estado-Maior Geral, êsse era muito rudimentar). Em abril de 1947, o Supremo Comando, como então se intitulava, tinha cinco importantes subdivisões: um Serviço de Informações, um Serviço Político, um Departamento para Tropas Populares e um Estado-Maior Geral. Êsse último, de organização muito simples, ocupava-se das operações que, na época, constavam principalmente de pequenas, porém numerosas, guerrilhas. Na fase inicial da guerra, estava também a seu cargo o treino e a organização de unidades maiores com o objetivo final de formar um exército de campanha moderno. As operações e adestramento permaneceram as missões básicas do Estado-Maior Geral até o fim de 1949 ou princípio de 1950, quando o planejamento — segundo a terminologia ocidental — começou a representar um papel muito mais destacado no trabalho do Alto Comando.

Em 1950, foi criado, ou melhor, reorganizado do anterior, um Estado-Maior Geral mais moderno, baseado, em grande escala, no modêlo francês. O gabinete dêsse nôvo Estado-Maior Geral tinha quatro Seções: Segurança Local, Comunicações, Contas e Administração. Os quatro principais oficiais de Estado-Maior encarregavam-se do pessoal, das informações, das operações e do suprimento, nos moldes do sistema do Exército Americano. Abaixo do Estado-Maior Geral estavam os comandos territoriais e os regimentos. Segundo o plano de organização, era evi-

dente que o Estado-Maior devia planejar e dirigir as operações de grandes unidades. Seu ponto mais forte era, sem dúvida, a informação e, o mais fraco, o aprovisionamento. Também, Giap tinha insuficiência de oficiais de Estado-Maior treinados e muitas das fraquezas de sua organização eram um reflexo dessa escassez.

O ESTADO-MAIOR GERAL DEPOIS DE 1953

Até 1953, a organização do Estado-Maior se tornara mais complicada e as mudanças claramente mostravam a influência chinesa. As quatro bem conhecidas divisões de Estado-Maior haviam sido eliminadas e substituídas pelos "bureaux" chineses, em maior número. Oficiais do Vietminh estavam sendo treinados em escolas chinesas e um respeitável grupo de assessores chineses juntou-se ao exército viet, em especial, ao Estado-Maior. Êsse último, então possuia 10 "bureaux" de acôrdo com o desenvolvimento e a ampliação do objetivo de suas atividades. Os dois mais importantes eram o Bureau Político do Estado-Maior, colocado em primeiro lugar nos mapas de organização, e o Diretório de Operações. Trabalhando em estreita relação com ambos, mas abaixo dêles, estava o Bureau de Negócios Importantes, encarregado do adestramento e da planificação com previsão antecipada de, pelo menos, seis meses.

Enquanto desenvolviam as divisões e começavam a se prevenir para operações de maior alcance, os vietminh tinham de fazer planos para o futuro, não só pelas razões militares habituais, mas por causa de vários fatôres peculiares à situação na Indochina. Um dêsses era o fenômeno da "frente", quartéis-generais temporários especialmente estabelecidos para operações individuais, envolvendo unidades do corpo de batalha. Cada frente exigia um certo prazo para fazer seus planos e tornar-se operante. Todavia, essas frentes não devem ser confundidas com as da terminologia ocidental. Uma frente vietminh era criada para uma missão tática específica numa área de ação bem definida e colocada sob um comando ao qual se proporcionava os meios de realizar a tarefa, para tal

incluindo não só unidades regulares como também tropas regionais e populares, capazes de ação e de prestar serviço auxiliar e ajuda logística. Após a operação, a frente era dispersada. O Vietminh também dava grande importância ao que chamava "preparar o campo de batalha", isto é, o absorvente e demorado esfôrço de armazenar suprimentos, juntar informações e, às vêzes, construir fortalezas. Por último, gostavam de trabalhos de escrita: muitos oficiais franceses fizeram referência à enorme quantidade de mensagens, ordens e instruções divulgadas. Por todos êsses motivos, os vietminh gastavam muito mais tempo do que o razoável na planificação das grandes campanhas. Só tinham inteligência para projetar, com rapidez, as pequenas operações tipo-regimento e, mesmo então, o eficiente emprêgo do fator surprêsa fazia supor que haviam se movimentado mais depressa do que na verdade o haviam feito.

Os restantes sete bureaux do Estado-Maior Geral de 1953 consistiam em Diretórios para Informações, Treinamento, Administração, Fôrças Armadas, Tropas Militares, Negócios Militares, Comunicações e Ligação. Além disso, havia uma secção especial de engenharia e artilharia, aguardando a remessa de equipamento em quantidades ainda maiores e um Bureau de Códigos. As principais funções de aprovisionamento e manutenção tinham sido desligadas do Estado-Maior Geral e, conforme o exemplo dos chineses, transformadas numa organização à parte. O nôvo Estado-Maior era mais apto e experiente do que o de 1950. Tinha a capacidade de controlar a ação de várias divisões e demonstrou ser eficaz no projeto e na execução de operações da importância e escopo de Dien Bien Phu.

O Alto Comando, àquela altura, assumia o papel da mais alta unidade de planificação militar, bem como o de Estado-Maior e Quartel-General do exército de campanha. Combinava os encargos de quartel-general da fôrça aérea, estado-maior do ar, comando de treinamento e várias fôrças aéreas (ou, em terminologia militar americana, os deveres do Estado-Maior Geral, Comando do Exército Continental e Exércitos de Campanha). Enquanto o exército regular permanecia relativamente pequeno (mais ou menos do tamanho de um exército de campanha dos Estados Unidos), o ajuste das tarefas não era tão complicado como poderia parecer à primeira vista. Ademais, a falta de pessoal treinado tornava essencial êsse acúmulo de direção e responsabilidade.

AS UNIDADES REGULARES

Diretamente sob as ordens do Alto Comando, na qualidade de Guartel-General do Exército de Campanha, estavam as unidades regulares do exército. Até 1950, a grande unidade havia sido o regimento, às vêzes reforçado, passando, então, a chamar-se "grupo". A marcha do desenvolvimento, a partir daquela época, foi tal que, mesmo sem o auxílio chinês, em pouco tempo, tinham sido criadas divisões de linha. Contudo, a ajuda substancial dos chineses, iniciada em 1950, garantiu melhor equipamento e acelerou a formação de grandes unidades. Já no final da guerra, havia seis divisões e vários regimentos em Anam do Norte.

As primeiras divisões vietminh (em 1950) eram unidades reforçadas com cêrca de 15.000 homens. Parece que possuíam uma proporção muito elevada de soldados de combate classificados como tropas de assalto e tropas de artilharia e relativamente pequenos elementos de comando e serviço. Mas os mapas de organização, às vêzes, são artificiosos, pois, como se verá adiante, as unidades de combate incluíam um número enorme de soldados especialistas nos diversos tipos de serviços de suprimento.

Logo depois, contudo, os vietminh começaram a reduzir bastante significativamente as divisões de, aproximadamente, 15.000 homens em 1950 para cêrca de 9.500, em 1953. É patente que essas pequenas divisões serviam melhor à guerra de movimento, mas suspeita-se que outro tenha sido o motivo dessas reduções: após as custosas batalhas de 1951 e início de 1952, os vietminh deviam, na verdade, ter sofrido escassez de homens bem treinados para as linhas de frente.

Economias de potencial humano — algumas reais, outras ilusórias — foram efetuadas pelas mudanças de organização e de certos outros fatôres. As primeiras unidades de artilharia exibiam uma proporção inacreditàvelmente alta de homens para armas; por exemplo, uma companhia de morteiros pesados (120 mm.) equipada com duas peças, tinha cêrca de 200 soldados! Ainda que o armamento pesasse, apenas, cêrca de 300 quilos, havia 80 carregadores por peça. Da mesma forma, um batalhão de artilharia aparelhada com quatro peças tinha quase 1.100 homens, dos quais a metade eram carregadores. A chegada de caminhões foi o maior passo dado para solver o problema suprimento-munição, ainda que, até certo ponto, os cortes no efetivo possam ser atribuídos ao aperfeiçoamento no treino dos homens. Outra visível redução nas divisões de infantaria resultou da transferência de suas unidades de artilharia, fazendo-as convergir para uma só divisão pesada. E, por último, sempre que possível, o trabalho dos civis substituia o dos soldados.

Mais de 90 por cento do pessoal da nova Divisão Leve eram membros dos seus três regimentos, deixando apenas 1.000 homens a serem distribuídos pelos quartéis-generais, especialistas, serviço de ligação e guardas do Q.G.. Segundo os padrões ocidentais, portanto, a divisão não tinha capacidade para o combate sustentado. É verdade que a falta de transporte motorizado e de outro equipamento moderno diminuiu a necessidade de tropas de serviço, da mesma forma que o hábito de viver com o recurso da terra diminuiu também a necessidade de provisionamento pessoal. Apesar dessas deficiências, em alguns casos, terem se revelado triunfos secretos, os vietminh achavam que nada disso superava as vantagens de se possuir um exército moderno e por isso continuavam a procurar edificá-lo.

A primeira Divisão Pesada (a 351.ª) formada em 1953, ainda que suas unidades subordinadas tivessem existido por algum tempo, parece ter tido dois regimentos de artilharia, um regimento de engenharia, algumas unidades de transporte e, provàvelmente, unidades de fôrça anti-aérea. Os regimentos independentes eram, antes de tudo, tropas de assalto, mas a maioria dêles empregava armas sem recuo e morteiros. As unidades isoladas de artilharia anti-aérea com canhões de 20 e 40 mm. não

apareceram senão nos últimos meses da guerra. Algumas unidades especiais existentes, já em 1950, no Vietminh, deixaram muito a desejar quanto à eficiência, como era o caso de unidades de interceptação e interferência nas mensagens-rádio do inimigo.

AS TROPAS REGIONAIS

O Alto Comando, além do contrôle do exército regular, exercia o comando das organizações militares territoriais, com suas fôrças regionais e populares das quais as mais completas e eficientes eram as do norte de Anam e Tonquim, os baluartes do Vietminh. Eram constituídas da seguinte maneira: a mais alta unidade territorial era a interzona, a qual, em teoria, incluía várias zonas. Na prática, havia certas zonas independentes diretamente sob as ordens do Alto Comando, e algumas interzonas sem zonas subordinadas. Abaixo das interzonas estavam as províncias, compostas de vários distritos. Na base da organização estavam os interpovoados (vários povoados reunidos com propósitos administrativos) e os povoados.

O Comitê Executivo e de Resistência, às vêzes chamado apenas de Comitê de Resistência, dirigia o esfôrço de guerra de interzona ou zona. Ocupava-se não sòmente dos aspectos políticos, econômicos e militares da guerra, mas também dos problemas locais de saúde e cultura. Um dos seus membros era, ao mesmo tempo, o comandante da interzona e, por isso, recebia ordens tanto do Alto Comando, como do Comitê de Resistência. A direção local das atividades militares por área permanecia com um comitê de comando composto de um comandante de interzona, seu conselheiro político e seu ajudante, os quais eram assistidos por uma equipe. O comandante e seu comitê, responsáveis pelos trabalhos de conscrição e aprovisionamento, incumbidos de tôdas as tropas regionais e quaisquer unidades regulares destacadas em sua área, supervisionavam os comandos territoriais subordinados.

O comando provincial, sob as ordens de seu próprio comitê de resistência, era muito menos complicado do que a organização de interzona e controlava não só as unidades subordinadas distritais como os batalhões provinciais. Compunha-se de uma seção de comando assistida por uma equipe simples, de um escritório de operações e treinamente e outro para comunicações, e uma seção de informações. Êsse comitê também tinha algumas responsabilidades logísticas.

O distrito, por sua vez, possuía seu próprio comitê de resistência, cuja função era formar uma companhia de tropas regionais. Embora semelhante em organização ao da província, era menos complexo. Um comitê de comando consistia de um comandante, seu adjunto e um delegado do Partido. As "Células técnicas" apresentavam ao Comitê relatório sôbre o serviço de informações, espionagem especial, negócios políticos, propaganda, produção de armas, comunicação e administração. Mas como os distritos eram, muitas vêzes, mal organizados ou geridos com ineficiência, a província geralmente assumia poderes mais amplos do que poderia parecer, a julgar da organização teórica.

AS TROPAS POPULARES

No escalão mais baixo da organização militar estava o povoado com seus combatentes individuais ou pequenas unidades de tropas regulares cujo valor não se deve depreciar: eram a espinha dorsal da organização militar do Vietminh, como se revela na própria existência de um Diretório de Tropas Populares no nível de Ministério, e de Comitês das Tropas Populares nos níveis de distrito e província. O trabalho de organizar uma população inteira para o esfôrço de guerra realizava-se nos povoados. As assim chamadas tropas populares constavam de dois grupos: os *Dan Quan,* com pessoas de ambos os sexos e de tôdas as idades, que cumpriam tarefas militares auxiliares, e os *Dan Quan du Kich,* com homens, entre 18 e 45 anos de idade, que eram guerrilheiros de "meio expediente". Os últimos integravam grupos de oito a quinze homens que elegiam seus líderes e usavam muito pouco armamento. Nas áreas fortificadas, algumas aldeias tinham vários dêsses grupos, combinados em seções. Existiam também os *Dang Cong,* carregadores civis para as unidades regulares.

O comando de povoado e interpovoado era chefiado por um comitê de três ou quatro membros (usualmente, ainda que não sempre, incluindo um delegado do Partido para cada aldeia) e um secretário que cuidava dos interêsses do comitê. O grupo dirigia a defesa do povoado e as atividades quotidianas dos guerrilheiros. Aldeias muito ativas tinham, não raro, um pequeno suprimento de armas e material de guerrilha.

O que se descreveu acima, como foi salientado, aplicava-se, principalmente, ao Anam do Norte e a Tonquim. No sul, na Cambódia e no Laos, a organização territorial

não era tão adiantada e eficaz. Em 1947, o Vietminh estabeleceu um comando regular sob a orientação de Nguyen Binh e, virtualmente, ignorou o Laos e a Cambódia. Mas a longa linha de comunicações para o sul e a manifesta insensibilidade e apatia da população sulina dificultou a tarefa do comandante, e o comando separado foi abolido em 1952. Nguyen Binh, um líder hábil, segundo os franceses, tinha ambições pessoais e aparentemente tentou empenhar-se em guerra de alta-escala antes de haver estabelecido uma base popular. As circunstâncias que cercaram sua morte em 1950, permanecem mais ou menos obscuras, mas, de um modo geral, acredita-se que tenha sido liquidado. Já no fim da guerra, os vietminh haviam desenvolvido um pouco de organização militar no Laos, mas quase nenhuma, na Cambódia. Em geral, fora Anam do Norte e Tonquim, faltava continuidade, coesão e eficiência à sua organização.

REORGANIZAÇÃO

As distinções entre os três escalões de fôrças militares — o exército regular, as tropas regionais e as fôrças populares — baseavam-se tanto nas diferenças de treino e equipamento como nas de missão. Poder-se-ia dizer que as três partes da organização reproduziam a teoria da guerra prolongada, com as fôrças populares representando o primeiro período da guerrilha, as fôrças regionais, correspondendo ao segundo estágio e o exército regular dominando a terceira e última fase. E, exatamente como as linhas divisórias entre as etapas da guerra eram, às vêzes, indistintas, assim também o eram as diferenças entre essas fôrças, de modo especial aquelas entre as unidades regulares e regionais.

Embora o exército regular fôsse considerado a arma decisiva para a vitória, cada uma das três fôrças tinha uma função essencial a preencher. Como Giap afirmava, "nós precisamos concentrar as fôrças regulares e *aumentar* as fôrças regionais, caso contrário daremos um passo em falso". O exército regular, ou *"chu luc"*, era uma unidade preciosa com missão específica e terminante. Até 1950, essa fôrça, então ainda em seu estágio formativo, era administrada com economia e prudência e, quase nunca, se empenhava em combate quando os resultados eram incertos. Em muitas de suas operações os franceses não conseguiram entrar em contato com as fôrças regulares e, em vez dessas, enfrentava as tropas regionais. De modo geral, o exército regular tinha liberdade para empreender a guerra de movimento e selecionar tanto o campo como a hora para a batalha. Por se tratar de uma unidade de elite e, das três fôrças, ter o melhor equipamento,

armas, uniformes e o sôldo mais elevado, era conservada estritamente para sua missão básica. As tarefas como construir fortificações e preparar o campo de batalha cabiam às outras duas fôrças.

Vagarosa e pacientemente, o Vietminh transformou sua infantaria numa fôrça de primeira classe. Logo após os temerários combates de 1946 cuja consequência foi a quase-total derrota, êles se puseram a reorganizar e reconstruir o seu corpo de batalha, aumentando não só o número de unidades como o tamanho e a quantidade de armas de cada uma.

Um exame do Regimento 9, uma das melhores unidades, mas não um caso isolado, evidencia o progresso e o aumento que resultou da reorganização. Inicialmente com seis batalhões num total de 1.800 homens, equipado com apenas dois morteiros e dois "75" e algumas armas de fogo contínuo, em 1948, três anos mais tarde, êsse mesmo regimento tinha sòmente três batalhões, porém 3.500 soldados, 24 morteiros, 9 canhões sem recuo, 18 metralhadoras e mais de 60 armas de fogo contínuo.

A seguinte estatística dos batalhões regulares e regionais mostra o incremento militar global do Vietminh nas três principais regiões, entre abril de 1949 e junho de 1951:

O desenvolvimento das unidades regulares do Vietminh

	Abril, 1949		Junho, 1951	
	Regular	*Regional*	*Regular*	*Regional*
Tonquim . . .	20	50	78	6
Anam	7	43	21	6
Cochinchina . .	5	44	18	25
Total	32	137	117	37

Êstes algarismos revelam um extraordinário aumento no número de unidades regulares nas três zonas e um declínio, particularmente acentuado, nos batalhões regionais em Tonquim e Anam. Embora houvesse quase tantas unidades no norte como no sul, as do norte eram menores e de qualidade inferior. A incessante expansão das fôrças

regulares refletida nesses números pode ser útil para que se entenda porque Giap considerara o início de 1951 o momento oportuno de experimentar seu corpo de batalha contra os franceses em combate aberto — tentativa que lhe causou pesadas perdas. Ademais, o quadro revela o sistema de introduzir fôrças regionais no exército regular, por unidade, sem substituí-las depois. Esta explanação contradiz o receio de Giap de que uma falha no incremento das unidades regionais poderia causar "um passo em falso". Talvez tivesse sido menos grave em 1954 quando os franceses, no norte, estavam claramente na defensiva e a necessidade de tropas regionais não era tão urgente. Mas em 1951, sobretudo à luz das afirmações de Giap, para o Vietminh difìcilmente pode ter sido uma questão de política preferida. Portanto, tudo leva a crer que êles não tinham liberdade de escolha, mas estavam sofrendo de escassez de homens com os quais pudessem repor os transferidos das unidades regionais para as unidades regulares.

A organização, o treino e o equipamento das tropas regionais era inferior ao das fôrças regulares. Na maioria dos casos, a unidade maior era o batalhão, se bem que, nas últimas fases da guerra, algumas das interzonas tivessem regimentos. Os soldados nos batalhões e companhias das tropas regionais eram graduados das fôrças populares que tinham vindo com o limitado treino que a permanência nas fôrças populares propiciava. Após adestramento adicional nas tropas regionais, êles avançavam para as fôrças regulares, individualmente ou por unidade — na teoria, quando prontos para isso, mas, às vêzes, porque sua presença ali era indispensável. Depois do substancial auxílio chinês, muitas dessas unidades exibiam uniformes e melhor equipagem, mas, em geral, continuava a carência de armas pesadas e equipamento.

Um dos deveres básicos das fôrças regionais era proteger determinadas áreas e seu respectivo povo. Enfrentavam operações de limpeza dos franceses, empreendiam pequenos assaltos e, quase sempre, atormentavam o adversário; em suma, eram os "guerrilheiros maduros" que punham em risco o equilíbrio do inimigo, assaltando de emboscada seus reforços.

Suas responsabilidades se expandiam em duas direções dentro da organização militar total. Por um lado, adestravam e assistiam as tropas populares e, por outro, eram o que se podia chamar os guardiões do exército regular. Não sòmente constituíam a reserva e o eventual refôrço das fôrças regulares quando necessário, mas também impediam a interferência no treino e planejamento do exército, preparavam o campo de batalha para operações iminentes, protegiam as fôrças regulares em retirada e avanço e assumiam algumas de suas missões defensivas.

As tropas populares eram divididas em dois grupos já mencionados: os *Dan Quan* que, teòricamente, incluíam quase todo o mundo e os *Du Kich*, um grupo menor que se incumbia das guerrilhas. Os membros de ambos os grupos serviam em suas folgas, sem interrupção de suas tarefas civis. Os *Dan Quan* eram essencialmente uma fôrça de trabalhadores com algum treino militar. Embora, de vez em quando, fizessem sabotagem, suas responsabilidades principais eram recolher informações, servir de guardas, reparar estradas, construir bases, fortificar as aldeias e — o mais importante — fazer as vêzes de carregadores. Andavam sem uniformes e tinham poucas armas, exceto algum material de sabotagem. Os mais seletivos *Du Kich* tinham algum armamento e se encarregavam de guerrilhas em pequena escala. Recebiam treino militar rudimentar e esperava-se que, eventualmente, se tornassem soldados de frente. Ainda que proibidos de se reunirem em grandes grupos, agiam em conjunto nas emergências quando era essencial impedir operações de limpeza dos franceses ou intensificar a atividade guerrilheira. Ocasionalmente, alguns *Du Kich* se infiltravam nas aldeias ocupadas pelo inimigo a fim de preparar o caminho para um assalto vietminh. Mas, por mais importantes que fôssem o trabalho e as atividades de guerrilha das tropas populares, o Vietminh atribuía ainda maior significado à sua missão ideológica. O principal objetivo dessas tropas era emprestar à guerra ideológica do Vietminh, o aspecto de uma luta nacional na qual participasse tôda a população. As fôrças populares também funcionavam na conscrição de jovens camponeses para o serviço militar do Vietminh. Apesar de aparentemente satisfeitos com a evolução e o desempenho das fôrças regulares, os líderes vietminh

pareciam menos felizes com o funcionamento da organização territorial. Em congressos do Partido e em mensagens às organizações subordinadas, êles, não raro, se queixavam da ineficiência e dos erros dos comandos inferiores. Entre outras coisas, acusavam os escalões inferiores da constante troca de pessoal: os homens eram designados para unidades diferentes quase todos os meses, em detrimento da estabilidade e eficiência da organização. Também culpavam os quartéis de interzona e de província de favorecerem as células técnicas com prejuízo das unidades de combate. O Alto Comando, embora ciente da importância dos grupos técnicos, insistia que a êsses não fôsse dada importância demais à custa das unidades de combate.

Em 1952, Ho exprimiu algumas das mesmas dúvidas numa conferência áspera a respeito dos enganos da organização vietminh em geral. O povo, disse êle, ansioso e pronto a servir, não havia sido usado da maneira mais eficiente e racional. Além disso, ao mencionar o progresso atingido, Ho culpava os líderes pelos excessos burocráticos e pelo aumento do desperdício e da corrupção (acusações familiares em qualquer regime comunista). Alguns dos quadros de oficiais, êle advertiu, não estavam praticando os princípios do Partido com sinceridade, destarte, retardando a marcha para frente, e certos líderes locais com ambições pessoais e tendências a divergir, teriam de regenerar-se, ou seriam removidos.

Além dêsses defeitos de liderança e organização, o Vietminh precisava lutar contra determinados problemas inevitáveis, inerentes à situação da Indochina e que dificultavam o trabalho eficaz das organizações. Como em qualquer área subdesenvolvida, havia escassez de pessoal treinado, de técnicos e de administradores cuja falta nos escalões inferiores a administração central supria, enfeixando o poder em suas próprias mãos e distribuindo instruções incrìvelmente detalhadas para os níveis inferiores. Isto não sòmente desencorajava a iniciativa de funcionários subalternos, como também punha um grande ônus de tempo e trabalho sôbre os ombros do pessoal mais graduado. Porém, aos poucos, os vietminh conseguiram treinar gente nova, eliminando, assim, alguns dos piores obstáculos ao progresso.

Os grupos da minoria, habitantes das regiões montanhosas, criaram outro sério impecilho ao desenvolvimento viet pelo fato de considerarem o vietminh um govêrno vietnamita e, como tal, passível de temor e suspeita. Ainda que Giap tivesse tido êxito em sobrepujar vários dêstes preconceitos quando de seu trabalho naquelas regiões durante a Segunda Guerra Mundial, êle continuava a encontrar uma certa oposição durante tôda a guerra revolucionária. Os franceses só tiraram vantagem dêste fato quando, em 1953, organizaram grupos guerrilheiros nas montanhas para assaltar as linhas de comunicação dos vietminh. Naquela época, suas táticas dilatórias na concessão da independência e sua incapacidade de proteger as minorias fizeram com que perdessem grande parte do seu apoio.

Outra dificuldade estava com os nacionalistas que não eram comunistas, mas cujo apoio era indispensável se os vietminh quisessem vencer a guerra. Por isso, mesmo quando mais fortes, os comunistas foram cuidadosos em disfarçar e moderar seus objetivos puramente comunistas e, para a população em geral, faziam sobressair suas idéias nacionalistas e de reforma. Mesmo em 1956, quando já era manifesto seu contrôle do movimento, ainda eram cautelosos em pregar comunismo fora de sua própria classe.

O Vietminh, em última análise, aperfeiçoou uma organização que permitiu a derrota dos franceses e, dando a César o que é de César, precisamos reconhecer o valor dêste feito. Contudo, havia lacunas no funcionamento do sistema e os discursos de Ho e de outros atestam as dificuldades internas. Ao ocupar-se de muitos dêsses problemas o Vietminh era favorecido pela inércia e inflexibilidade dos franceses. Os grupos da oposição poderiam ter colaborado no enfraquecimento dos vietminh. Os franceses muitas vêzes teriam podido prejudicar os vietminh se tivessem reconhecido de imediato a tremenda onda de nacionalismo e a oportunidade que esta lhes conferia de atenderem de boa fé aos anseios de independência. Mesmo em 1950, muitos vietnamitas concordaram em dar aos franceses a oportunidade de se pronunciarem a respeito de suas promessas de liberdade para o Vietnam, porém êles continuavam a procrastinar. Foi assim que os nacionalistas vietnamitas acabaram desacreditados e compelidos a entrar no campo vietminh. O mesmo aconteceu com a forte oposição em potencial das minorias nas áreas montanhosas. Novamente, a protelação dos franceses e a falta de compreensão das necessidades dêsses grupos e a certeza manifesta, às vêzes, da fraude dos franceses, fêz com que acabassem se voltando para o Vietminh. Com esta falha na exploração de tôdas as oportunidades de minorar o movimento viet através de atividades políticas e psicológicas, as probabilidades de uma vitória militar dos franceses tornavam-se cada vez menores.

III

PESSOAL E LOGÍSTICA DO VIETMINH

Poucos regimes deram tanta importância à mobilização total do povo, como o vietminh. A Constituição de 1946 estabelecia a conscrição militar universal e, em 1949, o govêrno ordenou então o alistamento, mas, isso não foi exequível na prática, pois êle estava longe de possuir o maquinismo burocrático necessário para pôr em execução semelhante lei. Antes do fim da guerra, as fôrças vietminh montavam a cêrca de 300.000 homens, uma pequena percentagem da população total do Vietnam, estimada em 28 milhões de habitantes. É verdade que os vietminh controlavam as regiões menos populosas do país; mas por outro lado, podiam atrair muito dos seus recrutas das áreas ocupadas pelos franceses.

RECRUTAMENTO

Já que nenhuma tentativa de conscrição foi realmente feita, os vietminh sempre alegaram que seus homens eram voluntários. Na verdade, êles punham muita energia em esporádicas campanhas de recrutamento que combinavam a pressão com a propaganda e o engôdo. Sabe-se que alguns jovens foram coagidos a prestar serviço militar e que, em outros casos, a fôrça indireta foi exercida para acossar famílias e líderes de povoados a fim de fornecerem recrutas. Geralmente, violência e outros métodos de coação eram acompanhados de encantos propagandísticos a fim de encorajar os recrutas em perspectiva a servirem ao seu país contra os imperialistas europeus e para a melhoria da sociedade. Os ardis comunistas, dum modo geral, eram evitados. Os incentivos ao alistamento eram a promessa de melhores condições de vida e educação geral. O número de desertores e prisioneiros de guerra, engajados após cuidadosa doutrinação política, sempre permaneceu insignificante.

As razões que levavam os homens a se alistarem voluntàriamente nas fôrças armadas vietminh, muitas vêzes, eram confusas e não podem ser determinadas com exatidão. É certo que patriotismo e, em alguns casos, ideais comunistas eram motivações dominantes. Outras vêzes, os atrativos de boa alimentação e de roupas e, talvez, educação no futuro, podem ter sido os estímulos. O fascínio da aventura e a evasão de uma vida monótona, decerto, foram a causa do alistamento de muitos. Os franceses colheram a opinião de prisioneiros de guerra vietminh a fim de descobrirem porque haviam se alistado. Nesse grupo, 38 por cento afirmou que tinha fé na causa vietminh; 25 por cento exprimiu mágoa por ter sido forçado ao serviço

militar; 23 por cento, apesar da coação, não se ressentira com o uso da fôrça; finalmente, 6 por cento pensou que o exército proporcionaria uma carreira interessante. Os resultados do exame devem ser julgados com reservas, porque os capturados eram com certeza os menos dignos de confiança e os mais deficientemente doutrinados do exército e, como tal, um segmento pouco representativo. Periòdicamente, os vietminh pareciam sofrer de escassez de potencial humano, uma indicação que os seus meios de compulsão e persuasão não eram bem sucedidos. (Mulheres voluntárias formavam apenas uma pequena minoria do poder total do exército).

Através de seus prisioneiros os franceses também procuraram descobrir a composição social das fôrças vietminh. Os resultados do inquérito mostraram que 46 por cento do exército era composto de camponeses e operários, com êstes em maioria. (Não está bem claro porque os franceses não classificaram êsses dois grupos separadamente). Segundo os prisioneiros, 48 por cento eram oficiais subalternos e os restantes 6 por cento provinham das mais variadas classes profissionais. Portanto, os oficiais subalternos constituíam cêrca da metade do exército, ainda que os camponeses formassem a maioria da população. Observe-se que os franceses controlavam a maior parte das áreas urbanas onde residiam os oficiais subalternos. As percentagens evidenciam que êsses oficiais eram atraídos mais pela propaganda comunista do que os camponeses, expostos às táticas terroristas dos vietminh. É possível, contudo, que estas estatísticas francesas se apliquem aos quartéis-generais e aos grupos de elite e não às unidades de linha.

O recrutamento começava no nível de aldeia. Os viets tentaram organizar os habitantes de cada povoado e grupo de povoados em trabalhadores semi-militarizados, de meio-expediente, para o esfôrço de guerra vietminh. Ainda que essa gente não usasse uniforme nem, na verdade, fizesse parte das fôrças militares, eram soldados em potencial. Uma vez politicamente doutrinados e com um pouco de treino, bastante elementar, êles eram transferidos para a célula de guerrilha da aldeia e dali para as fôrças regionais.

TREINAMENTO

O treino variava não sòmente nos três tipos de fôrças, mas também nos diversos escalões de cada um. As fôrças populares ou de guerrilha tinham um programa de auto-treinamento com assistência das tropas regionais e ajuda ocasional de oficiais subalternos e oficiais do exército regular. Seu adestramento, de preferência, político, também incluía alguma instrução para o uso de armas pessoais, bem como lições de sabotagem. Várias unidades de povoado, mais adiantadas, praticavam exercícios de ordem unida e adquiriam prática no manêjo de armas automáticas. No nível de distrito, dava-se às companhias treino adicional com repetida ênfase para as armas individuais, as armas automáticas e táticas de pequena-unidade. Os membros das unidades regionais, geralmente, eram formados das fôrças populares e, como tal, haviam recebido algum do treino esboçado acima. Uma vez alistado nas fôrças regionais, recebiam mais instrução individual e iniciavam o estudo de tática de unidade. Oficiais do exército regular designados para as unidades regionais davam o treinamento formal. Além disso, "escolas regionais" instruíam os soldados no uso das armas mais difíceis, nos deveres dos menores escalões de chefia e formavam especialistas. Durante esta fase de adestramento o indivíduo não só adquiria considerável conhecimento militar como também tinha a oportunidade de entrar em combate e de aprender a adaptar-se à vida militar. Dessas tropas regionais, eventualmente, eram escolhidos os membros do exército regular. O processo de promoções através dêsse sistema às vêzes levava vários anos.

Até aqui, o treino do combatente irregular, além de esporádico, tinha, na maioria dos casos, sofrido de carência de armas e escassez de instrutores. Mas tão logo êle passasse para o exército regular, era exposto à disciplina intensa e formal sob a orientação de oficiais vietminh altamente treinados, e muitas vêzes de instrutores chineses. Ademais, êle recebia um uniforme, armas individuais, melhor alimentação e equipamento.

Ao entrar no exército regular o soldado era obrigado a prestar o seguinte juramento:

1) sacrificar tudo pelo bem da causa
2) obedecer em tudo aos seus oficiais
3) combater resolutamente e sem queixas
4) treinar com diligência
5) guardar segredos
6) suportar tortura se aprisionado
7) jamais revelar informações
8) cuidar de seu equipamento
9) respeitar e ajudar a população civil
10) manter o moral alto

O juramento não só era o guia do soldado sôbre o que dêle se esperava, mas também uma indicação dos pontos primordiais dos interêsses do Vietminh. O fato de que dois dos 10 pontos se ocupavam da segurança ou da preservação do "segrêdo" revela que mesmo os bem doutrinados soldados vietminh, como os homens em outros exércitos, poderiam não resistir à tentação de revelar o que sua unidade pretendia fazer. O moral parecia ser outra preocupação especial e a fraseologia do ponto 9 salientava a estreita associação do soldado com a população civil.

Além do requisito de juramento, os lembretes das virtudes e das qualidades do soldado viet faziam parte do adestramento dos homens. Um documento capturado — "O exército popular do Vietnam" — que surgiu com o Escritório de Propaganda e Instrução, contém um esbôço, aula por aula, de um curso de doutrinação típico. Enumera os pré-requisitos óbvios tais como bravura, patriotismo e a aceitação voluntária da disciplina militar e mais exigências do soldado no sentido de empenhar-se a serviço do povo, adquirir as idéias políticas apropriadas e melhorar a si mesmo de todos os modos. Além disso, o manual exige de cada homem o sentimento e a afeição por seus companheiros e literalmente conclui com a afirmação: "O exército é uma só família, grande e feliz".

Os líderes vietminh sempre sustentaram que os seus soldados combatiam satisfeitos e de bom grado. Na prática, apesar de condenarem a disciplina no exército inimigo, consideravam normal a rigidez de suas próprias ordens. Mas, como o acima citado manual dizia, conquanto o regime fôsse tirânico nos exércitos imperialistas, era bom e apropriado no exército vietminh. A disciplina comunista de acôrdo com o panfleto era auto-imposta e assegurava a adequada doutrinação política dos soldados e por conseguinte o eficiente funcionamento das fôrças de libertação.

Visto que o Vietminh considerava a infantaria como a arma decisiva de combate, todos os soldados recebiam, no mínimo, adestramento básico de infantaria.

Exercícios de ordem unida desenvolviam a precisão e a reação rápida às ordens; seguia-se aula para o uso das armas próprias da infantaria, tais como, o fuzil, a granada e a baioneta. Dava-se grande valor à camuflagem e à defesa pessoal, e um tempo enorme era gasto em estudos de terreno e métodos de orientação geográfica.

Alguns soldados, treinados para as tropas de assalto, eram estritamente fuzileiros; outros, designados para se tornarem membros do potencial de fogo e elementos de apoio, ocupavam-se, por isso, com armas mais pesadas, i.é., metralhadoras, bazucas, fuzis sem recuo e morteiros. Para essas, o adestramento era intensivo e meticuloso e o soldado vietminh adquiria grande habilidade, particularmente no manêjo dos fuzis sem recuo e dos morteiros que, nas primeiras fases da guerra, ocupavam o lugar da artilharia.

Tendo o soldado se tornado destro no uso do armamento e familiarizado com as táticas de pequena-unidade, eram-lhe ensinadas as táticas de grande-unidade e as complexidades do manêjo de armas pesadas. As técnicas de assalto de batalhão e de regimento eram treinadas repetidas vêzes frequentemente, com modelos de postos e fortes franceses simulando os obejtivos, até que o soldado soubesse tão bem o seu papel a ponto de se tornar

quase automático. Na prática, contudo, táticas de unidade nunca foram tão rígidas como poderiam parecer, porém adaptadas às situações específicas.

Uma parte do tempo dos soldados era devotado à educação geral. Muitos dos recrutas eram analfabetos e o exército provia os ensinamentos básicos, oferecendo, até, alguns cursos de literatura e filosofia.

No decurso da guerra, o Vietminh desenvolveu um sistema escolar extensivo, parte no Vietnam, parte na China Vermelha. Havia escolas para as diferentes armas e duas destas — em Ha Giang e Bac Kan — treinavam os oficiais para deveres de regimento. Mesmo antes dos chineses vermelhos terem alcançado a fronteira, alguns homens haviam sido adestrados nas zonas chinesas ocupadas pelos comunistas e outros, pelos nacionalistas chineses. Contudo, como os vietminh começassem a formar regimentos e a pensar em têrmos de unidades escalão-divisão, seu treino tinha de ser ampliado. A China Vermelha fornecia escolas para não comissionados, capitães e oficiais de estado-maior. Bem aceitas pelo Vietminh eram as escolas para especialistas, desesperadamente necessitadas pelo exército moderno que estava sendo formado: engenheiros eram treinados na Escola de Engenharia em Nanning, enquanto tropas de blindados estudavam na Escola de Blindados em Wu Ming, ambas na China. Consta que alguns homens foram para a China para treinamento de pilotagem, ainda que o Vietminh jamais chegasse a possuir uma fôrça aérea. Foi calculado que na época da cessação de hostilidades, em 1954, cêrca de 40.0000 soldados vietminh haviam sido adestrados na China Vermelha. Além de prover facilidades escolares, os chineses também enviaram um grande número de instrutores para a Indochina para serviço com o estado-maior e com as unidades regulares e, em alguns casos, com os comandos territoriais.

O aspecto mais importante no treino dos soldados, contudo, e aquêle que mais tempo consumia, era o político. Seus dois objetivos eram produzir soldados entusiastas e pollticamente dignos de confiança e formar agentes de propaganda eficientes. (Giap afirmou repetidas vêzes que o trabalho do soldado como agente político era, no mínimo,

igual em importância ao seu dever de combatente). As oportunidades para os agentes eram múltiplas e variadas, visto que as unidades regulares com frequência viviam entre o povo e áreas infiltradas ocupadas pelo inimigo. O hábito de designar homens do exército regular para tarefas com as fôrças regionais e populares também fornecia grande oportunidade para doutrinação.

O acima citado manual "O Exército Popular do Vietnam" reflete muita coisa sôbre a natureza da doutrinação política dos soldados e revela os temas que eram mais enfatizados. Inicia com uma breve história do exército ao qual, significativamente, se refere como as "tropas de propaganda e libertação". Êsse pensamento é reafirmado na definição das duas principais missões do exército como entidade; primeiro, espalhar propaganda a fim de conquistar o povo para a causa e ganhar recrutas e, segundo, travar o combate armado contra o inimigo. Os principais argumentos do panfleto são que os franceses privaram os vietnamitas de sua independência, como também de suas liberdades individuais, e que a tirania do imperialismo precisa ser destruída. Há apenas menções sem importância e sutis às metas comunistas, embora o Partido dos Trabalhadores Comunistas (*Dang Lao Dong*) fôsse louvado por comando eficiente.

Um dos estratagemas comunistas favorito — a autocrítica — era muito usada no treinamento político. O material vietminh capturado está cheio de tais autocríticas, escritas, com esmêro, por soldados semi analfabetos que haviam sido forçados a relembrar suas vidas e confessar quaisquer crimes que tivessem cometido contra a sociedade. Êsses relatórios entravam em consideráveis detalhes e compreendiam tôdas as facetas da vida. Um jovem soldado, por exemplo, admitiu que com a idade de seis anos havia roubado algum arroz e, posteriormente, sido egoísta em suas negociações com outros membros do povoado. A moral encorajavam o sacrifício para o bem-estar geral.

A grande quantidade de tempo e os planos cuidadosos devotados à doutrinação política produziram efeitos. Não há dúvida que os vietminh foram capazes de criar um exército potente e disposto ao sacrifício. Deserções aconteciam raras vêzes e os problemas de moral eram relativamente poucos.(*)

(*) Uma exceção importante foi o período de moral baixo após as derrotas vietminh no princípio de 1951. Veja pg. ....

SERVIÇO DE SAÚDE

Nêsse país subdesenvolvido, havia naturalmente poucos médicos e, com certeza, em número insuficiente para atenderem às necessidades das fôrças armadas, mas o Vietminh tentou prover serviço médico para suas unidades regulares. Sua meta era ambiciosa: a cêrca de uma milha do campo de batalha se situaria um ponto de coleta onde todos os homens feridos seriam examinados superficialmente. Numa área de classificação distante mais ou menos 5 a 8 quilômetros da frente, os médicos separariam os mais gravemente feridos dos restantes, evacuando-os para um hospital mais além, na retaguarda, a uns 8 ou 16 quilômetros de distância. (Os casos desesperados não seriam removidos, permanecendo ali para morrer). Aproximadamente, de 20 a 32 quilômetros da frente, deveria existir um hospital de cirurgia. Na prática, nada disso havia. Porém, cada divisão regular tinha uma companhia médica, em geral com um médico pelo menos e mantinha um serviço hospitalar e de evacuação. Em vários pontos das áreas ocupadas pelos viets havia postos de recuperação. Na época de cessar-fogo, os chineses haviam enviado uma grande quantidade de material médico para a Indochina, mas não haviam sido capazes de treinar o necessário pessoal médico ou de poder suficientemente dispor dos seus próprios, a fim de suprir o Vietminh com uma organização adequada e em ótimo funcionamento. O serviço médico para as tropas regionais e populares era quase inexistente e, na melhor das hipóteses, muito primitivo.

COMUNICAÇÃO E LOGÍSTICA

Muito pouco se sabe com exatidão sôbre o sistema de comunicação do Vietminh. Os líderes viets compreenderam depressa a importância das comunicações e, no princípio de guerra, tentaram comprar equipamentos rádio de países estrangeiros e consertar o equipamento japonês capturado ou abandonado. No comêço, antes da chegada do auxílio chinês, a grande diversidade de peças complicava os reparos e os problemas de manutenção, mòrmente tendo em vista a escassez de técnicos treinados. O Vietminh teve êxito no consêrto dos telefones civis e linhas telegráficas do país para seu uso em mensagens de rotina, mas enquanto usavam a rede de rádio civil, estavam ansiosos por estabelecer a sua própria rede de radiodifusão militar, de grande raio de alcance. Até o fim da guerra, graças ao auxílio chinês, mesmo as unidades pequenas como as companhias e os pelotões tinham pelo menos um rádio e estavam, consequentemente, em comunicação com suas unidades adjacentes e quartéis-generais superiores. Unidades semafóricas eram usadas de vez em quando e os mensageiros continuavam a ser elemento muito importante do sistema de comunicação. Havia também um sistema complicado de corredores com estações de revezamento.

Por outro lado, através da guerra, o Vietminh era perturbado pelas várias fases da logística — a produção, aquisição e transporte de armas, víveres e equipagem. Êles tinham começado com algum equipamento japonês, parte roubado e o resto espontâneamente ofertado na época da rendição japonêsa e havia também material jogado de pára-quedas pelos Aliados durante a luta contra o Japão. No princípio da guerra uma considerável quantidade de

petrechos foi embarcada da Tailândia para o Vietminh mas o socorro foi suprimido em 1948, devido a uma mudança na política externa do Thai. A China Nacionalista enviou auxílio por terra e por mar (ainda que os franceses tivessem o contrôle ostensivo do mar),(*) e algum material chegou das Filipinas. Com exceção daquilo que tinha sido adquirido do Japão, a maior parte dos aparelhos era de fabricação americana e outros tinham sido capturados ou furtados dos franceses no transcurso da guerra. Na verdade, os vietminh fixaram uma tabela de preços para êsse equipamento roubado, segundo a qual êles estavam dispostos a dar mais de três hectares de terra nacional em troca de certos artigos especiais.

A produção local era uma fonte importante de armas e equipamento. Muitas fábricas pequenas, com dez a quinze trabalhadores, operavam numa determinada área. Parcial ou totalmente móveis, podiam locomover-se de acôrdo com a ameaça do avanço francês. Essas oficinas faziam equipamento do tipo mais rudimentar, com potencial humano, muitas vêzes, como única fonte de energia, pois os motores de carros e máquinas simples só raramente podiam ser encontrados. Algumas oficinas limitavam-se a fabricar minas e explosivos que eram abundantemente usados pelos guerrilheiros. A produção estava aparelhada para as necessidades locais e mesmo no final da guerra havia poucas fábricas produzindo para consumo nacional. Uma notável exceção era a manufatura de bazucas, centralizada inteiramente na zona de Tonquim. As oficinas maiores e as fábricas (empregando até 500 pessoas) estavam quase sempre localizadas em bases vietminh fortemente defendidas.

(*) Como foi recordado na Introdução, os nacionalistas chineses, após a rendição japonêsa na Segunda Guerra Mundial, concordaram com os aliados em ocupar o norte do Vietnam, para defender, ostensivamente, aquêle território até o regresso dos franceses à Indochina. Na realidade, porém, os chineses estavam dispostos a ajudar os vietminh. Êles tinham planos para a baía de Haiphong, importante para o comércio chinês e, na verdade, tinham esperanças de substituir os franceses ou, pelo menos, de conservar o contrôle da área de Tonquim. Foi por isso que jogaram os vietminh contra os franceses.

Havia poucas fábricas no sul, embora existissem pequenas e dispersadas oficinas em Plaine des Joncs, Cochinchina e outras importantes na Cambódia, perto de Ampil, mas o Laos não tinha pràticamente nenhuma.

Apesar da escassez de ferramentas de precisão, de energia e de matérias primas os vietminh lograram produzir razoável quantidade de material. Nos primeiros seis meses de 1948, por exemplo, os viets informaram que as oficinas num intersetor haviam fabricado 38.000 granadas, 30.000 cartuchos de fuzil, 8.000 cartuchos para metralhadoras leves, 60 cargas para uma bazuca e 100 minas. Outro setor produzira 61 metralhadoras leves, 4 sub-metralhadoras, 20 pistolas automáticas e 7.000 cartuchos, durante todo o ano de 1948. Além do fabrico, algumas dessas oficinas se sobressaíam no consêrto e modificação de armas. Nenhuma delas era capaz de produzir qualquer equipamento pesado, apesar de uma fábrica em Tonquim estar fabricando morteiros de 120 mm., já em 1949.

Sòmente com a chegada do auxílio chinês, os problemas logísticos do Vietminh começaram a ser solucionados. De acôrdo com estimativas fidedignas os produtos de petróleo e munições abrangiam 75 por cento dessa ajuda, enquanto os restantes 25 por cento consistiam em armas e equipamento médico e de sinalização. Mesmo que a exata extensão do socorro chinês não seja conhecida, os seguintes números são em geral aceitos: em 1951, a taxa de ajuda da China era de cêrca de 10 a 20 toneladas por mês. Até o fim de 1952, o escoamento havia subido para 250 toneladas e em 1953, fazia a média entre 400 e 600 toneladas. No início do assalto a Dien Bien Phu, a assistência chinesa dizia-se ser de até 1.500 toneladas por mês e, até junho de 1955, consta que havia alcançado 4.000 toneladas.

Calcula-se que 75 por cento das provisões chinesas entraram na Indochina através de Ta Lung e seguiram via Cao Bang, Nguyen Binh, Bac Kan e Thai Nguyen até o Vietminh no oeste, ou ao redor do Delta ocupado pelos franceses até encontrar as fôrças no sul. Uma rota secundária levava de Pinghsian na China até Dong Dang, Lang Son e dali, por estradas péssimas, a Thai Nguyen.

Dois outros pontos de entrada, Lao Kay e Ban Nam Cuong, eram considerados de pouca importância. Os chineses haviam construído uma estrada de ferro até a fronteira da Indochina no oeste, mas ali não existia ninguém que levasse as mercadorias da fronteira até a Indochina. Os implementos, portanto, tinham de ser armazenados sempre que o plano de transporte viet sofresse atraso, particularmente depois das rotas de provisão terem sido duramente atingidas por ataque aéreo.

Nesse país subdesenvolvido, com apenas uma ou duas estradas de ferro e poucas rodovias, o transporte sempre constituiria um problema e, até o fim da guerra, os cules eram o seu esteio. Os vietminh organizaram o chamado "serviço auxiliar" que era essencialmente uma fôrça de trabalhadores dos habitantes locais. Fornecia facilidades de transportes feito por cules e todo o equipamento disponível. Numa tentativa de controlar com rigor essa organização, os vietminh só permitiam que determinadas unidades ou quartéis-generais — tais como o Estado-Maior Geral, o Diretório Geral de Alimentos, os comandos de interzona e outros altos escalões — se utilizassem de seus serviços. A fôrça auxiliar era dividida em grupos de quinze homens cada, com três grupos formando uma seção, e três seções, uma companhia. Com essa organização simples, os vietminh realizaram feitos logísticos quase inacreditáveis.

Os peritos em logística, tinham organizado tabelas prevendo a evolução do sistema de transporte primitivo. Por exemplo, nas planícies ou em terrenos razoàvelmente planos, com poucos obstáculos, calculava-se que os cules percorressem 25 quilômetros num dia (20 à noite), carregando 26 quilos de arroz ou 16 a 22 quilos de armas. Nas regiões montanhosas a marcha diurna era encurtada para cêrca de 15 quilômetros ou 12 à noite e a carga era reduzida para 14 quilos de arroz e de 11 a 16 quilos de armamento. Calculava-se que carretas de búfalo podiam carregar aproximadamente 380 quilos e viajar mais ou menos 12 quilômetros por dia, enquanto uma carroça de cavalos só carregava 240 quilos, mas percorria cêrca de 20 quilômetros por dia. Os vietminh fizeram notável uso de companhias de mulas e também de bicicletas, carregadas com 75 quilos e empurradas por cules. Sempre que possível, utilizavam-se de vias navegáveis.

Depois da chegada dos comunistas chineses à fronteira, os vietminh, vagarosamente, organizaram seu transporte motorizado e calcula-se que até 1953, êles possuíam um total de quase 1.000 caminhões. Mais ou menos um têrço dêstes formavam o Regimento 16. Essa unidade, cuja tarefa era transportar provisões da fronteira para os principais depósitos, dividia-se em 9 companhias, de 90 a 100 homens e, aproximadamente, 35 caminhões cada qual. As nove companhias operavam independentes uma das outras, ao contrário do sistema "motor-pool" do Exército Americano. Isto se deveu ao fato da Fôrça Aérea Francesa, em suas tentativas de interditar o sistema de provisões, ter cortado com êxito várias pontes, e o Vietminh, na falta de engenheiros para um reparo bastante rápido, vira sua área de suprimento e comunicação bloqueada em vários segmentos. Os vietminh então simplesmente colocavam uma companhia de caminhões do Regimento 16 em cada um dêsses segmentos, transformando-o, destarte, num setor de transporte auto-suficiente com estoque de gasolina próprio, provisões e oficinas de consêrto. Ainda que êste sistema envolvesse inumeráveis transferências de equipamento, a grande quantidade de potencial humano fazia-o funcionar com sucesso.

Ao manifestar-se a necessidade de novas estradas e rotas suplementares, os vietminh, as construiram com o auxílio das fôrças de trabalhadores. Assim, no fim do outono de 1953, foi construída uma estrada de Tuan Giao até um ponto próximo a Dien Bien Phu, para assegurar a entrega de provisões para a batalha eminente.

Se, por um lado, êste uso rudimentar do potencial humano dava resultado, por outro, exauria sèriamente as fôrças de trabalhadores disponíveis. Uma divisão vietminh, numa simples operação, precisou de 40.000 carregadores para o suprimento de suas necessidades mínimas. Essas divisões quase não tinham equipamento pesado e não eram motorizadas (assim, não usando POL(*)) e, portanto, constituíam uma enorme fôrça de apoio. Uma das razões óbvias para o desconcertante número de carregadores era que, além das provisões do exército, êles ainda tinham de transportar as suas próprias e, especialmente onde as linhas de comunicação eram longas, as provisões

dos próprios cules, muitas vêzes, formavam o grosso da carga. Contudo, êste sistema primitivo tinha suas vantagens. Havia cules em abundância, capazes de atravessar tôda a região e, suas colunas podendo ocultar-se com facilidade, eram quase imunes ao ataque aéreo.

(*) Petróleo, óleo e lubrificantes.

IV

TÁTICAS E OPERAÇÕES DO VIETMINH

Um amplo objetivo político fundamentava as táticas e a estratégia do Vietminh. Onde as metas de uma guerra ocidental eram meramente a ocupação de certo território ou a quebra do ânimo do inimigo, os revolucionários viets pretendiam o apoio e o contrôle do povo. Suas lições de tática, contìnuamente, enfatizavam que a finalidade de um ataque não era apenas a destruição de um determinado pôsto francês, mas a conquista do aplauso e a libertação dos habitantes da área circundante. "Alguns dos nossos quadros acolhem a idéia errônea", disse Giap em 1952, "de que as façanhas militares constituem a única missão das fôrças armadas. Não cuidam de servir ao plano de conflito total e nem, especialmente, à propaganda". E prossegue, reclamando que êsse conceito falso nos quartéis vietminh permitira ao inimigo progredir em sua propaganda nalgumas áreas onde a população era ainda simpatizante dos franceses, e onde o recrutamento, as informações e outras atividades haviam, do mesmo modo, sido frustrados.

Num plano estritamente militar, um estudo dos sucessos do Vietminh sugere que êles se baseiam, sobretudo, em três fatôres inter-relacionados: 1) um conjunto de cinco princípios táticos elementares; 2) informações completas, acuradas e recentes; e 3) planejamento detalhado.

PRINCÍPIOS E PRÉ-REQUISITOS

O Vietminh ensinava cinco princípios de tática. O primeiro era a rapidez de movimento em tôdas as fases de combate. As fôrças deviam concentrar-se ràpidamente, ao mesmo tempo tomar posição e não se demorar em nenhuma área. De modo geral, saíam de um determinado ponto e marchavam durante duas ou três noites até a área de ataque, criando um forte elemento de surprêsa para os franceses que não estavam informados da direção dos movimentos do Viet. Desenvolvida a posição numa noite, empreendiam o assalto na manhã seguinte, bem cêdo. Na perseguição, a velocidade era fator importante. "Uma vez desorganizado o inimigo", escreveu Giap, "é necessário esquecer a fadiga a fim de, automàticamente, iniciar a perseguição, sem aguardar ordens". Êle citava a falta de vigor na campanha do outono de 1950 como exemplo das tropas viets não terem estado suficientemente imbuídas de motivação para o extermínio total do adversário, desperdiçando, destarte, os sacrifícios já feitos. Muito mais do que na doutrina americana, Giap exigia fôrça de vontade, se necessário, para renunciar à reorganização depois da batalha porque considerava mais importante alcançar e, simultâneamente, continuar a atacar o inimigo. Se o método de Giap tinha êxito, isso era atribuível em parte ao intenso desejo de suas tropas de aniquilarem o inimigo (em vez de conquistarem determinado terreno). Mas, em parte, ligava-se ao fato de que o exército viet era essencialmente um corpo de infantaria, de estrutura simples, cuja reorganização não constituía um grande problema. Antes de tudo, o Vietminh enfatizava a importância de nunca ser surpreendido sem um meio de retirada que poderia ser, tanto uma linha defi-

nida partido da zona de combate, como um plano que permitisse aos soldados se dissolverem e "desaparecerem" entre a população, às vêzes, individualmente, outras, em pequenos grupos. As tropas assim dispersadas, ou se reagrupavam mais tarde, ou permaneciam na área para sustentar e auxiliar os guerrilheiros, dependendo da situação.

A surprêsa, o segundo princípio das táticas do Viet, combinava os elementos velocidade, sigilo e escolha de objetivos insuspeitos. Um estratagema favorito, "a intoxicação do inimigo", envolvia uma série de trapaças deliberadas. O lado viet, de propósito, permitia que transpirasse informação capciosa induzindo o inimigo a crer num ataque em determinado lugar e hora. Para êste fim, forjava documentos falsos, deixando-os com agentes ou com pessoas que aparentemente haviam "aderido" à causa francesa. Fazia a troca da designação numérica entre as unidades regulares e as regionais para confundir os franceses. Tôdas as unidades eram movimentadas de um lado para o outro para ter a impresão de grande deslocamento. As marchas noturnas que se desviavam das aldeias e zonas habitadas eram, também, um meio de criar surprêsa. Numa campanha de grande escala, todos êstes truques podiam ser empregados em conjunto.

Outro princípio tático era o de minar a moral do adversário de todos os modos possíveis. Os agentes viets se infiltravam nos campos franceses para espalhar propaganda e incitar a traição e também os vietminh não hesitavam em fazer ameaças às famílias pró-francesas. Embora Giap fôsse bastante relutante em pagar subôrno ou usar mulheres para chantagem, êsses meios nem sempre eram desprezados. Como regra geral, o vietminh só atacava quando a proporção de potencial humano era a seu favor, apesar de acreditar que com a correta combinação de surprêsa e manha, uma pequena unidade altamente disciplinada pudesse, muitas vêzes, levar vantagens sôbre uma fôrça mais poderosa.

Muita importância se deu à segurança para as fôrças viets. As unidades de informação especializada cujas funções eram mais amplas do que, por exemplo, as da unidade de informação americanas, faziam as vêzes de fôrças de proteção e reconhecimento e eram utilizadas

para dar cobertura às fôrças regulares. Infiltravam-se na frente de combate do inimigo para obter informação sôbre o preparo e o moral dêste. As tropas regionais e populares eram usadas na proteção às fôrças regulares, permitindo-lhes a luta sob condições mais vantajosas. Por sua vez, as fôrças regionais e populares eram protegidas por pequenos grupos com pouca organização formal, ou seja, pelos habitantes locais.

O último princípio de tática exigia a colaboração do povo em todos os combates militares. O paradoxo aqui reside no fato de que a população não era mais meramente um objetivo das táticas viets, mas, parte integral destas. Um relatório mensal do 80.º Regimento tornava a dar ênfase à importância dêsse princípio, declarando que a finalidade dos assaltos de regimento não era tanto a tomada das guarnições francesas como o domínio do povo. O 80.º Regimento, ainda que pertencendo às fôrças regulares, foi enviado à zona de comando territorial e seu relatório especificou mais adiante que a "raison d'être" da unidade de guerrilha, não importa qual seu tamanho, era estabelecer e manter, em sua área, uma organização político-militar que formasse a base para operações regulares. Giap a êsse respeito elaborou uma diretriz:

"A fim de intensificar a atividade de guerrilha, nossa atenção deve focalizar não só as tropas regionais como também as bases fortificadas das comunas e seus guerrilheiros que, com as tropas populares, constituem o principal problema. Em certas regiões onde o moral da população não é tão sólido como alhures, luta-se e enfrentam-se grandes dificuldades, porém, é nossa missão primordial reforçar essas bases, as tropas populares e as células do grupo que, aniquiladas em grande parte pelo adversário, não podem desempenhar suas atividades". Noutra ocasião Giap observou:

"A luta de guerrilha é uma luta armada de tôdas as classes do povo e, enquanto êle não abrigar em seu coração um intenso ódio ao inimigo, não tiver um inabalável espírito combativo, já que não há base nem organização sólida no mecanismo da autoridade regional e da ação do grupo, não se poderá criar um movimento para uma grande batalha ou para uma guerrilha intensificada".

Nas instruções vietminh para grupos *Dich Van* que se infiltravam em áreas ocupadas pelos contrários, há a frase: "Os que estão em zona inimiga devem agir, atacar o adversário com precisão e rapidez onde quer que êste esteja, destruindo todos os oponentes, apropriando-se dos estoques e materiais, valendo-se da emboscada, dos assaltos e de outros meios que criam desordem e descontentamento".

O escritório do comissário político de cada unidade tinha sua seção de propaganda responsável pela guerra psicológica. Preparava panfletos e jornais que eram distribuídos não só entre a população civil como entre as tropas.

Uma instrução para as tropas que deviam invadir o Laos, em 1953, reflete os temas principais da propaganda vietminh dirigida aos habitantes das áreas montanhosas. Começando com a usual condenação dos imperialistas franceses e de seu desejo de escravizar tôdas as raças da Indochina, o documento continua, dando ênfase à fraternidade dessas raças e à sua causa comum contra o colonialismo. Ho é representado como um líder generoso e magnânimo, que trabalha infatigàvelmente pela independência nacional e o bem de todos os povos. Ademais, a instrução de propaganda sugere que se acentue o amor entre o exército e o povo e fornece uma longa lista, sugerindo a ajuda mútua. Renova-se a confiança dos nativos com sugestões úteis sôbre abrigos anti-aéreos e outros meios de defesa, bem como com a promessa de que nas raras ocasiões em que o exército estiver desprovido de mantimentos, o govêrno pagará bom preço por quaisquer provisões tomadas pelas tropas.

INFORMAÇÕES E RECONHECIMENTO

Não sòmente um cuidadoso plano de propaganda, como também uma esmerada e minuciosa cobertura de informações faziam parte do preparo de cada operação vietminh. Antes de 1948 existiam apenas a "Sureté" e o Serviço de Informações Políticas, mas suas descobertas nem sempre eram de todo aproveitáveis pelo Alto Comando. Em resposta à sempre maior necessidade de um serviço de informações operacional de tática, puramente militar, o *Quan Bao* (Serviço de Informações Militar) foi formado mais ou menos em 1948.

Sendo um corpo de elite dentro do exército, o *Quan Bao* era composto de membros do Partido, selecionados por sua idoneidade física, mental e moral. Depois da escolha, os recrutas recebiam três meses de treinamento especial em escolas que, frequentemente, mudavam sua localização. Cada escola tinha cêrca de 150 alunos. Os cursos, amplamente imaginados, submetiam os estudantes ao preparo físico e auto-defesa, ao treinamento sensorial, aos estudos sôbre a formação dos franceses e ao trabalho de reconhecimento. Sendo o corpo de informações também o elemento de reconhecimento do exército vietminh, as escolas davam especial ênfase ao requinte dos sentidos e os futuros agentes aprendiam a apurar seu ouvido, a fim de poderem determinar não só a direção do ruído como a que distância se encontravam do mesmo, e a distinguir os sons segundo a sua intensidade. Aos alunos se ensinava a observar e calcular ràpidamente os pesos sem o auxílio de instrumentos. O curso incluía um completo sistema de truques úteis, alguns elementares, como encostar o ouvido no solo para detectar sons, ou espirar antes de falar a fim de tornar a voz mais baixa e mais

distinta. Os agentes também eram instruídos sôbre as maneiras de simular seus sentimentos e melhorar sua memória. Aprendiam a fazer relatórios completos e acurados nos quais, além de uma apreciação pessoal, mencionavam a fonte, o tempo e as circunstâncias em que haviam colhido a matéria relatada.

Depois dêsse treino, os novatos do Serviço de Informações eram designados para as respectivas unidades que, de modo geral, se dividiam em *Quan Bao,* ocupado com as informações sob o ponto de vista restrito, e o *Trinh Sat,* responsável pelo reconhecimento. As companhias e batalhões tinham sòmente pequenas unidades *Trinh Sat;* no nível de regimento e de companhia, contudo, existiam companhias de informação cada qual incluindo uma seção *Quan Bao* e duas *Trinh Sat.* O *Quan Bao* era o elemento diretor que planejava e coordenava o esfôrço, utilizava o material recolhido e fornecia os oficiais de informações para os comandos territoriais e o Estado-Maior Geral.

Embora êsse serviço empregasse métodos comparativamente modernos, tais como a interceptação das mensagens-rádio e a triangulação como meios de obter informações, contava em grande parte com o interrogatório pessoal direto tanto dos civis locais como do pessoal inimigo e, por isso, suas escolas de treinamento enfatizavam o valor de se fazer prisioneiros. Os grupos especiais, organizados para empreender ataques com a finalidade expressa de aprisionar soldados, geralmente compreendiam quatro sub-seções: um grupo de fogo para causar confusão nas fileiras contrárias; um grupo de captura, que reunia os aprisionados; um grupo de apoio que ajudava o grupo de captura e ficava atento aos reforços; e um grupo de escolta que conduzia os prisioneiros para a retaguarda a fim de serem interrogados. Além dêstes assaltos, mais ou menos formais, os vietminh também faziam uso da emboscada e dos ataques de surprêsa a pequenas unidades e tentavam capturar soldados isolados, sempre que possível.

Segundo opinião geral, os vietminh eram psicològicamente muito hábeis em interrogatórios. Entrevistavam os capturados de guerra três ou quatro vêzes durante longos períodos ininterruptos e, de preferência, nas horas

em que a resistência do prêso era menor. Fôra-lhes ensinado serem muito objetivos e aproximarem-se dos prisioneiros sem darem mostra de idéias preconcebidas. O método favorito era o emprêgo da ironia e do sarcasmo, levando o capturado a perder a paciência e a dar informações além do que pretendera. Às vêzes, agentes viets eram introduzidos nas celas ou cercados por presos. Conforme relatos de prisioneiros franceses, os vietminh raramente recorriam à fôrça. No transcurso da guerra, as unidades de informação assumiam cada vez mais, se bem que não tôdas, as tarefas de reconhecimento e segurança antes desempenhadas pelas tropas regionais e populares. Nos níveis de batalhão, regimento e divisão, as unidades de informação forneciam cobertura para o deslocamento dessas fôrças, bem como o reconhecimento para tôdas as operações. Na ânsia de obter informações, êles usavam todos os estratagemas imagináveis: infiltravam-se, disfarçados, nas áreas inimigas, enviavam patrulhas armadas para enfrentar o adversário e averiguar a localização de suas posições e empenhavam-se em combate se daí pudesse resultar informe de valor.

Qualquer um, versado no sistema de reconhecimento do exército E.U., identificaria no do Vietminh muitas funções iguais, a par de outras com diferenças bastante notáveis. As unidades de reconhecimento encarregadas da segurança das tropas faziam a inspeção tanto da retaguarda como das rotas de avanço e procuravam lugares adequados para emboscadas. Os agentes eram postados em zonas suspeitas para manter as unidades avisadas. O ensino e a execução da camuflagem figuravam entre as funções das unidades de reconhecimento do Vietminh e, após o combate, cabia-lhes verificarem suas próprias perdas e quais as armas capturadas ao inimigo. Também nesta altura, os vietminh eram responsáveis pelo registro de seus erros, retôrno de suas tropas à zona de concentração, vigilância dos prisioneiros e autorização aos civis para, munidos de propaganda, regressarem aos seus lares. Em se tratando das unidades em campo, tinham de investigar as áreas das cozinhas, os presentes dos habitantes locais, fiscalizar os soldados em lugares públicos e impedir a deserção. Por ocasião de festividades, eram responsáveis pela conduta e disciplina das tropas na cidade e,

ao mesmo tempo, deviam postar guardas e vigias atentos aos aviões inimigos e preparar para rápida evacuação em caso de ataque.

Os documentos vietminh capturados trouxeram a lume o minucioso exame das informações sôbre a disposição da tropa francesa, seus hábitos e suas atividades que, òbviamente, haviam servido de excelente base para o plano das operações vietminh. Um dos estudos, em particular, preparado pelos vietminh para suas operações no noroeste, em 1952, causou profunda impressão aos franceses, não só pelo seu escopo, como pelo detalhe e acuidade do informe. O documento incluía a análise muito cuidadosa do terreno e de sua trafegabilidade para todos os tipos de veículos e para os cules. Também continha um esbôço objetivo das diferentes tribos da região e sua atitude em relação aos vietminh e aos franceses. Parte desta seção enumerava detalhadamente as bases secretas do Vietminh na área e fazia uma estimativa da lealdade do seu povo. Na base de Gia Hoi-Sai Luong, por exemplo, noventa pessoas foram marcadas como simpatizantes dos vietminh, das quais trinta eram dignas da maior confiança. Também na zona de Phu Nhan-Son Thin havia vinte e cinco partidários fiéis espalhados através de várias aldeias. O levantamento concluía afirmando que, embora êstes algarismos não traduzissem forte apoio, as bases ofereciam certa hospitalidade às tropas vietminh.

A INFANTARIA E O FATOR MOBILIDADE

As táticas vietminh eram, essencialmente, as de infantaria. Uma quantidade expressiva de artilharia se tornou disponível só nos últimos meses da guerra e os blindados faltavam por completo. Mas ainda que tivesse existido o equipamento pesado pelo qual ainda ambicionavam os vietminh, os blindados e a artilharia, é claro, tinham mobilidade muito restrita num país subdesenvolvido com o terreno difícil da Indochina. Além disso, Giap compreendeu que era mais rápido e mais fácil transformar um guerrilheiro num soldado de infantaria do que num especialista em tanques ou artilheiro.

A mobilidade — tanto no combate ofensivo como no defensivo — era a chave de tôdas as operações, desde os pequenos assaltos dos guerrilheiros até as grandes campanhas das fôrças ativas. Como já foi mencionado, essas raramente tinham permissão de entrar em luta sob condições desfavoráveis e deviam fugir quando houvesse perigo de ataque de fôrças francesas mais potentes.

Essas táticas eram essencialmente iguais às dos guerrilheiros que atacam, fogem e evitam batalhas a qualquer custo. Mas, ao contrário dos guerrilheiros que assaltam a fim de causar confusão, destruir certas propriedades e desequilibrar o adversário, as fôrças ativas atacavam para aniquilar.

A OFENSIVA

Os viets ensinavam que havia quatro pré-requisitos importantes para um ataque bem sucedido: a escolha do momento oportuno, um plano cuidadoso, preparação adequada e grande espírito combativo.

A escolha do momento oportuno para o ataque, òbviamente, estava subordinada ao tempo necessário para o planejamento e para a concentração das tropas, bem como da situação geral. Em grande parte, contudo, dependia do inimigo. Quando os viets decidiam investir contra um pôsto ou uma guarnição não se tratava apenas de preparar um plano e depois, então, executá-lo. Êles vigiavam a fortaleza durante algum tempo para descobrir os costumes e as fraquezas do oponente. Por exemplo, tentavam determinar o horário de rendição da guarda, os hábitos de certos vigias, se desatentos ou não e a que horas podia-se esperar que os oficiais-chave ou os subalternos estivessem ausentes; e iam à procura de quaisquer sinais de complacência ou descuido por parte dos membros do forte. Tôdas estas informações eram incorporadas ao plano final que especificava o tempo e o lugar para o assalto principal, os pontos de ataque secundários, as instalações a serem neutralizadas pela potência de fogo e o abastecimento para a retirada. A cada unidade cabia uma tarefa exclusiva e todos os detalhes eram elaborados e discutidos com os oficiais e oficiais subalternos. Às vêzes, os viet-minh faziam um ensaio do ataque, usando fac-símiles, especialmente construídos, do pôsto ou forte francês. Obtido o equipamento necessário, armas e munições, os viets, então, começavam a explicar às tropas a razão do assalto e a importância de seu sucesso, despertando-as para o

fanatismo exagerado e o auto-sacrifício, pois um espírito combativo à altura da missão era considerado um elemento indispensável às preparações.

Pela infiltração, levada a efeito com grande perícia, as unidades vietminh, muitas vêzes, entravam e saíam dos campos de batalha, escapando, assim, de uma detecção aérea ou terrestre e evitando o perigo de servirem de mira a um ataque aéreo. Êles, amiúde, se insinuavam diretamente através das unidades francesas a fim de criarem surprêsa ao atacarem o adversário de ambos os lados. Os franceses calcularam que os viets eram capazes de infiltrar vários indivíduos através de uma zona de 1.300 metros de perímetro, vários pelotões, se o perímetro fôsse de 2.200 metros, e várias companhias onde fôsse de 4.000 metros. Sendo o contôrno maior ainda, conseguiriam introduzir um batalhão e até mesmo um regimento. O perímetro do Delta de Hanói, por exemplo, com seus postos distantes entre si cêrca de um quilômetro, não tinham, virtualmente, proteção alguma contra a infiltração vietminh.(*)

O vietminh, de modo geral, atacava à noite porque disso resultavam inúmeras vantagens. Os franceses eram considerados maus combatentes noturnos, pois na escuridão faltava-lhes o apoio aéreo, sendo difícil o de artilharia. Um típico assalto noturno começava à meia-noite ou pouco mais tarde e interrompia-se às nove ou dez da manhã. Para conseguir completa surprêsa, sempre que possível, os viets, frequentemente, desistiam do fogo de preparação. O esfôrço principal, às vêzes somando 9/10 da fôrça atacante, de ordinário, concentrava-se numa frente muito estreita. O resto realizava ataques diversivos e ruidosos, muitas vêzes, antes do assalto principal (especialmente se era impossível a surprêsa) e sua potência de fogo era dirigida a alguns pontos críticos.

Normalmente, quatro grupos envolviam-se no assalto. O primeiro dêstes manejava as armas pesadas (de ordinário, armas automáticas, morteiros e fuzis sem recuo)

(*) Contudo, a artilharia francesa, com fogo pré-planejado maciço, era capaz de opor-se aos ataques e às investidas de penetração em larga escala.

cujo objetivo era neutralizar uma ou duas importantes posições inimigas, tais como o rádio, o pôsto de comando ou o armamento pesado. Se o ataque era mal sucedido, seu fogo deveria cobrir a retirada. O segundo grupo era o dos especialistas ou dinamitadores de assalto. Êstes homens, que podiam ser tanto uma companhia como um pelotão, adiantavam-se ou infiltravam-se nas linhas contrárias e dinamitavam as zonas críticas do forte ou do pôsto para abrir uma brecha. Deixando para trás, na trincheira, tôdas as suas armas pessoais, os dinamitadores eram munidos apenas de explosivos que, às vêzes, carregavam nas extremidades de varas de bambu que podiam ser forçadas para dentro de um emaranhado de arame e, ocasionalmente, amarrados aos seus próprios corpos a fim de se jogarem com as cargas contra muros ou rêdes de arame inimigos. Se conseguiam voltar, recuperavam suas armas e tomavam parte no ataque geral. Uma vez neutralizadas as armas do adversário e criada a brecha pelos dinamitadores, o terceiro grupo — tropas de choque ou infantaria de assalto — avançava, de modo geral, em três grupos e, numa frente estreita, tentava conquistar o pôsto. O quarto, um grupo de reserva cujo fogo dava cobertura às tropas de choque, tomava parte no assalto e, tanto tirava proveito do sucesso, como protegia a retirada.

Embora reconhecidamente difícil em posições inimigas atacadas, o vietminh achava que o combate poderia ser realizado com êxito se quatro princípios fôssem observados: 1) treino e planejamento cuidadosos eram essenciais. O projeto era, em geral, feito com o auxílio de caixas de areia e outras réplicas dos postos franceses, e o ataque, ensaiado muitas vêzes. 2) A fim de destruir as principais instalações do inimigo, as tropas tinham de penetrar tão profundamente quanto possível e não podiam permitir que lhes impedissem a entrada na periferia do forte. 3) Deveria haver intensa cooperação e coordenação entre os dinamitadores, unidades de fogo de apoio e tropas de choque. 4) Uma operação bem sucedida requeria forte ligação entre a unidade de ataque e seu regimento e as unidades próximas.

Os vietminh acautelavam-se, também prevendo fortes reações inimigas e contra-ataques. Os contra-ataques, de modo especial, eram considerados excelentes oportunidades para destruir um adversário que havia abandonado seu abrigo, sendo que planos especiais faziam-se para essa contingência. Por outro lado, o ensinamento tático vietminh exigia, se as próprias fôrças atacantes dos viets fôssem apanhadas por três fogos inimigos, que se concentrassem em apenas um e ignorassem os outros dois. Sempre que êles mesmos fôssem apanhados por um ataque frontal, deveriam evitar os pontos fortes e contra-atacar os fracos. Quando forçados a parar, por uma barragem de artilharia, deveriam bater em retirada, aferrar-se ao terreno, esperar apoio de artilharia ou, se estivessem perto do inimigo, "grudar-se" a êle. Quando interceptados ou cercados, deveriam tentar abrir caminho através de um ponto ou dispersar-se e procurar a saída, individualmente.

O vietminh acreditava (e suas instruções de treinamento eram explícitas) que, se o segrêdo de um ataque iminente não fôsse revelado e a ação, instantânea, mesmo um punhado de assaltantes levemente equipados, mas bem armados, protegidos pela noite ou por boa camuflagem, poderiam, às vêzes, esmagar um inimigo em número superior mesmo num assalto a um pôsto. Isto pressupunha estarem informados minuciosamente de tôdas as atividades no pôsto, a fim de tirarem partido do momento em que o inimigo relaxasse sua guarda para, então, empreenderem o ataque.

CONTROLANDO AS LINHAS DE COMUNICAÇÃO

Muito esfôrço de guerra, em ambos os lados, era devotado à batalha pelas comunicações. O vietminh tentava paralisar os franceses, negando-lhes o uso das estradas, trilhas e vias navegáveis. A maior parte da atividade de guerrilha era dedicada a minar e a destruir estradas. Em certas áreas, os vietminh, regularmente, cortavam as estradas à noite e os franceses tentavam repará-las durante o dia. As estradas não podiam ser usadas antes que, diàriamente, de manhã, em quase todos os lugares, os soldados franceses as examinassem à procura de minas e cortes.

A emboscada era o meio favorito vietminh de ataque às comunicações. Não se tratava de uma tática de última-hora, pois exigia considerável planejamento e preparação. Não sòmente os guerrilheiros e as tropas regionais atocaiavam veículos e unidades francesas isoladas, mas também havia emboscadas importantes contra grandes formações francesas. O vietminh gostava de emboscar, particularmente, as unidades de substituição, usando a seguinte tática: um elemento fixo, muitas vêzes composto de uma companhia (o qual chamaremos de "segundo elemento") enquadrava a estrada num determinado ponto, onde pudesse bloquear, de modo eficiente, qualquer avanço. Aproximadamente 500 a 1.000 metros mais adiante, na direção donde estava vindo a coluna de substituição, o "primeiro elemento", formado de, talvez, cinco unidades, era colocado de ambos os lados da estrada. Por último, um "terceiro elemento", de cêrca de três companhias e denominado "emboscada de retaguarda" esperava a uma distância de mais 1.000 metros, atrás do "primeiro ele-

mento". As posições eram escolhidas com atenção e as armas engenhosamente camufladas. Conforme avançava a fôrça de substituição, esta passava, sem ser molestada e sem suspeitar, pelos "terceiro" e "primeiro" elementos, mas era parado pelo "segundo elemento", que bloqueava a estrada. Tão logo era imobilizada, os outros dois elementos assaltavam. O elemento mais importante, no centro, atacava a fôrça principal, enquanto o "terceiro elemento", na retaguarda, tentava cortar a retirada, bem como possíveis fôrças de socorro.(*) Os franceses se queixavam que, apesar da observação aérea e de outros meios, era quase impossível detectar essas emboscadas e, quase sempre, caíam nelas. A única defesa consistia em tramar meios de reduzir sua eficiência. Às vêzes os franceses faziam suas colunas mais longas do que a extensão ocupada pelos elementos de emboscada, com isso tornando possível a fuga de parte de suas fôrças, enquanto outra parte viesse em auxílio das fôrças aprisionadas. Também equipavam as colunas de substituição com artilharia e blindados para ajudar a debandar os rebeldes. Além disso, também descobriram que podiam mandar apenas um veículo, ou mesmo dois ou três, pela estrada abaixo sem que êles fôssem molestados pelos vietminh, que ficavam aguardando prêsa maior. Durante as operações de limpeza, êles tentavam dar cobertura aérea que, esperavam êles, denunciaria ou desencorajaria qualquer emboscada. A maior parte dessas medidas, contudo, não foram bem sucedidas e os franceses viveram com mêdo de emboscadas até o fim da guerra.

(*) Òbviamente, nem tôda emboscada viet seguia êste padrão. Cita-se êste exemplo, principalmente, para mostrar o cuidado e os planos envolvidos numa emboscada típica.

A DEFENSIVA

Seguindo os preceitos de Mao, "se o inimigo ataca, eu desapareço; se êle defende, eu hostilizo; e, se êle bate em retirada, eu ataco", os vietminh evitavam o combate defensivo sempre que possível. O fato de suas poucas instalações vitais estarem em áreas distantes e difíceis, fora do alcance das fôrças terrestres francesas, geralmente, permitia-lhes rejeitar combate, se quisessem.

As unidades vietminh, não importa quais fôssem suas posições, tinham planos de retirada. Um exemplo clássico dessa tática foi fornecido em agôsto de 1948, na Plaine des Joncs, uma grande área pantanosa na Cochinchina. Os franceses haviam descoberto a localização do pôsto de comando de Nguyen Binh, o comandante viet da Cochinchina, e assestaram uma operação aero-terrestre com o objetivo de capturar ou matar Nguyen Binh e seu estado-maior. Vários batalhões moveram-se laboriosamente através da lama, enquanto mais de duas companhias de pára-quedistas saltavam diretamente sôbre o pôsto de comando. Surprêsa total. Alguns tiros foram disparados contra os pára-quedistas enquanto êles desciam e uma rápida escaramuça seguiu-se durante a aterragem, mas, logo após, a um dado sinal, todo o combate cessou. O inimigo viet simplesmente desaparecera e nem as fôrças terrestres francesas circundantes nem os pára-quedistas puderam encontrar qualquer dos defensores. Era claro que os vietminh possuíam planos detalhados para uma ocasião destas e haviam-nos executado com perfeição.

Haviam dois métodos possíveis para o desaparecimento. Um, retroceder para esconderijos arranjados de antemão na área, tais como cavernas subterrâneas, buracos especialmente cavados ou posições preparadas nas margens dos rios, abaixo do nível d'água. Todos êstes lugares eram engenhosamente camuflados, e apenas algumas pessoas sabiam de sua localização. O outro método era bater em retirada em pequenos grupos, ou individualmente, a fim de desaparecer nas matas ou dissolver entre a população de uma vila ou cidade próximas.

Quando os vietminh resolviam defender um lugar, portavam-se de acôrdo com um plano muito cuidadoso. Suas técnicas e táticas de defesa eram melhor ilustradas nos povoados. Para proteger uma determinada aldeia, organizavam um detalhado projeto de fortificação e defesa ativa. Abrigos individuais e esconderijos, de modo geral subterrâneos e ligado por túneis, eram construídos de tal maneira que um defensor podia disparar e desaparecer sucessivamente em diversos lugares. Alguns dos buracos individuais eram supridos de víveres e água, caso o ocultamento fôsse necessário durante vários dias. Eram tão bem camuflados que os franceses muitas vêzes usavam cães para descobri-los e os viets, por seu lado, jogavam cal nas entradas das tocas para afugentar os animais. Mesmo bons campos de fogo eram sacrificados, frequentemente, por causa de melhor camuflagem, e aos defensores só era permitido revelar o localização de seus esconderijos aos seus comandantes.

As aldeias em Tonquim já eram parcialmente fortificadas contra aventureiros e animais e os vietminh melhoraram essas defesas, acrescentando-lhes obstáculos anti-tanques, minas e outros engenhos modernos. Durante os primeiros anos da guerra, êles tentaram tornar cada povoado inexpugnável, mas cedo compreenderam que isto era impossível e restringiram-se a dificultar ao máximo a penetração do inimigo na vila. Tôdas as primeiras aldeias fortificadas possuíam planos de defesa idênticos, como os franceses logo puderam constatar. Depois, o viet modificou seus planos, complicando, assim, o problema dos atacantes.

Uma rêde de sentinelas protegia cada uma dessas aldeias e seus setores internos. Durante o dia, os guardas, disfarçados de camponeses ou trabalhadores, postavam-se a cêrca de uma milha do povoado. Suas posições eram frequentemente alteradas e um mensageiro, também sob disfarce, estava sempre a postos para levar notícias de avanço inimigo sôbre a aldeia. À noite, as sentinelas se acercavam mais, colocando-se perto dos portões. Cada setor tinha um sistema de vigilância próprio e um sinal de alarme convencionado. Os estranhos eram sempre controlados e suas credenciais cuidadosamente fiscalizadas. Havia canais de ligação com os povoados vizinhos e comandos superiores.

Os viets faziam todo o esfôrço possível a fim de confundirem os franceses quanto à localização dos defensores e, muitas vêzes, atraíam-nos para armadilhas preparadas a fim de, então, cercá-los. Em caso de assalto, os defensores da aldeia deviam atacar o inimigo, ininterruptamente, enquanto êste se aproximasse, entrasse e penetrasse no povoado. Não se esperava que o adversário fôsse totalmente aniquilado na fase inicial. Logo que enfraquecesse, contudo, empreender-se-ia um contra-ataque com o objetivo de aniquilação. Se, por outro lado, os franceses continuassem a pressionar para a frente, seria ordenada a retirada.

Na defesa das aldeias, como em tôdas as situações, os vietminh, relutantes em perderem mesmo guerrilheiros temporários, faziam diligentes planos para a retirada. Numa luta renhida, os defensores deviam, após um sinal convencionado para a ruptura de combate, retroceder para os seus buracos ou abandonar os povoados por vias prèviamente escolhidas.

O CASO DE DIEN BIEN PHU

A batalha de Dien Bien Phu merece especial atenção, pois não foi típica da luta da Indochina. No outono de 1953, o govêrno francês determinou que se prestasse auxílio ao Laos e, quase simultâneamente, negociou um tratado de defesa com o govêrno laociano. O comandante francês na Indochina, General Henri Navarre, deveria desincumbir-se desta missão sem, contudo, pôr em perigo a segurança do Corpo Expedicionário. Navarre sabia ser impossível defender o Laos por meio de uma guerra de movimento ou por qualquer linha defensiva e decidiu que o único recurso seria instalar um ponto-fortificado aéro-terrestre, estratègicamente colocado que, esperava êle, pudesse impedir uma invasão maciça. Ademais, havia alguma expectativa de que as fôrças de Giap fôssem, de tal modo, arrastadas a uma batalha convencional, acarretando pesadas baixas para o vietminh. Navarre, todavia, reconhecia que um ponto fortificado não poderia impedir todos os ataques militares ao Laos.

O povoado de Dien Bien Phu — situado num vale de, aproximadamente, 16 por 8 quilômetros e a mais de 320 quilômetros de distância das bases aéreas francesas em Hanói e Vientiane — foi escolhido para sede dêsse ponto fortificado e ocupado em fins de novembro de 1953. Embora Navarre reconhecesse não ser aquilo um lugar ideal para uma operação daquela natureza, êle o considerou o melhor da área. Na época, foi criticado pela escolha de Dien Bien Phu, e o continua sendo, pois isso significava que o inimigo ocuparia todo o terreno elevado circundante. Os oficiais da fôrça aérea francesa também afirmaram que, caso tivessem sido consultados, não teriam concordado quanto ao local, pois êle se situava no ponto

extremo do raio de ação dos aviões de caça que deveriam dar apoio à base. A controvérsia gerada pelo assunto continuou, mesmo depois da guerra, e nunca poderá realmente ser resolvida, embora — com o bom-senso que inspiram os erros do passado — os críticos de Navarre possam ser julgados corretos em sua apreciação.

Os franceses subestimaram, sèriamente, a artilharia disponível dos vietminh e o método pelo qual seria usada. Os chineses haviam suprido Giap com muito mais artilharia regular do que o serviço de informações francês pudera averiguar, porém o progresso mais notável era que os vietminh empregavam sua artilharia em tiro direto e não, indiretamente, como os artilheiros franceses e também os americanos haviam predito. Em vez de tomarem posição atrás das colinas, o que teria pôsto os fortes franceses fora de alcance, os vietminh, durante a noite, moviam os seus canhões para as encostas dianteiras das mesmas. Ali, cuidadosamente, encobriam e camuflavam peças isoladas que, disparadas à queima-roupa, produziam efeitos devastadores. Usando essa tática, os vietminh, cedo, puseram fora de combate ou neutralizaram a artilharia inimiga e, destarte, foram capazes de insinuar-se para mais perto das fortificações e de empreender ataques maciços. Com a artilharia francesa fora de serviço, os vietminh, então, puderam aproximar do forte a sua própria artilharia anti-aérea, tornando, pois, o aproveitamento aéreo muito difícil e perigoso. Na verdade, em abril, apenas eram viáveis os lançamentos de pára-quedas e mesmo assim de altitudes cada vez maiores. O avião de caça francês, podendo permanecer na área durante pouco tempo apenas, por causa das limitações do raio de ação, tinha de ser usado, principalmente, para supressão de flanco em vez de apoio imediato.

O segundo e importante êrro no cálculo francês foi pensar que Giap não se envolveria numa operação de cêrco, mas, foi isso, exatamente, o que êle fêz. Uma estrada especial fôra construída até a área de Dien Bien Phu para que os provisões pudessem ser trazidas diretamente da China e, a partir de dezembro e janeiro, víveres e munição foram armazenados para um demorado sítio. As tribos montanhesas comandadas pelos franceses, e que deveriam sabotar as rotas de suprimento dos vietminh, falharam completamente nessa missão. Enquanto a artilharia vietminh destruía as defesas e a artilharia francesa, Giap avançava com um complexo sistema de trincheiras e abrigos subterrâneos. As fotografias aéreas da região, em fevereiro e março, revelaram um conjunto de trincheiras que se apertava progressivamente ao redor dos fortes sitiados à maneira de um cêrco, típico do século XVIII.

Em março, depois de reunidos os abastecimentos e conquistada a supremacia de artilharia, Giap lançou o primeiro dos seus assaltos em grande escala contra Dien Bien Phu. "Gabrielle" e "Béatrice", os dois postos avançados situados na elevação, dentro do vale, foram os primeiros a cair sob as ondas maciças da infantaria de Giap. A perda dêsses fortes confirmou aos defensores que Giap, de fato, alcançara total superioridade de artilharia, não lhes sendo possível responder eficientemente ao seu fogo.

Em maio, os vietminh lançaram um ataque que, finalmente, devastou a posição e, no dia 8 daquêle mês, as últimas tropas francesas se renderam. Acabou, assim, a batalha de Dien Bien Phu e Giap havia conquistado uma vitória decisiva.

As baixas francesas, incluindo prisioneiros, somavam 12.000 homens, o que representava apenas cêrca de 6 por cento do total da fôrça expedicionária. Em número, as baixas de Giap foram, provàvelmente, o dôbro. Ainda que a perda de Dien Bien Phu e sua guarnição tivesse sido uma derrota amarga e inesperada para a França e um golpe no poderio ocidental, isso não foi decisivo, sob o ponto de vista militar. Seu maior impacto fêz-se sentir na arena política onde bastou para persuadir os franceses a negociarem a paz.

V

REAÇÕES VIETMINH ÀS TÁTICAS E AO PODER AÉREO DOS FRANCESES

Particularmente importantes num estudo desta natureza são as réplicas mútuas às novas táticas e técnicas. O presente capítulo tratará, sobretudo, das reações vietminh às inovações francesas, porém examinará alguns dos meios usados pelos franceses em resposta às táticas e contra-táticas dos vietminh.

MINANDO A POLÍTICA DE PACIFICAÇÃO

Até 1950, o maior esfôrço dos franceses se concentrara no sul, na Cochinchina, região de seus maiores sucessos. Ali, os franceses haviam adotado uma política de pacificação com o tríplice objetivo de subjugar os bandos rebeldes, ajudar a população local na instalação de suas próprias defesas e restaurar a vida normal nos povoados e cidades. A pacificação, portanto, assumia dois aspectos, o militar e o político. Os franceses alcançavam considerável êxito militar, mas não eram bem sucedidos na parte política. Sua relutância em conceder a independência ao Vietnam e o repetido fracasso em complementar os triunfos militares, restabelecendo os serviços e a administração regular nas regiões pacificadas, impediam que suas vitórias fôssem permanentes e bem definidas.

Do ponto de vista militar, suas ações de pacificação eram, especialmente, de dois tipos: operações de limpeza, para desimpedir uma área entre dois ou mais pontos defendidos pelos franceses; e operações de extensão, a fim de disseminar o contrôle francês no território vietminh. As fôrças de pacificação que, conforme o caso, se compunham de algumas companhias ou vários batalhões, eram formadas, em primeiro lugar, pela infantaria, porém incluíam, também, especialistas, artilheiros e tanques. De modo geral operavam em colunas, pois a natureza de seu equipamento e de suas armas os forçava a não abandonarem meios rudimentares de comunicação, tais como estradas ou canais. Essa exigência não só os expunha a determinadas táticas dos vietminh, como limitava a eficiência de suas ações. De vez em quando, os franceses se lançavam a operações de limpeza nas quais

a infantaria varria a zona rural, mas, em terreno pantanoso e regiões montanhosas ou arborizadas isso era extremamente lento e difícil e o inimigo, de modo geral, escapava. Amiúde, êles primeiro tentavam cortar, por completo, todos os meios de fuga pelo cêrco para depois varrer a área cercada, mas a habilidade de infiltração dos viets, frequentemente, frustrava êstes esforços.

Vários outros fatôres contribuíam para tornar essas operações menos bem sucedidas do que poderiam ser, pois as informações francesas eram deficientes e a maioria das áreas vietminh parecia ter conhecimento antecipado da chegada do adversário. A conduta dos soldados franceses, não raro, repelia a população nativa, cujo apoio era necessário conquistar por meio de ações positivas. Como já foi salientado, a imperfeita complementação política à vitória militar retardava o retôrno à via administrativa normal nos povoados e nas cidades, onde haviam restabelecido o seu contrôle, e também, deixavam decorrer muito tempo antes de desenvolver um programa psicológico apropriado tanto para os civis como os militares. E, para concluir, o terreno difícil e o clima debilitante demonstraram ser um sério obstáculo ao progresso francês.

Não obstante, a pacificação evoluiu muito, no sul, sobretudo antes de 1950, e reconhecendo nela uma ameaça, os vietminh tramaram táticas para miná-la, porém, mais importante, e em primeiro lugar, estava a contra-ação política. Os agentes viets se infiltravam numa aldeia ou numa área e implantavam uma célula que se tornava o centro da contra-pacificação, espalhando propaganda e aliciando, entre o povo, partidários para a causa vietminh. Uma vez alcançada uma posição segura e garantido algum apoio à luta contra os franceses, os vietminh prosseguiam com mais agressividade e, frequentemente, assaltavam e matavam os nativos que tentavam cooperar com os franceses ou opor-se à penetração vietminh. Êsses exemplos aterrorizavam a população local e constituíam forte embaraço à atividade pró-francesa na área.

COLOCANDO OS FRANCESES NA DEFENSIVA

Na parte militar, os vietminh aperfeiçoavam o sistema de proteção ou fortificavam as aldeias, a fim de dificultar as operações de limpeza dos franceses e também distribuiram detalhadas instruções sôbre táticas anti-cêrco, já que temiam os cercos dos franceses. Nos pontos principais, essas instruções seguiam as regras táticas gerais de que os combatentes viets deviam tentar evitar qualquer combate desfavorável ou, se presos num cêrco apertado, concentrar-se no ponto fraco das fôrças envolventes e lutar até encontrar uma saída. Os manuais, repetidas vêzes, acentuavam que as fôrças envolventes nunca eram fortes em todos os pontos e que um ataque resoluto poderia sempre levar a efeito uma ruptura. Quando em perigo de serem envolvidas por fôrças francesas bastante fortes, em terreno acessível, as unidades viets eram incitadas a se retirarem da área a tempo e de não deixar ninguém ser capturado pelos franceses.

O desfêcho no norte, na área de Tonquim, era um exemplo particularmente bom das contra-táticas militares dos viets, que alcançavam êxito em forçar o inimigo a passar da ofensiva para a defensiva. Enquanto os franceses ocupavam certas posições na fronteira, a fim de privar o vietminh do auxílio chinês, seu objetivo principal era criar uma fortaleza na região do Delta do Rio Vermelho que não apenas servisse de base de operações segura, mas também permitisse cortar o abastecimento dos viets, forçando-os, assim, a lutar pelo mesmo no Delta. Com essa finalidade, o General de Lattre tentou formar uma frente, segundo a terminologia ocidental, composta de fortes e postos dos quais os menores distavam

entre si menos de dois quilômetros, enquanto os fortes "maternos" maiores estavam separados uns dos outros por vários quilômetros. Os fortes compreendiam desde as simples tôrres — cercadas de arame farpado e defendidas por algumas dúzias de homens — até as fortificações complicadas, com armas pesadas e guarnecidas por diversas centenas de soldados. Os franceses reconheciam mesmo assim que as defesas táticas por si só eram raramente bem sucedidas e, ademais, de Lattre não tinha intenção de assumir uma posição defensiva. Uma vez tornada segura a base, provida de fortificações adequadas, e transferidas as fôrças de uma frente de operações para outra, os assim chamados "grupos móveis", compostos de infantaria, blindados e artilharia, representando a nata das tropas francesas, deveriam ser usados como fôrças atacantes para assaltar as instalações-chave vietminh e forçar o combate por seus próprios meios. Essa estratégia, contudo, era impedida por uma série de táticas viets que conseguiam causar embaraço a tantas tropas francesas que poucas ações ofensivas podiam ser desencadeadas, continuando a posição francesa essencialmente defensiva.

Após a sua vitória surpreendente sôbre os postos da fronteira, em 1950, os vietminh, no início, tinham prosseguido com ataques importantes ao redor das margens do Delta do rio Vermelho, mas desistiram ao sofrerem pesadas baixas. Daí em diante, infiltraram grandes unidades, como, por exemplo, uma divisão, nos postos e fortes franceses para ajudar os guerrilheiros dentro do Delta. Dizia-se que os franceses ocupavam o Delta durante o dia e o vietminh, durante a noite. Até mesmo dentro dêsse centro de defesa, os viets usavam minas e emboscadas e destruíam trechos de estrada, a fim de interromper o tráfego militar e civil dos franceses. Havia excelente coordenação entre as atividades clandestinas dentro e as operações das fôrças vietminh fora do Delta, pois a atividade de resistência interna era intensificada sempre que os franceses atacavam os vietminh fora. Avaliou-se, de modo fidedigno, que, em 1953, cêrca de 35.000 vietminh exigiam três vêzes seu número em fôrças francesas no Delta. Como no esfôrço de contra-pacificação no sul, os viets faziam exemplo de casos individuais para assustar quaisquer nativos que pretendessem apoiar os

franceses e também assaltavam muitos dos postos ou fortes, de preferência os mais isolados, geralmente em ataques de surprêsa, noturnos, cuidadosamente planejados e com grande superioridade de potencial humano. Com alguns canhões mais pesados, fornecidos pelo auxílio chinês, os viets começavam a usar granadas de perfuração de couraças contra os fortes que, muito velhos e fracos, não podiam resistir a êsse tipo de ação.

Os franceses que, naturalmente, não aceitavam passivamente estas contra-táticas, trouxeram cães da França para descobrir a aproximação do inimigo, sobretudo à noite, mas os animais muitas vêzes eram incapazes de distinguir entre amigo e inimigo. Em escala bastante limitada, os franceses tentaram reduzir as dificuldades do combate noturno, iluminando a área após o anoitecer, mas seu equipamento era inadequado para êste fim. Além disso, contruíam também as novas fortificações debaixo da terra, com apenas alguns postos de observação acima do solo. Isso realmente tornou os assaltos mais difíceis e o uso de granadas de perfuração de couraças, menos eficiente, porém a maioria dos fortes, a não ser que auxiliados por colunas móveis, caíam diante de um concentrado ataque vietminh.

Durante a guerra, enquanto o vietminh progredia em seu poder de ofensiva, incluindo unidades suficientemente grandes para empreender operações mais importantes, os franceses eram empurrados cada vez mais para a defensiva, e viam-se forçados a desenvolver suas próprias técnicas para encontrar meios de oposição a certas táticas e técnicas vietminh. Uma de suas mais notáveis inovações foi a criação do que chamaram "ponto fortificado aero-terrestre" nas regiões montanhosas controladas pelo Vietminh, mas habitadas por gente simpatizante dos franceses. Tendo de conservar algumas tropas e pontos fortificados nessas áreas e como suas comunicações terrestres eram extremamente deficientes, os franceses estabeleceram nas proximidades de suas faixas de pouso guarnições que eram supridas por via aérea. Com êsses pontos fortificados servindo de base e, às vêzes, com o apoio de pára-quedistas, conseguiam rechaçar muitos ataques vietminh e manter as "aparências". O pequeno número de aviões

de carga disponíveis e a grande necessidade de tropas francesas no Delta limitou, porém, o número de tropas que podiam ser usadas nos pontos fortificados, como ficou evidenciado, naturalmente, em Dien Bien Phu.

Uma segunda contra-técnica, baseada na experiência adquirida na França durante a Segunda Guerra Mundial, consistia na organização de grupos de guerrilheiros nas áreas montanhosas para agirem como "maquis" contra os vietminh. Diziam os franceses que, durante a batalha de Dien Bien Phu, possuíam, na zona, um equivalente de cêrca de 15 batalhões de guerrilheiros (partisans) que deveriam ter interferido nas linhas de suprimento vietminh, mas essa ação se manteve muito limitada e muitos dos oficiais franceses ficavam desapontados com os resultados, mas a verdade é que em várias ocasiões os vietminh tiveram de destacar regimentos para limpar áreas onde os franceses haviam penetrado com o seus guerrilheiros.

NEUTRALIZAÇÃO DO PODER AÉREO

Durante tôda a guerra, os vietminh reconheceram a absoluta superioridade do poder aéreo francês e passaram então a usar numerosos manuais e panfletos de propaganda para mostrar como essa vantagem do inimigo poderia ser neutralizada. Antes de examinar como se ocupavam em reduzir ao mínimo os efeitos do poder aéreo francês, é bom considerar, brevemente, o tipo de poder aéreo que os franceses possuíam na Indochina, a maneira como o utilizavam e as dificuldades de operação que encontravam. Embora as estatísticas publicadas não sejam exatas, o seguinte parece ser uma estimativa razoável do que era a aviação francesa na Indochina: em novembro de 1951 havia 158 aviões de caça, 42 bombardeiros leves, 75 aviões de transporte, 28 aviões de reconhecimento e 105 teco-tecos. Dois anos mais tarde, em novembro de 1953, os franceses tinham 120 aviões de caça, 42 bombardeiros leves, 84 transportes, 16 aviões de reconhecimento e, aproximadamente, 237 outros aviões, incluindo teco-tecos e aviões de treinamento. Em março de 1954, no início da batalha de Dien Bien Phu, havia 123 aviões de caça, mais 40 caças baseados em porta-avião, 41 bombardeiros leves, 124 transportes, 16 aviões de reconhecimento e 230 aviões de outros tipos.(*) Êsses algarismos não incluíam alguns aviões-cargueiros civis, alugados, que auxiliavam no reabastecimento aéreo.

A fôrça aérea francesa na Indochina operava sob tremendas dificuldades. Em primeiro lugar, havia sòmente cêrca de cinco aeródromos de primeira-classe, os quais,

(*) General L. M. Chassin, "Aviation Indochine" (Poder Aéreo na Indochina) — (Amiont-Dumont: Paris, 1954).

pelo menos durante algum tempo, impuseram um limite ao número de aviões que podia ser operado naquele teatro. Construir novos aeroportos era um empreendimento vagaroso e difícil. Nas regiões do Delta, fazia-se necessário uma tonelada de rochas trituradas para cada metro quadrado e essas pedras tinham de assentar lentamente. Como resultado, mesmo sob um programa "a todo vapor", os aeródromos seguros não podiam ser construídos com rapidez. As áreas montanhosas estavam, em geral, em poder dos vietminh e, além disso, apresentavam problemas de construção peculiares. A segunda grande dificuldade para o planejamento das operações aéreas francesas era o tempo: mau durante a maior parte do ano, variando intensamente de uma região da Indochina para outra. Existiam poucos postos meteorológicos e, mesmo que o tempo estivesse bom em Hanói, poderia não estar sôbre o alvo ou entre o alvo e ponto de decolagem. Em terceiro lugar, a fôrça aérea francesa se queixava de que seus mapas não inspiravam confiança. Altitudes de picos e outras informações essenciais sôbre o terreno eram imprecisas e, por isso, em certas zonas os aviões não podiam operar em segurança. E, por último, a orientação pelo rádio e outros auxílios à navegação eram inadequados para vôos normais e mais ainda também para operações noturnas e em mau tempo.

Os oficiais da fôrça aérea francesa eram quase unânimes em sua crítica à estrutura do comando. Servindo sob as ordens de um Comandante-em-Chefe do exército, que era responsável por todo o teatro, êles percebiam que raramente eram incluídos no planejamento e que, tivessem êles sido consultados, muitas operações teriam sido executadas de modo diverso e mais eficiente. Achavam que, de um modo geral, o poder aéreo era mal empregado e estava por demais subordinado ao exército; era, por exemplo, muitas vêzes, usado em apoio direto, quando podia, mais apropriadamente, funcionar na interdição e noutros alvos aéreos.

Já que o vietminh não possuía fôrça aérea de espécie alguma, a batalha pela supremacia do ar nunca entrou em jôgo; até o fim da guerra, os franceses puderam utilizar seu limitado poder aéreo de diferentes maneiras, incluindo a interdição, o apoio direto ao exército e o empreendimento de operações aero-terrestres.

A capacidade anti-aérea vietminh melhorou no decorrer da guerra, especialmente depois da chegada do auxílio chinês. Durante o cêrco de Dien Bien Phu, como vimos, os viets conseguiram derrubar muitos aviões franceses e obrigar a maior parte dos outros a voarem em altitudes que impediam a assistênca eficiente e o acurado lançamento de provisões para as tropas. Embora, aparentemente, os canhões anti-aéreos não fôssem controlados pelo radar, havia algumas peças russas excelentes, manejadas com perícia. Mesmo antes de possuírem defesa anti-aérea, todavia, os vietminh lograram derrubar muitos aviões apenas com rifles e metralhadoras, e os guerrilheiros tinham tentado neutralizar os aviões em terra. É interessante notar que o vietminh atacava, principalmente, os aviões de transporte e, raras vêzes, molestava os caças.

Ainda que os franceses, durante todo o tempo, tivessem feito esporádicos esforços de interdição, não foi senão em 1952 que êles, neste sentido, realmente planejaram um amplo programa com o objetivo de atacar as rotas de suprimento, particularmente as que saíam da fronteira chinesa. Nessa campanha, êles se concentraram em dois tipos de alvos: garagens de caminhões ou armazéns onde as provisões pudessem estar guardadas e trechos de estrada difíceis, onde fôsse difícil conseguir desvios. A maior parte de seus alvos se situava dentro do triângulo Lang Son-Bac Kan-Cao Bang. A fôrça aérea francesa fêz grande alarde do sucesso alcançado nessa ofensiva e, ao mesmo tempo, asseverou haver reduzido o fluxo do auxílio chinês de 1.500 para 250 toneladas por mês. O vietminh reagiu a êsses esforços de interdição de várias maneiras, sem, contudo, introduzir qualquer novidade. Em primeiro lugar, como a maior parte do transporte se fazia de noite e os franceses quase não tinham possibilidades noturnas, os cules permaneciam a salvo. Se a situação tática no campo exigisse a locomoção durante as horas do dia, os cules tentavam, sempre que possível, enveredar por picadas desconhecidas ou rotas novas. Isso emba-

raçava o esfôrço aéreo inimigo, visto que, as trilhas insignificantes com colunas de cules eram difíceis de serem localizadas, e a capacidade de reconhecimento dos franceses havia caído em 1952. Nos pontos críticos das estradas, os vietminh, às vêzes, postavam equipes de reparação que reconstruíam as pontes porventura destruídas. Noutras ocasiões, simplesmente empregavam barcos para atravessar as provisões.

O apoio aéreo direto para as fôrças terrestres francesas era usado em grande extensão e muitos dos próprios franceses sentiam ser isso um êrro em vista do seu valor reconhecidamente limitado. Exceto quando em batalha, era muito difícil localizar as unidades vietminh, pois elas, quase sempre, estavam bem entrincheiradas e eram muito astutas quando se tratava de dispersão, camuflagem e ocultamento. Também, muitas vêzes, se misturavam à população e a fôrça aérea francesa não conseguia diferenciá-los dos civis ou, se o conseguia, não podia atacá-los com mêdo de atingir a gente do povoado ou da cidade. Os ataques vietminh, como afirmado antes, sempre começavam de noite quando a capacidade aérea dos franceses era muito limitada. Se a batalha continuasse durante as horas do dia, um método eficiente pelo qual os viets evitavam o ataque aéreo era o de "grudar-se" ao adversário, isto é, acercar-se tanto dêle que o fogo aéreo poderia atingir tanto amigos como inimigos.

Na fase final da guerra, o reabastecimento aéreo das guarnições francesas adquiria cada vez mais importância e, com um número adequado de aviões de transporte, poderia ter sido ainda mais eficiente. A vantagem dos franceses em suprimento aéreo era indiscutível, em face da limitada capacidade da defesa anti-aérea do adversário. Mesmo assim, o vietminh fêz todo o possível para infiltrar agentes nas bases aéreas de seu adversário e aviões sob a mais rigorosa vigilância eram encontrados sabotados. Durante a batalha de Dien Bien Phu, quando o suprimento aéreo estava mantendo viva a guarnição francesa, os vietminh, num exemplo digno de nota de coordenação em seu esfôrço de guerra, organizaram uma campanha especial de sabotagem no Delta a fim de destruírem os aviões de carga, e tornaram assim evidente o valor que emprestavam à capacidade francesa de suprimento aéreo.

Embora as operações aéreas fôssem de grande importância a capacidade limitada do transporte aéreo francês impedia as grandes operações aero-terrestres na Indochina. De modo geral, apenas um batalhão e, mesmo nos últimos estágios da guerra, nunca além de dois ou três podiam ser aerotransportados para uma única operação. Apesar disso, os franceses, raramente, alcançavam a surprêsa, pois os seus aviões de reconhecimento, ao fazerem o levantamento da região antes do ataque e suas unidades terrestres ao avançarem em direção a determinada área, muitas vêzes, alertavam os vietminh para um possível ataque aeroterrestre. Também, a própria natureza da guerra tornava as operações de pára-quedistas menos eficientes do que poderiam ter sido numa guerra convencional. Como não havia frente nem tampouco quem os interceptasse, os pára-quedistas eram, geralmente, lançados contra um ponto-chave na esperança de destruí-lo. Na maioria dos casos, um batalhão resultava muito fraco para levar a cabo a missão, particularmente, durante as últimas fases da guerra, quando as unidades vietminh eram poderosas. Os planos ocasionais de conexão entre pára-quedistas e fôrças terrestres, de modo geral, produziam resultados desapontadores. Não obstante, os vietminh temiam aquêle tipo de operações e se precaviam contra as mesmas. Tôdas as suas unidades, aldeias fortificadas e outras áreas importantes postavam sentinelas que permaneciam atentas aos aviões e, sobretudo, aos pára-quedistas.

Em certos lugares, próprios para aterrisagem, os vietminh erigiam ponteagudas varas de bambu para que nela se espetassem e ferissem os pára-quedistas. Além disso, se ameaçados por um ataque de pára-quedistas, os viets simplesmente desapareciam e não deixavam ninguém para lutar. E, por último, os franceses, na obrigação de recolherem seus pára-quedas após cada salto, deixavam de 1/3 a 1/4 da unidade de salto prêsa a essa tarefa, muitas vêzes, durante a metade do dia, reduzindo, consequentemente, o número de efetivos para combater.

Nessa oportunidade os vietminh atacavam os coletores de pára-quedas, tornando mais difícil a aterrissagem e sacrificando muitas vidas.

* *

Assim, como em tôdas as guerras, havia constante ação recíproca entre os oponentes: enquanto um tramava táticas e estratégias novas, o outro tentava frustrá-las. O vietminh, tão logo reconhecesse uma nova tática francesa, distribuía instruções de como enfrentá-la. A tendência dos franceses era manterem-se fiéis aos seus métodos de guerra usuais, mesmo se êles já estivessem superados. E quando a guerra recomeçou alguns anos mais tarde envolvendo dois adversários bem diferentes e com a subsequente introdução de elementos especializados dos E.U., êsse jôgo se tornou ainda mais interessante e notável.

VI

SURGE O VIETCONG

A luta militar entre os vietminh e os franceses terminou em julho de 1954. Esperava-se na Conferência de Genebra que a divisão geográfica do Vietnam fôsse temporária e a cessação do combate, permanente, mas sucedeu o inverso. A disputa foi reiniciada em fins de 1950 e, gradualmente, aumentou de intensidade e escala através da década de 1960 até ao atual e amargo conflito de 1967, enquanto a linha de demarcação se tornava fixa e as duas zonas seguiam caminhos opostos.

Os acôrdos de Cessação de Hostilidades (20 de julho de 1954) e a Declaração Final da Conferência de Genebra (21 de julho de 1954) — ou os Acôrdos de Genebra, como são conhecidos, de modo geral — oficialmente terminaram os combates no Vietnam e tentaram estabelecer um "modus vivendi" até que um entendimento político pudesse ser arranjado.(*) O escopo dos acôrdos de cessar-fogo era, bàsicamente, militar. Uma linha divisória militar provisória, com uma área desmilitarizada de 5 quilômetros de ambos os lados, foi estabelecida ao longo do paralelo 17, dividindo, assim, o Vietnam em duas zonas. As fôrças militares dos dois grupos deveriam ser reagrupadas em suas zonas respectivas dentro de 300 dias. Ambos os grupos foram proibidos de "lançar represálias ou discriminações contra pessoas ou organizações por causa de suas

(*) O têrmo amplo, os Acôrdos de Genebra, também inclui os pactos militares de cessar-fogo do Laos e da Cambódia, os quais não são discutidos aqui por motivos óbvios.

atividades durante o conflito." Os acôrdos proibiram o refôrço de tropas, a introdução de mais armas e equipamento modernos e a instalação de bases estrangeiras em cada uma das zonas. Também segundo os acôrdos, criou-se uma Comissão Internacional composta da Índia, Canadá e Polônia para o "contrôle e supervisão da obediência às estipulações do pacto". Os tratados de cessar-fogo foram assinados por oficiais da França (pelo Sul) e da República Democrática Comunista do Vietnam (pelo Norte); a França e a R.D.C.V. eram, assim, responsáveis pelo cumprimento em suas respectivas zonas. Os acôrdos não foram assinados por representantes do govêrno do Vietnam do Sul (G.V.S.) ou dos Estados Unidos.

A Declaração Final da Conferência, que não tinha a assinatura de nenhuma nação, registrou e apoiou as principais cláusulas do cessar-fogo. Enquanto êsses acordos de um certo modo admitiam a possibilidade de uma eleição para unificar o Vietnam, a Declaração Final, com tendências políticas definidas, era bastante específica. Exigia um acôrdo político no futuro e uma eleição geral, com voto secreto, a ser realizada em julho de 1956 — concedendo, assim, dois anos para restabelecer um pouco de ordem nas duas zonas. Também, especialmente, facultava a cada pessoa a livre escolha do lado em que iria viver. Os participantes da conferência concordaram em respeitar a soberania do Laos, Cambódia e Vietnam — admitindo, portanto, a natureza supostamente temporária da divisão do Vietnam — e de absterem-se de interferir nos seus negócios internos. Êles também concordaram em analisar quaisquer assuntos submetidos à sua consideração pela Comissão Internacional de Contrôle.(*)

A R.D.V.N. (República Democrática do Vietnam do Norte) tinha razão de estar insatisfeita com êsse entendimento e achou que a União Soviética e a China a haviam

(*) Êste breve sumário das condições dos Acôrdos de Genebra não compreende os sérios problemas nascidos dessa Conferência, tais como a legalidades dos Acôrdos; se os E. U. estavam ou não comprometidos e se o govêrno do Vietnam do Sul tinha ou não obrigações legais. Ainda que importantes, essas dúvidas não constituem crítica ao tema dêste livro.

pressionado a fim de que concordasse com condições de contrato menos favoráveis do que merecia. Ainda que a significação militar da derrota de Dien Bien Phu possa ser exagerada, é verdade que o Vietminh estava, aos poucos, desgastando as fôrças militares francesas no Vietnam. Mais digno de nota era o fato que as constantes baixas e a natureza aparentemente interminável da luta haviam convencido Paris de que o conflito devia terminar. Dada essa situação, a R.D.V.N. considerava que lhe tocara menos território do que de direito, com mais vantagens globais para os franceses do que êles mereciam, e que, pelo menos temporàriamente, fôra levada a cabo a divisão de seu país. Os líderes da R.D.V.N. também reconheciam que o cumprimento dos acôrdos dependia em grande parte da boa vontade e da aptidão dos franceses. Se a França falhasse de algum modo, o compromisso de Genebra estaria perdido. Êles, consequentemente, se sentiram em parte logrados com a sua vitória e estavam preocupados com o eventual cumprimento do pacto.

Contudo, o ajuste para eleições em julho de 1956 deu a Hanói a esperança de alcançar a unificação do Vietnam sob a sua liderança e foi, de certo, esta esperança que levou a R.D.V.N. a assinar os acôrdos. Em 1954, parecia claro à maioria dos observadores, bem como a Hanói, que tais eleições seriam vencidas pelo regime de Ho Chi Minh. Uma segunda e mesmo mais imediata possibilidade era de que o regime de Saigon jamais consolidaria sua posição e poderia mesmo desmoronar antes das eleições, dando, assim, à revelia, a vitória a Hanói. Em tal caso talvez não houvesse necessidade de uma eleição, exceto para confirmar e legalizar a tomada do poder.

A SITUAÇÃO DEPOIS DE GENEBRA

Em meados de 1954, o Vietnam do Sul estava realmente em confusão e não havia grande probabilidade que um govêrno efetivo pudesse ser estabelecido. Bao Dai, o Chefe de Estado e antigo Imperador, não tinha a confiança do povo e estava tendo dificuldades em encontrar um líder para formar o govêrno. A 4 de junho, enquanto a Conferência de Genebra ainda estava em sessão, Bao Dai indicou Ngo Dinh Diem, um nacionalista de longa data que estivera ausente do país durante vários anos, para o cargo de Premier do govêrno do Vietnam do Sul. Até então, não existia pràticamente qualquer máquina governamental e Diem não tinha o contrôle de tôda a área de Saigon-Cholon e, muito menos, da zona rural. Uns poucos observadores esperavam que êle resistisse por muitos meses e quase ninguém pensou que lhe seria dada a chance de restabelecer a ordem e criar um govêrno operacional no Sul. Contudo, no espaço de um ano, Diem conseguiu derrotar as fôrças paramilitares das seitas político-religiosas (Hoa Hao, Cao Dai e Bin Xuyen) e rechaçar seus remanescente, edificar um exército, estabelecer um pouco de administração civil e começar a estender o contrôle do govêrno central à zona rural. Os Estados Unidos ofereceram apoio, conselho e auxílio econômico ao nôvo Premier. Os triunfos de Diem deram-lhe alguma base e popularidade dentro de seu próprio país e um certo respeito de outros países. Por meio de um referendum popular êle conseguiu expulsar Bao Dai do cargo de Chefe de Estado e proclamar a República do Vietnam. Os franceses tiraram seu Corpo Expedicionário e dissolveram seu Alto Comando antes do prazo previsto e, em consequência, um dos signatários do Acôr-

do de Genebra não estava mais em cena. Sentindo-se fortemente apoiado, Diem anunciou em 1955 que não concordaria com eleições segundo o estipulado no Convênio de Genebra. Por isso, ao aproximar-se 1956, parecia improvável que o govêrno de Saigon desmoronasse e ainda mais improvável que se realizassem as eleições.

Ao mesmo tempo, era evidente, tendo em vista as alegações e os atos dos líderes da R.D.V.N., que êles ainda não haviam desistido de sua intenção de unificar o Vietnam sob o seu govêrno. No início de 1955, Ho Chi Min exigiu contínuo esfôrço tanto no Norte como no Sul para a unificação e a vitória final e, em setembro de 1955, criou a Frente da Pátria do Vietnam, cujo programa era claramente dirigido à unificação. Alguns dos vietminh, que permaneceram no Sul e foram mais tarde capturados, disseram haverem sido instruídos pela Frente da Pátria a apoiar o Pacto de Genebra, em geral, e as eleições, em especial, como o caminho mais seguro para a unificação. Parece ter havido alguma pressão sôbre Hanói por parte da União Soviética e da China (que por diferentes razões não desejavam perturbar o cenário internacional) no sentido de acatar o Acôrdo de Genebra e esperar pelas eleições, as quais, quase todos pensavam, seriam vencidas por Hanói. Era possível também que o Vietminh talvez estivesse fraco logo após a retirada de tantas tropas e partidários para o Norte. No fim de 1955, Hanói parecia estar se concentrando na consolidação do seu regime no Norte e lutando pelo socialismo e amplas mudanças sociais através de drástica reforma agrária, enquanto esperava que a eleição resolvesse o problema de unificação no Sul, mas Hanói também fizera alguns planos para agir no Sul, caso as eleições não se materializassem.

Em 1954, os comunistas tinham levado consigo, para o Norte, numerosas tropas e alguns partidários sulistas cuidadosamente selecionados — talvez um total de 80.000 a 100.000. (Que são geralmente conhecidos como *"regroupees"* — reagrupados). Essa ação vinha ao encontro das estipulações dos Acôrdos de Genebra. Hanói também deve ter desejado conservar um exército tão forte quanto possível com o plano de usá-lo, mais tarde, no Sul.

Êles representavam ótima base para um Exército Vietnamita "unificado" e um quadro governamental sulista, em potencial, se as eleições fôssem vencidas pelo regime de Ho Chi Minh. Se não houvesse eleições, os reagrupados poderiam agir como um quadro subversivo em futura atividade no Sul. Hanói tinha deixado de 5.000 a 10.000 quadros de eleite e esconderijos de víveres e armas no Sul. Êsses quadros, de pessoal político e administrativo, na maioria, penetraram na zona rural, dando início às suas operações subversivas só depois de julho de 1956. O Vietminh também conservara algumas bases — notadamente nas províncias de Quang Ngai e Binh Dinh, nas montanhas atrás de Nha Trang na parte setentrional da província de Tay Ninh, na Zona D, em certas áreas das províncias de Kien Phong e An Xuyen e nas montanhas, as quais sempre administrara e onde Diem jamais penetrara — porém, empreendera poucas ações agressivas em 1954-56. Contudo, quando Hanói quíz recomeçar suas atividades subversivas no Sul, havia quadros locais e um esboço de estrutura administrativa e os reagrupados representavam reforços potenciais.

As eleições não se realizaram em 1956. A R.D.V.N. queixou-se à Comissão Internacional de Contrôle e a Comissão por sua vez reclamou ao Vice-Presidente da Conferência de Genebra (Grã-Bretanha e União Soviética), mas nenhuma medida foi tomada. Em novembro de 1956, como resultado de uma longa e latente hostilidade ao regime, causada pela assim chamada reforma agrária, ocorreram levantes no Norte que foram brutalmente reprimidos e, em consequência, Hanói não estava em boa posição para pressionar eleições livres. Podia-se mesmo especular que Hanói não desejava as eleições naquela época por causa do desassossêgo no Norte e da surpreendente fôrça de Diem no Sul. Em todo o caso, a data para as eleições passou sem grandes demonstrações dentro do Vietnam ou protesto significativo de qualquer outro país. Assim, o acôrdo provisório feito em 1954 adquiriu mais eficácia, mas a promessa de eleições, aparentemente, havia sido um fator decisivo para persuadir Hanói a aceitar o Acôrdo de Genebra, e negligência para sua realização deu-lhe uma desculpa para procurar outros meios de unificação — e a chance de tirar partido dos distúrbios no Sul.

Ngo Din Diem, na tentativa de formar um govêrno forte e altamente ditatorial, alienou muitos grupos. Os funcionários locais, muitas vêzes altivos e inúteis, criavam ou agravavam a hostilidade em relação ao regime de Saigon. A maior parte dos membros das seitas político-religiosas opôs-se a Diem depois da derrota de seus exércitos, pois desejavam revidar ao golpe, de qualquer maneira. As seitas não estavam em posição de derrubar Diem e reconquistar seus privilégios especiais — sua meta aparente — mas, cooperando com outros grupos, êles podiam prejudicar e enfraquecer o regime. Outros grupos, nacionalistas e dissidentes, aos quais não se dava parte no govêrno de Diem e, cada vez mais, com probabilidade de serem perseguidos, viram duas alternativas: juntar-se aos rebeldes ou fugir do país. Êles compartilhavam da amargura dos membros de seitas, mas diferiam em seus objetivos finais: aspiravam a um papel no govêrno e não a especiais privilégios de grupo. Alguns membros do Vietminh permaneceram revolucionários fiéis, enquanto muitos outros perderam interêsse e estabeleceram-se como pacíficos cidadãos, mas foram todos perseguidos e impelidos para a oposição pelas medidas repressivas de Diem. Os comunistas eram, decerto, um perigo, mas o govêrno de Saigon havia criado um terreno desnecessàriamente fértil para uma rebelião no Sul até fins de 1956.

Contudo, nem todo êsse campo fértil foi criado pelas medidas punitivas e pela fôrça policial, que talvez fôssem exageradas. Em tôda a sua história, o Vietnam foi unido durante apenas alguns anos. É um país em desenvolvimento e nunca foi um Estado-nação sob o ponto de vista ocidental. Històricamente, há, ainda, fôrças divisivas em ação. A lealdade do povo muitas vêzes prende-se a uma área específica, tal como a área de Hué, ou a uma das regiões do Vietnam — Cochinchina, Anam ou Tonquim — em vez de, à nação como um todo. Há uma forte tradição de autonomia de povoado. Há, também, as minorias não assimiladas, tais como os chineses, os *montagnards* e os khmers, que juntos representam cêrca de 10 a 15 por cento da população global e são muito numerosos em algumas partes do país. A minoria católica criou outra fôrça para a divisão e os próprios budistas não são um grupo homogêneo.

O Hoa Hao e a eclética seita político-religiosa dos Cao Dai — ambos produtos dos budistas — ainda mais complicam o problema. As sociedades secretas (de número ainda desconhecido) e partidos — os Dai Viets e o VNQDD, entre outros, têm suas próprias ambições e criam atrito dentro do país. (*)Todos êsses fatôres trabalham contra um Vietnam forte e unido.

(*) O Dai Viet ou Dai Viet Quoc Dan Hoi (Partido Nacional do Vietnam Maior) foi formado em 1945 no Anam setentrional como um grupo anti-francês. O VNQDD ou Vietnam Quoc Dan Dong (Partido Nacionalista do Vietnam) é um partido nacionalista mais antigo que foi fundado em 1927. É moldado segundo o partido chinês Kuomitang e pediu auxílio aos chineses para expulsar os franceses. Êsse grupo também está na ativa no presente regime de Saigon, especialmente na área do I Corpo.

INÍCIO DE INSURREIÇÃO

Na segunda metade de 1956, apareceram as primeiras indicações defintivas de atividade insurgente nas áreas rurais. Houve esforços de propaganda subversiva, incursões terroristas e o assassinato de vários funcionários. Alguns argumentam que a responsabilidade dêsses atos cabia aos remanescentes das seitas; outros sustentam que os perpetradores eram comunistas impacientes, frustrados por Genebra; ainda outros afirmam que os quadros comunistas dificilmente teriam empreendido tais ações sem o comando, muito menos sem a permisão de Hanói.(*) O regime de Dien defendia o terceiro ponto de vista e apresentou muitos documentos apreendidos que provavam a liderança comunista da subversão. Bernard Fall, dificilmente um partidário de Diem, estabeleceu uma cuidadosa correlação entre as áreas onde os comunistas foram acusados por Saigon de haverem iniciado a subversão e as áreas onde Hanói se queixou à Comissão Internacional de Contrôle de perseguição contra o Vietminh, e êle provou que eram quase idênticas. A informação dada

(*) Bernard Fall, em "Viet-Nam Witness": 1953-66 (New York: Frederick A. Praeger, 1966), p.78, afirma que as matanças vietminh começaram logo após julho de 1956. Em "The Two Viet-Nams (2.ª ed. rev.; New York: Frederick A. Praeger, 1967), p.316, êle argumenta que a insurreição começou através de "planos comunistas deliberados" em 1957. Veja também George Carver, "The Faceless Viet Con", Foreign Affairs, XLIV, n.º 3 (abril de 1966), p.358. Ellen Hammer em "South Vietnam: The limits of Political Action", Pacific Affairs (Vancouver), XXXV, n.º 1 (primavera de 1962), p.30, sustenta que Hanói interveio em 1956 porque não podia tolerar um padrão de vida melhor no sul.

por Hanói, êle ponderou, era de tal natureza que deveria ter partido de um agente no Sul e êle chegou à "inelutável" conclusão de que havia alguma coordenação entre os insurgentes do Norte e do Sul. (*)

Prisioneiros vietcong interrogados, recentemente, assinalaram que êsses primeiros anos (1956-59) foram empregados na difusão de propaganda que acentuava a natureza colonial (americana) e corrupta do govêrno de Diem e na tentativa de reorganizar o Vietminh e estabelecer uma estrutura insurgente. Nos seus esforços para convocar novos membros, o Vietminh angariou algum apoio e penetrou nos remanescentes das seitas. As suas operações — ilegais, pois que não apoiavam os Acôrdos de Genebra e sim advogavam a deposição do govêrno — tornaram-se perigosas e foram dificultadas pela campanha repressiva de Diem contra todos os vietminh e suas famílias, quer fôssem ativos ou não.

Por outro lado, Diem estava tendo dificuldades em estender seu poder à zona rural e restabelecer a autoridade do govêrno. Êle não conseguiu proporcionar serviços sociais e oportunidades para a população rural — um ponto constantemente pressionado pelo Vietminh.

Em fins de 1957, os insurgentes faziam sentir a sua presença. Os jornais publicavam um número alarmante e cada vez maior de estórias das atividades terroristas na zona rural. No fim daquele ano, o jornal *Tu Do* sustentava que "devia ser dada prioridade máxima à questão de segurança nas províncias". Ao mesmo tempo, alguns aldeões começaram a abandonar seus campos por causa da insegurança. Um observador até asseverou que "a nata do funcionalismo da aldeia" havia sido assassinada, já em 1957. (**) Os assassinatos, raptos e ataques a funcionários aumentaram em 1958. (***) Ninguém sabe o número exato de baixas, pois quaisquer registros existentes são inexatos. Uma estimativa digna de confiança é a de que em 1957-60 cêrca de 2.000 funcionários foram raptados e, perto de 1.700 assassinados, (*) o que é um total espantoso para uma nação de talvez 14 milhões de habitantes, que tentava recuperar-se da guerra e penetrar no sécula vinte.

(*) Bernard Fall, "'South Viet-Nam's Internal Problem", Pacific Affairs, XXXI, n.º 3 (setembro de 1958), p. 225.
(**) Fall, "The Two Viet-Nam's", p. 281.
(***) Hammer, op. cit., p. 32.

O aparato renovador comunista dirigia esta campanha de terror destinada a destruir o G.V.N., conquistar o contrôle no Sul e alcançar a unificação com o Norte, mas de bom grado — ainda que cínica e temporàriamente — aceitava o apoio de outros dissidentes, alguns dos quais foram mencionados acima. (**)

Durante êste período inicial, muitos dos rebeldes referiam-se a si mesmos como Vietminh ou membros da "Resistência". Depois da Frente Nacional de Libertação no fim de 1960, muitos, porém não todos, dos insurgentes, se intitulavam membros da Frente e outros referiam-se à organização insurgente como o Partido. Em 1956, o govêrno de Saigon começou a denominar êsses rebeldes de Vietcong (comunista viet), um têrmo que se tornou comum em 1958 e assim permanece até hoje.

Enquanto membros de seitas e outros insurgentes consideravam a campanha terrorista como sendo, sobretudo, um meio de hostilização do govêrno de Saigon, os comunistas usavam o terror com mais cautela e acuidade, como um instrumento na sua ofensiva para alcançar o poder total. A campanha contra os funcionários subalternos era destinada a desacreditar o govêrno de Diem, mostrando que êle não podia proteger sua própria gente, e a inca-

(*) Douglas Pike, *Viet-Cong: The Organization and Technique* of the National Liberation Pecirty (sic) of South Viet-Nam *Nam* ("Viet Cong: Organização e Técnica do Partido Nacional de Libertação (sic) do Vietnam do Sul") (Cambridge, Mass.: MIT Press, 1966), p.102.
(**) Alguns sustentam que as seitas não cooperam com o Vietcong, mas permaneceram separadas e concentraram-se em seu próprio desenvolvimento organizacional. Parece que o Hoa Hao colaborou com o Vietcong até 1961, quando se separaram. Sofreram oposição, então, tanto do Vietcong como do govêrno de Saigon, mas se ligaram ao último depois da deposição de Diem em novembro de 1963. A Frente Nacional de Libertação, todavia, inclui alguns sobreviventes do tempo da ajuda do Hoa Hao e do Binh Xuyen.

pacitar o govêrno, matando ou afugentando seus funcionários, substituindo-os com pessoal comunista. Estas ações ajudaram o Vietcong a, gradualmente, expandir suas bases e zonas de guerra. Os ataques vietcong eram, quase sempre, acompanhados ou seguidos por uma equipe de propaganda que explicava porque os funcionários haviam sido mortos, quão pernicioso e corrupto era o govêrno de Diem e como os rebeldes tencionavam melhorar a sorte dos camponeses. Se o funcionário fôsse mau, os insurgentes atribuíam-se o mérito de haver livrado o povo de um opressor; se êle fôsse bom, diziam que era um desencaminhado e trabalhava para o perverso Diem. O sucesso dos ataques tinha o efeito adicional de convencer os camponeses da fôrça dos rebeldes e de encorajar o seu apoio.

A habilidosa combinação de propaganda e terror com grande capacidade de organização deu fôrça ao movimento vietcong. Nesses primeiros dias de revolta, os vietcong foram capazes de tirar proveito da popularidade do Vietminh, organizando as equipes de "agitprop" formadas tão astutamente pelo General Giap no início da guerra. Sua técnica era transformar velhos ressentimentos e aversão a Saigon em hostilidade ativa e ódio contra o regime de Diem. A conversão das fôrças armadas do G.V.N., bem como a dos funcionários, foi uma das armas mais eficazes e desmoralizantes empunhadas pelo Vietcong. Êste programa (*binh van*) foi dirigido particularmente às fôrças armadas (RAVN) com o objetivo de incapacitar o exército na função de principal apoio do govêrno. Havia mais interêsse em conquistar o povo simpatizando com suas mágoas e advogando um fim ao "opressivo e corrupto" regime de Diem, do que em aterrorizá-los. As medidas coercivas e de terror eram, principalmente, endereçadas aos funcionários do govêrno, orientadores sociais, professores ou outras personalidades-chave que se opunham ou se negavam a cooperar com o Vietcong — porém não deixavam de ser aplicadas à população.

Começando em 1958, as unidades de guerrilha vietcong foram formadas e treinadas para ações mais importantes do que assassinatos e raptos, um progresso que era natural na evolução da revolta comunista. Tornou possíveis assaltos diretos às aldeias, aos pequenos postos avançados do govêrno e às "agrovilles",(*) bem como pequenas emboscadas em rodovias, estradas de ferro e canais. Êsses ataques mais potentes não eram apenas destrutivos, mas tinham, além disso, consequências mais notáveis, desacreditando e minando o govêrno de Saigon, numa demonstração do poder e da autoridade, sempre crescentes, do Vietcong, que iniciava o isolamento da zona rural de Saigon tanto sob o ponto de vista físico como psicológico. Já que o govêrno de Saigon sempre fôra fortemente ligado aos problemas urbanos e carecia de uma real compreensão e apreciação dos problemas nas zonas rurais, essa estratégia comunista estava destinada a agravar um problema já sério. Pelo mesmo motivo, foi dada atenção inadequada ao desassossêgo e crescente terror na área rural.

A natureza do grupo — capaz de organizar hábil e clandestinamente, expandir sua ação política, aumentar suas atividades terroristas e empreender êsses ataques de guerrilha até 1960 – ainda não é bem conhecida. (**) Algumas fontes sustentam que não havia organização central antes da criação da Frente Nacional de Libertação (FNL) em 1960 e o Partido Revolucionário do Povo, criado em 1962 (veja abaixo). Enfatizando a variedade e espontaneidade da oposição a Diem, êles asseveram que havia apenas agrupamentos voluntários que faziam ataques esporá-

(*) A criação de "agrovilles" iniciada em meados de 1959 foi uma tentativa no sentido de reagrupar as populações rurais dispersadas, em novos centros onde estivessem protegidas da propaganda e dos ataques vietcong e onde sua sorte pudesse ser melhorada. As "agrovilles" não funcionaram e, de certo modo, foram as antecessoras das "aldeias estratégicas", começadas em 1962. A diferença principal entre ambas era que as "agrovilles" deveriam ser um nôvo centro habitacional para onde convergiam as pessoas, abandonando seus lares, enquanto as "aldeias estratégicas" envolviam menor deslocamento de gente para aldeias mais defensíveis. Veja Joseph Zasloff, "Rural Resettlement in South Vietnam", Pacific Affairs, XXXV, n.º 4 (inverno de 1962-63).

(**) Calcula-se que havia, pelo menos, 5.000 guerrilheiros ativos em 1959. Como fonte de referência, veja ibid., p.329. Todavia, muitos dêsses algarismos são conjecturas.

dicos ao regime de Diem. (*) Êsse argumento fornece a base necessária para a formação da Frente Nacional de Libertação, que era preencher a falta de coordenação. Mas, há muita evidência circunstancial e documentada de que mesmo antes da criação da FNL existia uma organização dominante e coordenadora composta de quadros vietminh, a maioria dos quais eram membros do Partido Lao Dong, que haviam permanecido no Sul e se infiltrado nas áreas rurais, trabalhando para as eleições até 1956. Êsses quadros recebiam algumas instruções e comando do Norte e, começando em 1959 e mesmo antes, Hanói começou a ordenar a volta de alguns reagrupados para o Sul. Êles se infiltraram ao longo de caminhos cuidadosamente preparados e retornaram às suas localidades de origem — muitas vêzes, seus próprios povoados — onde começaram a organizar e fortificar um movimento de oposição. Os reagrupados, presos mais tarde na guerra, contaram do seu treinamento no Norte, sua viagem ao Sul diligentemente planejada e das instruções de intensificarem a luta. Os comunistas, de modo sistemático, mas com dificuldade face às medidas repressivas de Diem, renovaram e expandiram o antigo Vietminh e desenvolveram uma máquina insurgente cada vez mais poderosa.

(*) Veja Wilfred Burchet, *"Vietnam: Inside Story of the Guerrilha War"*. Burchett é um comunista australiano que frequentemente visita e escreve a respeito do Vietcong. Pike, em seu *"Viet Cong"*, contradiz-se nêste ponto: êle descreve a oposição não-coordenada existente antes da formação da FNL (p.76), porém, mais adiante, diz que em 1959 era aparente uma posição direcional total e que a luta tinha se tornado uma coisa importada (p.78).

ORGANIZAÇÃO FORMAL PARA A INSURREIÇÃO

Anunciou-se que em fins de 1958 Hanói estava insatisfeita com o desenvolvimento e o progresso da revolução. (Deve-se notar que o Sul jamais atingira o mesmo nível de participação, como o Norte na anterior "guerra de libertação" contra os franceses). Em todo o caso, Hanói enviou Le Duan, Secretário Geral do Partido Lao Dong, ao Sul, durante o inverno de 1958-59 para conseguir informe em primeira-mão e fazer recomendações específicas. Quando de sua volta a Hanói em princípios de 1959, o Comitê Central do Partido Lao Dong reuniu-se em Hanói e afirmou que havia chegado o momento de destruir o govêrno de Diem.(*) O próprio Le Duan anunciou o 3.º Congresso Nacional do Partido, em setembro de 1960, que o encontro definiria a linha para a execução da revolução socialista no Norte e a revolução nacional ao Sul, ou a luta para a completa unificação do país e a deposição do "semifeudal e semicolonial regime de Diem", e exigia a criação de um sucesso para a Frente da Pátria no Sul. Pouco depois, o Partido Lao Dong difundiu um plano, delineando a estrutura e as responsabilidades do nôvo organismo a ser chamado Frente Nacional de Libertação. Finalmente, em janeiro de 1961, a Rádio de Hanói transmitiu a notícia de que a FNL havia sido formada a 20 de dezembro de 1960. Essa sequência de acontecimentos pode sugerir que Le Duan fôra enviado ao Sul não por causa do descontentamento com o progresso, mas para assegurar-se de que a organização estava realmente pronta para a fase seguinte da revolta. Os argu-

(*) Pike, op. cit., p.78. Êle atribui a organização da FNL a Ho Chi Minh, "O gênio organizacional do Vietnam" (p.76).

mentos de Hanói, de que havia chegado a hora de destruir Diem e de organizar uma frente popular para dirigir o levante, indicam que a liderança do Partido Comunista no Norte acreditava que o Sul, em excelente forma, estava prestes a criar e manobrar a FNL e tôda a revolução. Considerando que as guerrilhas e os ataques de batalhões de 1960 não foram lançados pela FNL — que só passou a existir em fins de 1960 e, que dificilmente seria capaz de desencadear uma guerra de guerrilhas de escala-total em 1961 — parece que foi a fôrça no Sul, e não a fraqueza, que fêz nascer a FNL.

Apesar dessa evidência, alguns afirmam que a FNL é de criação totalmente nativa.(*) Seu atual presidente alega que sua origem data da época do Comitê de Paz Saigon-Cholon de 1954 e representa os anseios revolucionários do povo do Sul. A organização formal da FNL no Vietnam do Sul foi realizada por um grupo muito pequeno de sulistas — talvez 50 ou 60 pessoas. Nguyen Hu Tho, um advogado de Saigon, formado em Paris e um dos líderes, foi eleito presidente, enquanto Phung Van Cung, um médico e ex-membro do regime de Diem, foi nomeado secretário-geral que era, provàvelmente, a posição mais poderosa. Cung foi sucedido por Nguyen Van Hieu, um propagandista; Tran Buu Kien, um advogado, foi seu sucessor e, finalmente, veio Huynh Tan Phat, um arquiteto. (Anunciou-se em março de 1967 que Phat tornara-se o líder da FNL; o que isso significa, não está bem claro.) Outros líderes foram Le Van Tha, um engenheiro rádio-eletricista de Saigon; Joseph Maui Ho Hue Bo, identificado como católico e professor; e Ho Thu, um farmacêutico. É interessante notar que muitos dêles tinham instrução e viviam em Saigon. O comando máximo dificilmente foi exercido por elementos do campesinato, embora houvesse compreensão para as suas mágoas e interêsse em desenvolver atrativos para cativar sua simpatia. Havia também representantes dos antigos revolucionários viet-

(*) Wilfred Burchet argumenta, há muito, que a insurreição é puramente sulista. Prillippe Devillers e Jean Lacouture são líderes da escola francesa que segue, essencialmente, a mesma linha e assevera que Hanói envolveu-se muito depois do levante.

minh; por exemplo, Vo Chi Cong, de Quang Nam; Nguyen Thi Dinh, um camponês de Ben Tre; e Ami Doan, uma mulher *"montagnard"* de Cheo Reo. (*) Os líderes conhecidos da FNL são todos sulistas, mas o ímpeto para a sua criação e o conceito organizacional veio de Hanói.

No princípio, todavia, a FNL era pouco mais que uma frente para alguns grupos e organizações fracos. Pequenos e inconsequentes grupos de minorias étnicas, aldeões, estudantes e líderes políticos dissidentes faziam-se representar. Pretendia-se que mais organismos se ligassem à Frente e foram deixadas vagas no tôpo da administração, como incentivo aos membros em potencial. Com a capacidade organizacional disponível — sulistas treinados no Norte, vietminh e alguns quadros nortistas — os comunistas, lenta e seguramente, ampliaram não só a própria FNL como também os grupos populares, associados para dar-lhe apoio. Embora os comunistas não ocultassem seu patrocínio à FNL, esforçavam-se por acentuar a natureza ampla daquela e não davam destaque ao seu próprio papel dentro da mesma. Porém, o interrogatório de prisioneiros vietcong ressalta que a FNL é instrumento dos comunistas, que orientam seus mínimos passos.

A recém-formada FNL anunciou um programa de 10 pontos, amplo e não controvertido, que ficou sendo a afirmação básica de suas metas. Exigia um govêrno de coalisão, — apesar de que, na verdade, a liderança geralmente tem-se recusado a aceitar o G.V.N. como membro participante — democracia, desenvolvimento da economia e melhor educação. O programa dava fôrças armadas adequadas, protegia o direito das minorias e defendia a não-conformidade com a política estrangeira (embora se incluísse o R.D.V.N. numa categoria especial, não compreendida nesta frase). Reunificação era um ponto importante, mas sôbre o qual a FNL tem vacilado até um certo ponto.

(*) Le Matin (Phom Penh), 14 e 18 de novembro de 1964, publicou resumidas biografias dos líderes da FNL. Indicou e até alardeou que muitos dêles tinham perseguido suas atividades revolucionárias desde 1954 e nunca haviam realmente, parado. Pike dá esboços biográficos mais completos e recentes sôbre o comando da FNL no Apêndice D de seu *"Viet Cong"*.

Finalmente, o programa condenava a guerra. Êste plano — como a organização em si — era admiràvelmente arquitetado, a fim de atrair um grande número de adeptos.

A Frente Nacional de Libertação serve aos comunistas para muitos fins. Representava uma ampla frente nacional à qual todos os adversários de Diem forçosamente iriam aderir e continuava a servir de apoio aos elementos anti-G.V.N. Era esperança dos comunistas que os intelectuais, os camponeses, os membros de seitas e as minoridades étnicas, bem como os novos dissidentes, pudessem todos encontrar algo que lhes servisse em seu vasto programa. Segundo, reunindo todos os grupos numa só organização, seria mais fácil para os comunistas manobrá-los e muitas vêzes jogá-los uns contra os outros. Terceiro, a FNL junta alguns dos líderes dissidentes naturais e assim fornece uma base para recrutamento comunista. Finalmente, esperava-se que a Frente provesse o fundamento para um futuro govêrno. A FNL tem representantes em alguns países estrangeiros e segue a linha que o govêrno de Saigon é ilegal e que a FNL reflete as verdadeiras aspirações do povo vietnamita.

A 1.º de janeiro de 1962, pouco mais de um ano após o anúncio da formação da FNL, os comunistas anunciaram a fundação do Partido Revolucionário do Povo, um partido reconhecidamente comunista, que se "tornou membro" e tem sido sempre a fôrça diretora da FNL. Não está claro porque Hanói escolheu essa oportunidade para anunciar o PRP, pois a Frente fazia sucesso como uma organização não-comunista contrária a Diem. Alguns observadores, admitindo que a ala Sul do Lao Dong era ineficiente, acreditam que os comunistas desejavam fortificar a FNL com o apoio do Partido Comunista, para imprimir uma feição mais ideológica à revolução e prover apoio aos comunistas no Sul.(*) Contudo, considerando a fragilidade da FNL em janeiro de 1962, e o fato de que a guerra corria bem para os insurgentes (o que perturbou tanto o G.V.N. como os Estados Unidos em 1961, como foi testemunhado pelas missões de Eugene Staley e do General Maxwell Taylor no sul do Vietnam durante a guerra), é mais provável que, naquela época, os comunistas se sentissem bastante confiantes para organizar abertamente um Partido Comunista. Ainda mais notável, êles provàvelmente desejavam fazer sobressair a natureza sulista da insurreição e, assim, organizaram um partido sulista, presumìvelmente independente, que admitia apenas as relações comunistas habituais com o Partido Lao Dong no Norte. O partido foi "formado" com grande rapidez e habilidade, mais uma vez revelando que se tratava mais da mudança de um nome do que da criação de um nôvo partido.

(*) Pike, op. cit., pp.143-44. Pike está impressionado com a rápida organização do PRP e admite, parentèticamente que, com certeza, os quadros do Lao Dong nela ajudaram, mas não indica que existia uma excelente organização comunista secreta. Sem essa base a organização do PRP, certamente, não terio sido tão expedita e efeciente como êle assevera.

Até mesmo êsse partido, reconhecidamente comunista, não acentuava suas finalidades comunistas. Em seu programa de 10 pontos, a maior parte das metas da FNL eram repetidas, mas era dada maior importância ao anti-americanismo. Três dos 10 pontos eram para abolir o monopólio econômico dos E.U., eliminar a escravização cultural e acabar com o sistema americano de conselheiros e bases. Com o decorrer do tempo, alguns objetivos comunistas foram adicionados aos nacionalistas e, na maioria dos casos, os quadros anunciaram que o plano era de, eventualmente introduzir uma sociedade socialista no Vietnam do Sul. Todavia, os principais objetivos continuaram sendo a deposição de Diem e de seus sucessores e a expulsão dos americanos.

Os próprios comunistas parecem compreender que a sua doutrina, em essência, ainda não pode ser entendida pelos camponeses e — talvez mais significativo — para a maioria dos vietnamitas não representa uma fôrça capaz de entusiasmar ou reunir adeptos. Na guerra anterior contra os franceses e nesta, agora, contra o G.V.N., êles constantemente enfatizavam temas como o nacionalismo, melhoramento social e anti-imperialismo. Tentaram construir uma máquina comunista (PRP) tão forte quanto possível, mas emudeceram, ainda que não negassem a linha comunista.

A FNL e o PRP possuem organizações paralelas, permitindo a êste controlar e manobrar aquela em todos os escalões. No tôpo das duas organizações estão os grandes comitês centrais que se reúnem raras vêzes, mas contém sub-grupos menores, presídios, e secretários-gerais com secretariados que desempenham o trabalho cotidiano. Há seções de equipe em ambos os secretariados para se ocupar da organização, impôsto, propaganda, negócios militares e administração. O Comitê Central da FNL é composto de representantes das várias organizações de membros da Frente, enquanto todos os membros do Comitê Central do PRP são comunistas dedicados. Há, contudo, uma diretoria entrelaçada nêsse nível, pois altos comunistas ocupam posições- chave no Comitê Central da FNL. Em cada nível — através da região, zona, província e distrito — há uma organização similar comparável à relação entre a ampla FNL e o rigorosamente organizado PRP. Nos níveis de povoado e nos inferiores, a organização é simples, porém mais ou menos da mesma natureza. No grande complexo Cholon-Saigon-Gia Dinh, o Vietcong tem uma organização complicada com hierarquia semelhante à rural, cujos comitês principais apresentam relatório diretamente à sede da FNL e do PRP. Em adição a essa estrutura de comando vertical, a FNL tem as suas organizações populares — as mais importantes das quais são o lavrador, o jovem, as mulheres, o estudante que trabalha e as associações intelectuais — que são meios de envolver tantas pessoas quanto possível na organização e nas atividades da Frente. Essas associações mobilizam elementos funcionais da sociedade para metas de grupos menores, bem como para os objetivos da FNL.

O aparato vietcong cresceu em números e influência. Em 1961, seus triunfos causaram considerável interêsse tanto em Saigon como em Washington, e o auxílio econômico e militar americano e o número de conselheiros americanos foi muito aumentado. A crescente fôrça vietcong também induziu o regime de Diem a inaugurar o plano estratégico da aldeia. O programa, em grande parte copiado da experiência britânica na Malaia, era uma tentativa de agrupar as pessoas em lugares mais defensáveis e ao mesmo tempo melhorar seu bem-estar econômico e social. Em 1962, êsse programa fêz com que o Vietcong

se preocupasse cada vez mais com a grande carga imposta à sua organização e às suas atividades. Ainda que continuassem certos da vitória, o futuro imediato os preocupava. Todavia, seus esforços para destruir as aldeias estratégicas e desacreditar o programa — com a inépcia, ineficiência e falta de tato por parte do G.V.N. — reduziu esta ameaça em 1963.

O descontentamento interno, sobretudo as revoltas budistas na primavera de 1963, revelou as bases vacilantes do regime de Diem e encorajou o Vietcong. Enquanto a possibilidade de deposição de Diem avultava, o comando vietcong estudava o problema de como tirar vantagem dessa situação. O assassinato de Diem, em novembro de 1963, transformou-se em puro benefício para FNL. Enquanto o golpe eliminava um regime corrupto e cada vez mais ineficiente, também livrava o país do seu maior objeto de ódio e, por isso, um importante elemento de motivação para algumas partes da FNL. O quadro de membros da FNL diminuiu depois do golpe, pois muitos oponentes de Diem pensaram que a luta havia acabado. Por outro lado, o vazio deixado com a saída de Diem deu à FNL uma grande oportunidade de tomar o poder. As fôrças militares do Vietcong tentaram, mas falharam. A atividade vietcong atingiu seu nível mais alto logo após o golpe. Enquanto a FNL não conseguia se apossar do poder, mesmo durante a paralisação do país, o Vietcong conquistava consideráveis triunfos à medida que passava o tempo e não havia mão firme no govêrno. Em 1964, as operações do Vietcong, através do país, fizeram oscilar o G.V.N. O Vietcong havia quase alcançado a vitória no princípio de 1965, quando começou o bombardeio e a introdução de numerosas tropas americanas.

De 1956 a 1964, Hanói parece haver desempenhado um papel-chave, mas um tanto sub-reptício, na progressiva insurreição no Sul. A R.D.V.N. ocultou e negou o seu auxílio, mas há evidência demais para se duvidar de sua existência. Nos discursos de seus líderes e nas transmissões da Rádio de Hanói, a R.D.V.N. constantemente destacava o tema da unificação e a necessidade de se derrubar Diem e seus sucessores, e proporcionava amplo apoio moral para a ação subversiva no Sul. Tem sido a fôrça mestra em política e estratégia total e tem feito as decisões

cruciais. O próprio Ho Chi Minh provàvelmente planejou a formação da FNL e do "nôvo" PRP. Até 1964, contudo, a maior parte do apoio era de natureza intangível; daí em diante, auxílio real em material e potencial humano aumentou consideràvelmente. Ainda que incitar a rebelião, ajudar e favorecer insurgentes e fornecer aprovisionamentos não constituam agressão patente, certamente representam interferência nos negócios internos do Vietnam do Sul. Infiltração de tropas da R.D.V.N. no Sul é um assunto completamente diverso e é evidente agressão. Contudo, tôda esta assistência não deveria eclipsar o fato de que havia considerável desassossêgo nativo no Sul, um dos motivos principais da revolta.

Êsse duplo esfôrço do Norte e do Sul, dirigido pelos comunistas produziu uma organização extraordinária que é formada de três grupos principais, dois dos quais foram prèviamente discutidos. O primeiro é o reconhecido PRP comunista, a unidade fortemente constituída, bastante exclusiva e responsável pelas decisões políticas e pelo contrôle total. Domina e dirige o segundo grupo, a FNL, uma organização popular servindo como uma frente ampla para a insurreição. O terceiro grupo é o Exército de Libertação Nacional, que é o ramo militar da organização e será discutido no próximo capítulo. A verdadeira ameaça no Vietnam é a eficiente combinação de uma frente de movimentação popular e um partido comunista fortemente organizado, com seu exército próprio, já que o govêrno de Saigon não possui organização comparável.

VII

O EXÉRCITO VIETCONG

Embora possam representar a mais óbvia ameaça à segurança e à estabilidade do Vietnam do Sul, as operações militares são, como vimos, apenas um dos instrumentos usados pelo Vietcong para desencadear a insurreição. A combinação de propaganda, subversão econômica e atividades cívicas, dirigidas pelo Vietcong, forma a base de sua luta para conquistar o contrôle do Vietnam do Sul. Essas atividades econômicas, sociais e políticas constituem a sub-estrutura vital da insurreição — difícil de ser percebida e mais difícil ainda de ser destruída. As ações militares, entretanto, avolumam-se constantemente à medida que a guerra prossegue e o nível de violência se eleva.(*)

Como as outras atividades do Vietcong em sua assim chamada guerra de libertação, as operações militares são lançadas com objetivos políticos em mente. Segundo a tradicional estratégia ocidental, as exigências militares muitas vêzes anulam as considerações não-militares. A

(*) Êste capítulo ocupa-se principalmente do período anterior à introdução de tropas americanas e tenta realizar um breve sumário da natureza básica do aparelhamento do exército vietcong. O efeito militar da participação maciça americana sôbre o Vietcong é discutido no próximo capítulo. O autor está plenamente consciente da dificuldade de generalizar a respeito das fôrças militares do Vitcong, já que o vietcong muda de região para região, de época para época, e outros fatores tornam a guerra totalmente diferente nas várias partes do Vietnam. Para a discussão de algumas diferenças, veja George Tanham e Frank Trager, "Three Wars in Vietnam", *Army,* maio de 1964.

doutrina vietcong, porém, exige que a maioria das operações militares seja justificada por metas políticas e psicológicas explícitas. Como o Vietminh, o Vietcong acredita que o exército tem outras missões, que são no mínimo, tão importantes quanto combater. O General Giap, que desempenhou um papel vital em ambos os movimentos, diz que a ação política é a alma do exército. O soldado, como indivíduo, deve entender as dimensões políticas e psicológicas da guerra e seus conflitos; êle precisa tratar o povo cortêsmente e tentar ajudá-lo em suas tarefas. Os quadros do exército muitas vêzes se encarregam de missões específicas nos povoados, a fim de passar um sermão no povo sôbre as maldades de Saigon e dos americanos e das virtudes do movimento de "libertação". A propaganda vietcong constantemente destaca a uniformidade do exército e do povo, mesmo que de cada um se exija o desempenho de missões diferentes em sua luta comum. (Na prática, é claro, as tropas vietcong nem sempre auxiliam a população. No próximo capítulo, será mostrado que o Vietcong recentemente mudou sua conduta em relação ao povo).

A fim de assegurar a subordinação das fôrças militares aos objetivos políticos do Partido, seus líderes usam uma série de medidas, a maior parte das quais foram experimentadas pelos vietminh na guerra anterior. Grande parte do tempo devotado ao treinamento das tropas é gasto em doutrinação política. O Exército Nacional de Libertação e as fôrças paramilitares incluem muitos membros do PRP (muitas vêzes, representando um têrço da fôrça total das fôrças regulares), organizados em células e unidades maiores, que ajudam na doutrinação das tropas, avaliam e apresentam relatório sôbre o moral, fidelidade e conduta da tropa. Há, também, comitês do Partido em todos os níveis da hierarquia militar, que dirigem as discussões da tropa e tentam assegurar adesão à linha do Partido. O contrôle formal das tropas é assegurado pela colocação de oficiais políticos ou comissários (que muitas vêzes excedem em graduação aos comandantes militares) em cada unidade militar. Êsses comissários são membros do Partido, envolvem-se em tôdas as decisões tomadas e sua opinião pode prevalecer sôbre a dos comandantes militares. "O Partido decide, o exército executa", como um documento vietcong capturado explicou a relação. De modo oposto, os comandantes militares participam das reuniões dos diversos escalões na hierarquia da organização política, mas nunca as dominam.

O APARELHAMENTO MILITAR

A organização do exército vietcong difere da do exército convencional do ocidente não só em seu acentuado caráter político ou ideológico, como também em sua estrutura, que se baseia amplamente na do vietminh. Na base da hierarquia estão as fôrças do povo ou de guerrilha, as quais a maioria dos americanos não consideraria como parte de um efetivo militar regular, mas que, para o vietcong, representam um papel tão importante e integrado que precisam ser incluídos em qualquer exame do seu aparelhamento militar. Há dois tipos de "fôrças do povo" — o guerrilheiro do povoado e o guerrilheiro de combate. Os guerrilheiros de povoado são, em geral, homens de certa idade — bastante mal treinados, deficientemente equipados e inadequadamente doutrinados — que executam as missões de defesa local e de apoio logístico. Os guerrilheiros de combate são homens mais jovens, que parecem ser candidatos promissores para as fôrças regulares e são mais bem treinados, equipados e doutrinados. Êles se envolvem em pequenas operações de guerrilha fora dos limites do povoado e são usados como fôrças de apoio para as unidades regulares. Ambos os grupos são organizados em grupos de combate e pelotões e controlados pela organização do PRP do povoado.

O papel dessas fôrças populares, especialmente os guerrilheiros de combate, não deve ser analisado sumàriamente. De certo modo, sua função social é tão importante quanto a militar, pois sua tendência é envolver mais pessoas na luta. A maioria das famílias vietnamitas sente-se responsável pelos atos de um dos seus membros; muitos, por isso, toleram ou apoiam o Vietcong porque

um irmão, um marido, um pai ou mesmo um parente feminino é partidário. Os guerrilheiros executam a tarefa essencial de divulgar as idéias do movimento entre suas famílias e em seus povoados. O serviço no movimento de guerrilha não é apenas um modo de treinamento e doutrinação, mas também um período de aprendizado, durante o qual os oficiais militares podem determinar se o indivíduo está apto para serviço em nível superior nas fôrças militares regulares — e eventualmente para ser membro do Partido. Em alguns casos, bandos inteiros de guerrilheiros, que provaram seu valor combativo, são promovidos ao nível seguinte na hierarquia militar.(*)

Os guerrilheiros desempenham importantes funções logísticas e auxiliam em batalhas regulares de muitas maneiras: agem como fôrças de cobertura, ajudam a retirar os mortos do campo de batalha e guardar as prêsas de guerra. Finalmente, êles se lançam em ações paramilitares limitadas, tais como emboscadas, assaltos a funcionários e ataques a pequenos destacamentos inimigos ou postos avançados em seu próprio local.

Êsses guerrilheiros são ardilosos e relutam em desferir ataques a pequenos destacamentos inimigos e postos avançados em suas áreas centrais. São conhecidos e fazem parte integral da população. Na realidade, ainda são camponeses. É mais provável que as famílias e os vizinhos os ajudem e protejam em vez de entregá-los ao govêrno. Suas necessidades são poucas e simples e seu apoio logístico provém do seu lar ou povoado. A maioria dos homens prefere juntar-se aos guerrilheiros porque lhes dizem que podem permanecer em suas aldeias e operar em terreno familiar e sem ter, assim, que enfrentar o impacto emocional de abandonar suas famílias a um futuro incerto.

(*) Há alguma evidência de que, em 1964, unidades de guerrilha em grande número foram promovidas para escalões superiores, não tanto devido ao mérito, mas a fim de ajudarem a desencadear a terceira fase da guerra de movimento.

Êles, consequentemente, têm um conhecimento superior do terreno e do povo, e são os elementos do Vietcong que circulam entre a população com segurança e facilidade.(*)

Seguem, na hierarquia, as fôrças locais, às vêzes chamadas de tropas regionais, que são organizadas em unidades maiores do que os guerrilheiros — geralmente uma companhia ou um batalhão — e estão sob o comando das autoridades vietcong distritais e provinciais. Essas tropas são muitas vêzes, se não sempre, formadas dos bandos de guerrilha e, por isso, no mínimo, tão bem treinadas como os guerrilheiros. No nível das fôrças locais, há maior ênfase para as unidades táticas e armas de apoio e um alcance mais amplo para as operações. Suas armas e seu equipamento são superiores aos usados pelos guerrilheiros, mas, ainda, nem sempre abundantes ou modernos. As fôrças locais — colocadas entre os guerrilheiros e as tropas regulares na organização militar — executam operações militares independentes, agem como fôrças de cobertura ou de apoio para as fôrças regulares e também se envolvem em atividades de guerrilha. Êles executam muitas funções logísticas semelhantes às dos guerrilheiros e, como êsses, geralmente permanecem em seu distrito ou província (e, certamente, vantagens semelhantes resultam do fato de que êles operam em seu território nativo). Nesse nível há, também, oportunidades de progredir individual ou coletivamente. A função e a importância dessas tropas é semelhante às dos guerrilheiros, ainda que, òbviamente, operem num nível superior.

Foram os guerrilheiros e as fôrças locais — bàsicamente quadros vietminh com alguns novos recrutas — que lançaram a luta de guerrilha no Sul em 1960. Essas fôrças representavam um problema formidável para o despreparado RAVN e seus conselheiros americanos. Eu me recordo de oficiais do exército americano se queixando, em 1961, de que, se o esquivo vietcong pelo menos per-

(*) Devido ao fato de os guerrilheiros dependerem da assistência e da proteção locais, é possível que sejam fracos nas áreas onde o govêrno de Saigon fôr eficiente e atento às necessidades do povo. Essa fraqueza, naturalmente, tende a diminuir a capacidade de quaisquer fôrças regulares vietcong em operações na zona e apoiados por guerrilheiros.

manecesse parado e lutasse ou formasse unidades maiores, desistindo de usar a técnica de emboscada, o RAVN saberia como tratá-los — assim revelando a intensa frustração que tais tropas podem criar. Essas fôrças vietcong originais aumentaram e progrediram e muitas delas transformaram-se nas fôrças regulares que, em 1964 e início de 1965, estiveram prestes a alcançar uma vitória militar no Vietnam.

A elite da organização militar vietcong é o Exército Nacional de Libertação, que foi organizado e adestrado nos últimos cinco ou seis anos. Essas tropas são melhor armadas e equipadas do que os guerrilheiros ou as fôrças locais e são bem doutrinadas e treinadas, tendo, em geral, servido durante algum tempo nos escalões inferiores. Até há pouco tempo, a maior parte das tropas era alfabetizada, aspirava ser membro do Partido Comunista e era profundamente dedicada e orgulhosa de sua missão e organização. Aos membros mais recentes, muitos dos quais convocados, frequentemente falta a habilidade, o zêlo e a dedicação dos mais antigos.

Êsse Exército Nacional de Libertação, ou fôrça regular, embora poderoso em muitos sentidos, é completamente diferente de um exército ocidental. Há uma quantidade muito maior de combatentes do que de elementos logísticos nessas unidades, porque suas necessidades de aprovisionamento são muito pequenas. A fôrça regular tem poucas armas pesadas, quase nenhum equipamento que requeira o uso de gasolina e leva uma vida espartana. Algumas unidades cultivam seus próprios alimentos, ao passo que outras recebem seus comestíveis do povo na localidade; em ambos os casos, o apoio logístico militar necessário é muito pequeno. Algumas das armas — minas, armadilhas e mesmo armas mais sofisticadas — são fabricadas em casa e outras, de diversos tipos, são apresadas do RAVN. Nos últimos anos, contudo, cada vez mais armamento e equipamento especial têm sido trazidos do Norte, e isso tornou o Exército da FNL muito mais dependente de recursos de fora e, sob êsse ponto de vista, como os regulares norte-vietnamitas, mais "moderno", ou ocidental.

O fato de que as fôrças regulares têm tão poucas necessidades logísticas, dá-lhes grande mobilidade em tôrno e perto das bases e populações amigas, mas restringe sua mobilidade de maior alcance. O limitado tipo e número de armas e munições reduz a capacidade dos regulares de empreenderem uma batalha ininterrupta ou uma batalha campal. Contudo, seus conceitos de operação são um tanto parecidos com os dos guerrilheiros e diferentes daqueles dos exércitos ocidentais que são preparados para combates prolongados e usam uma grande variedade de armas, incluindo poder aéreo, blindados e artilharia. Esta diferença em técnicas operacionais e as frequentes diferenças nos objetivos de uma batalha dificultam a comparação das performances dos regulares vietcong com as das fôrças aliadas ou, na verdade, determinar quem venceu.

ESTRATÉGIAS

O objetivo total e a longo prazo do Vietcong, como vimos, é a aquisição de poder político. É, virtualmente, impossível saber com certeza que estratégia êles adotaram durante a sua luta persistente para alcancar esta meta, mas pode-se tentar algumas estimativas inteligíveis. Uma das estratégias parece ter sido a criação de uma situação conducente à formação de um govêrno de coalizão — um dos 10 pontos originais no programa da FNL. Essa estratégia acentua a importância de desenvolver uma poderosa organização insurgente política que possa, cada vez mais, funcionar como um govêrno e, entrementes, promover a noção de que o regime de Saigon não é o verdadeiro govêrno do Vietnam do Sul. A verdadeira coalizão poderia acontecer tanto através de negociações como pelo colapso do regime de Saigon e, então, a FNL assumiria o contrôle.

A FNL, geralmente, tende a interpretar um govêrno de coalizão como sendo aquêle dominado por seus membros, aparentemente, não incluindo os do G.V.N. Alguns observadores, contudo, sustentam que a FNL é a favor de um govêrno de coalizão verdadeiro. Essa aparente contradição pode ser parcialmente explicada pelo fato de que a Frente já se considera uma ampla coalizão de partidos (ela representa dois minúsculos partidos em adição ao PRP), grupos sociais e as minorias étnicas, e que o govêrno de Saigon é um regime de títeres que não representa nenhum elemento importante na sociedade vietnamita. Empanando a verdadeira natureza da coalizão proposta, os vietcong, confiantes de que são a

organização mais poderosa no Vietnam e podem dominar qualquer govêrno de coalizão, talvez esperem alcançar apoio para esta solução. Em todo caso, aos olhos dos comunistas, um govêrno de coalizão é apenas o primeiro passo para a formação de um estado comunista.(*)

Uma alternativa de estratégia que, segundo alguns observadores, os vietcong seguiram até 1963 ou mesmo 1964, é a de uma revolta popular geral. (**) Nesse caso, dá-se ênfase à criação de descontentamento e de desassossêgo social, bem difundidos. Enquanto o ódio e a hostilidade aumentam, torna-se possível fomentar uma ação popular tão esmagadora que, contra elas, o govêrno e suas fôrças armadas são incapazes de resistir. A conversão vietcong e a propaganda em todos os setores da sociedades tentaram criar uma situação na qual semelhante revolta geral pudesse ocorrer. Entretanto, êsse é um processo lento e envolve a manobra do povo em grande escala — algo extremamente difícil de conseguir e, na verdade, raras vêzes alcançada.

Em ambas essas estratégias — a coalizão e a revolta popular — os militares desempenham um papel secundário, dando refôrço e contribuição às medidas não-militares, pelo descrédito do G.V.N. Por exemplo, os vietcong sustentam que as suas fôrças defendem o povo da má conduta de algumas tropas do govêrno, e incitam o RAVN à prática de ações que provocam o afastamento da população.

(*) Há a possibilidade de que, talvez, um verdadeiro govêrno de coalizão fôsse iniciado por um regime de Saigon que estivesse cansado da luta aparentemente interminável, e confiante de que uma coalizão e um govêrno neutro fôssem melhores para o Vietnam. Há relatos de que Nhu estava tentanto negociar tal ajuste pouco antes do golpe; e há indicações de que os budistas gostariam de criar um regime de coalizão viável. Todavia, alguns observadores bem informados argumentam que é improvável uma real e duradoura coalizão com os comunistas. Outros sustentam que a coalizão é a única solução para a atual conjuntura no Vietnam. No momento em que se escreve êste livro, parece haver algum estreitamento nas divergências sôbre uma futura coalizão no Sul.

(**) Douglas Pike é um dos principais conhecedores do assunto e sugere essa estratégia. Veja seu *"Viet Cong"*.

A característica dessas estratégias, bem como das ações militares dos vietcong, é a ênfase dada à luta prolongada — essencialmente uma guerra de desgaste. A campanha de terror contra funcionários rurais, as táticas militares vietcong e a propaganda, tudo ajuda, lentamente, a corroer a disposição do povo em servir ao seu govêrno, a minar a vontade e a capacidade de Saigon de governar a zona rural, a reduzir o fornecimento de oficiais aptos e auxiliar na edificação de uma organização adversária. Esta campanha insidiosamente enervante e desalentadora constitui um dos principais problemas desta guerra incomum.

Enquanto se dá grande ênfase a uma prolongada guerra de atrito e a uma vitória definitiva, nem todos os líderes comunistas têm paciência sem limite. Giap jamais acreditou que as guerrilhas por si só pudessem vencer uma guerra e defendia a ofensiva militar geral como o meio de atingir a vitória final. Nós mencionamos que, em 1946 e 1951, êle optou prematuramente pelo uso máximo da fôrça para apressar a vitória. Se êle está planejando a revolução no Sul, não é desarrazoado esperar uma grande ênfase no emprêgo da fôrça e, de vez em quando, desespêro com o ritmo do progresso.

A solução militar traçada e atingida em 1954, por Giap, foi descrita no Capítulo I. Essa estratégia envolve a formação gradativa de grandes unidades militares que podem, eventualmente, tomar a ofensiva contra o inimigo e derrotá-lo em batalha aberta. Enquanto a guerra nessa fase é mais convencional do que nas fases anteriores, ainda é altamente móvel e travada sem linhas de frente.

Muitos observadores crêem que, não fôsse a introdução de tropas americanas, não teria sido necessário ao Vietcong o prosseguimento até o terceiro estágio militar a fim de obter a vitória. A infra-estrutura vietcong e as fôrças militares estavam se tornando cada vez mais poderosas e sua base política progredia e se ampliava. Apesar do auxílio econômico e militar dos Estados Unidos, muito aumentado, e de alguma efetiva assistência de combate sob a forma de apoio aéreo e de helicópteros, parecia que o Vietcong estava ganhando terreno e que uma

grande pressão militar derrubaria o regime de Saigon. Giap, provàvelmente, exerceu considerável influência na decisão, tomada em 1964, de incrementar o esfôrço militar e intentar uma rápida vitória militar. A possibilidade da introdução de tropas terrestres americanas deve ter sido examinada e rejeitada pelo regime de Hanói, o qual com certeza confiava que uma participação direta dos Estados Unidos jamais ocorreria ou, se ocorresse, a assistência americana viria tarde demais e seria incapaz de corrigir a situação. O G.V.N. foi, realmente, quase derrubado no inverno de 1964-65, mas agora a presença de numerosas tropas americanas torna semelhante desfecho improvável.

Alguns observadores sentem que tanto Hanói como seus simpatizantes no Sul sempre advogaram a estratégia militar. Parece que os vietcong, durante todo o tempo, estiveram preparando fôrças locais e unidades regulares para uma possível conclusão militar da luta. Isto não é de causar surprêsa, já que a maior parte dos quadros vietcong foram vietminh cuja doutrina era fundamentada nas triunfantes teorias de Giap. Os reagrupados, que em grande número começaram a voltar em 1959, haviam sido treinados e doutrinados durante anos, no Norte, por líderes vietminh. Em época mais recente, jovens recrutas começaram a amadurecer e a assumir posições de destaque no PRP, FNL e ENL sem, contudo, dominarem quaisquer dessas organizações. Assim, o entusiasmo da experiência anterior vietminh e a atual liderança de Hanói elevaram a confiança em operações militares.

Outros observadores, entretanto, acreditam que os sulistas na FNL preferiram as estratégias políticas e sociais descritas acima. Aquêles que defendem êste ponto de vista não esclareceram, completamente, porque os sulistas — talvez a geração mais nova — possam ter se inclinado para estas soluções menos militaristas. Pode ser que, em se tratando de uma luta essencialmente civil dentro de seu próprio país, êles quisessem evitar uma luta militar cruenta; pode ser que desejassem planejar a sua própria estratégia independente para o seu conflito, ou que vissem os problemas sócio-econômico e político como dominantes, não passíveis de serem resolvidos por meios militares. Êsses observadores admitem que houve uma espécie de conflito interno — provàvelmente em fins de 1963 — a respeito de qual seria a estratégia certa, e que Hanói venceu a controvérsia. A decisão de seguir o caminho militar levou ao treinamento intensificado das unidades para uma guerra móvel e ações de maior escala, ambas características do estágio final da guerra revolucionária. Noticiou-se que a R.D.V.N. enviou conselheiros de exército regular, já no outono de 1963, para ajudar a preparar o exército da FNL para esta nova tarefa. Em fins de 1964, a R.D.V.N. começou a expedir suas próprias unidades regulares para assistir na vitória final.

Não tem sido fácil discriminar a estratégia total vietcong, particularmente em vista da falta de informação a respeito do verdadeiro pensamento dos líderes em Hanói ou nos comandos vietcong superiores.(*) A tentativa de criar um ambiente para a vitória em todos os campos — conquistando o apoio ou, se isto falhasse, o contrôle da população, desacreditando e incapacitando o G.V.N. e suas fôrças militares e edificando organizações substitutas viáveis — torna obscura a exata natureza do estágio final previsto na luta. Êste amplo esfôrço preparatório possibilita ao Vietcong mover-se para qualquer uma dentre as várias direções e tomar proveito de situações favoráveis à medida que estas se ampliam. Os vietcong estão completamente cônscios desta flexibilidade: um documento capturado, datado de 1963, afirmava bastante explìcitamente que as opções que estavam sendo consideradas naquela época incluíam a provocação de uma revolta geral, a execução de um golpe de estado, a penetração na terceira fase (a solução militar) ou o encetamento de negociações para retornar ao acôrdo de 1954 (com eleições) ou a um govêrno de coalizão.

A estratégia militar da FNL, como as normas gerais, ainda é desconhecida — exceto nos casos onde documentos capturados forneceram informação. Entretanto, ações e concentrações de tropas vietcong deram algum indício

(*) Recentes operações americanas capturaram documentos de nível superior e altamente secretos que estão começando a preencher êsse claro na informação.

do que a estratégia militar poderia ter sido durante certos períodos. Parece que, em 1962, os comunistas estavam tentando apossar-se da região montanhosa e dali, eventualmente, chegar até o mar, cortando o Vietnam do Sul pela metade e assegurando uma rota de suprimento mais acessível. A área montanhosa, denominada por Giap como a chave para o Vietnam do Sul, ocupa uma posição estratégica central e proporciona um caminho de infiltração conveniente (parte dêste, no Laos), muitas vêzes, chamado o Caminho de Ho Chi Minh, através do qual tropas e provisões podem ser conduzidas a várias partes do Vietnam do Sul, quase até o Delta do Mekong. O platô, entrelaçado de jangais, planícies montanhosas e montanhas, é esparsamente povoado por *montagnards* que, por tradição, não gostam dos vietnamitas. Alguns dêsses *montagnards* foram com os comunistas para o Norte em 1954 e voltaram, mais tarde, após haverem sido diligentemente doutrinados. Numa tentativa de conquistar a fidelidade dessas tribos montanhesas, agentes comunistas que permaneceram no Sul chegaram ao cúmulo de limar seus dentes como os dos *montagnards* e de unir-se a êles pelo casamento.

Se os comunistas tivessem sido capazes de obter o contrôle das regiões montanhosas, o plano teria sido interditar o sistema rodoviário local, mobilizar os *montagnards* e tentar construir uma praça-forte na montanha, composta de bases, paradas de ligação para infiltradores, oficinas, campos de treinamento e as habituais instalações de apoio logístico. Muitos observadores acreditam que o o domínio das regiões montanhosas tem sido um objetivo contínuo e que nova importante tentativa para executar êste plano foi feita em 1964. Se essa foi a estratégia vietcong, a mesma falhou, ainda que o Vietcong tenha alcançado o mar no sul de Quang Ngai, ao norte de Binh Dinh e em Phu Yen, em 1964 — sòmente para ser rechaçado subsequentemente.

Outros sugeriram que a estratégia vietcong tem como finalidade básica o contrôle do Delta do Mekong, a área do Vietnam mais povoada e maior produtora de arroz. Os Estados Unidos e o G.V.N. afirmaram que o Delta é a chave da guerra. As predições de uma grande ofensiva

militar no Delta são feitas anualmente no fim da estação das monções, apesar de nenhuma delas haver se materializado até agora. É possível que o Vietcong considere insensata uma ofensiva ao Delta, pois tropas adicionais do RAVN, que então estivessem estacionadas na área, interfeririam em suas atividades de recrutamento e de colheita de provisões. E, talvez, até tenham acomodado um "modus vivendi' com elementos do RAVN, concentrando-se em meios menos óbvios de continuação da luta.

Também pode ser que nenhuma destas alternativas geográficas reflita acuradamente a estratégia comunista. Os que desencadeiam a guerra revolucionária precisam confiar muito no apoio da população e estão, por isso, mais preocupados em controlar o povo e quebrar a resistência do G.V.N. e do RAVN do que em defender qualquer porção de terreno (um critério ocidental tradicional de sucesso militar). A natureza altamente móvel da guerra, além disso, reduz a importância da defesa do terreno tanto quanto o faz a falta de um apoio logístico convencional vietcong. Na verdade, o Vietcong poderá; até achar vantajosa a mudança do ponto de convergência dos seus esforços militares de uma área geográfica para outra, enquanto persegue outras estratégias menos geogràficamente orientadas.

Uma estratégia global — não necessàriamente excluindo estratégias que destaquem considerações geográficas — é aquela que se baseia no conceito de Mao de que as fôrças revolucionárias precisam começar sua defesa na área rural onde a autoridade do govêrno é mais fraca, e evitar as cidades até que se tenha mobilizado um apoio popular adequado. Quando os insurgentes tiverem desenvolvido fôrça suficiente nas zonas rurais, êles, gradualmente, cercarão as poucas cidades até que elas estejam completamente isoladas. Vários mapas de áreas controladas pelo inimigo sugerem que os vietcong estão, em verdade, tentando cercar as cidades — especialmente Saigon — a qual, disseram os comunistas, "será estrangulada como um cão". Em 1964, fôrças dos Estados Unidos e do G.V.N. fizeram um esfôrço extraordinário para fazer recuar, da área de Saigon, o "anel vermelho" invasor; a operação, chamada *Hop Tac* ("cooperação") não

teve êxito. Entretanto, os comunistas não se sentiram bastante fortes, abertamente, para atacar Saigon ou qualquer outra cidade principal. Por outro lado, devem ter julgado desnecessário um assalto — uma vez alcançado o contrôle da zona rural, as cidades seriam incapazes de se sustentarem a si mesmas, destarte, caindo em suas mãos. Entretanto, a queda das cidades não foi deixada ao acaso, porque a subversão comunista tem continuado em Saigon e noutros centros.

Deve haver uma razão adicional porque os vietcongs não realizaram quaisquer ataques diretos às cidades do Sul do Vietnam. Admitindo-se que os vietcong estejam recebendo grande quantidade de auxílio americano através da subversão econômica, é compreensível que êles não pensem em cortar êste suprimento de dinheiro e gêneros até o último instante. Isto talvez explique a relativa paz existente nos portos e a limitada hostilidade à navegação no rio Saigon.

TÁTICAS DE OFENSIVA

Até a chegada de numerosas tropas americanas, em 1965, o exército da FNL e os guerrilheiros eram capazes de manter a iniciativa militar e concentrar-se em ações de ofensiva. Êles seguiam a costumeira prática de guerrilha: atacar na época e no lugar de sua escolha e não lutar sob condições desfavoráveis.(*) Embora os ataques das fôrças regulares tivessem evoluído de ações de unidades muito pequenas contra alguns indivíduos, para operações de regimento ou divisão, êles, geralmente, têm evitado combate sustentado e operações de cêrco, e a defensiva prolongada importa numa tentativa de economizar armas, equipamentos e pessoal-chave.

Os vietcong têm três táticas de ofensiva, sendo a mais importante a emboscada, que os vietminh usaram com tanto êxito contra os franceses. Uma emboscada pode servir a uma porção de objetivos. Uma das primeiras, como em muitas outras atividades vietcong, é desacreditar e minar a posição do govêrno de Saigon. O fato de que o govêrno não pode prover proteção constante e é incapaz de conservar as estradas abertas ao comércio normal, de prevenir assaltos aos trens e de pôr fim aos atos de minar e bloquear canais, convence o camponês de sua impotência. Além disso, há o efeito psicológico exercido sôbre as unidades do RAVN, tornando-se relutantes em sair de suas bases e, ipso facto, estáticas e ineficientes. Essas emboscadas não só causam impacto psicológico

(*) Esta parte do Capítulo descreve a aplicação vietcong dos princípios e da doutrina prèviamente discutidos no Capítulo IV.

nos aldeões e nas tropas RAVN, como também, realmente, detêm, atrasam e tornam mais difícil a gestão dos negócios e as viagens dos cidadãos e dos funcionários. Se executados frequentemente numa determinada área, tais ataques podem tornar uma cidade ou uma região inacessível, exceto por via aérea — maneira de viajar pouco usada pela maioria dos particulares vietnamitas.

Principalmente nas primeiras fases da guerra, as emboscadas eram muitas vêzes um estratagema para arranjar armas. Os postos avançados guarnecidos por fôrças G.V.N. locais e comboios acompanhados de pequenos destacamentos do RAVN eram prêsa fácil e, em geral, rendiam numerosas armas, munição, alguns rádios e outras provisões. Os camponeses podiam ser contratados ou forçados a permanecer nos arredores para ajudar a recolher as prêsas. A emboscada também pode ser útil para impedir os reforços de chegarem ao seu destino a fim de assistirem a um pôsto ou uma aldeia sitiada; em verdade, essa tática é tão bem sucedida que os vietcong, frequentemente, atacam povoados apenas para provocar a expedição de reforços ou colunas de socorro que êles, então, possam assaltar de emboscada.

As ciladas vietcong podem ser dirigidas contra um único funcionário, civis viajando nas rodovias ou canais, trens, unidades militares, comboios ou mesmo helicópteros. Boas informações táticas e uma excelente compreensão da psicologia e dos hábitos do inimigo proporcionam a base para uma tocaia bem sucedida. Um reconhecimento pode render boas informações, assim como também aquilo que transpira da conversa livre das tropas, de agentes dentro do RAVN ou do govêrno sul-vietnamita ou da interceptação do rádio americano do G.V.N. Em muitos casos o povo presta informações vantajosas. Não é fora do comum para um vietcong observar uma unidade móvel ou um pôsto avançado durante semanas, a fim de determinar, detalhadamente, seus hábitos de rendição de guarda, movimento, dispositivos de segurança, manutenção de armas, a qualidade e a vigilância de seus chefes e de seu moral. Uma vez decididos a armarem uma emboscada — digamos, ao longo de uma estrada — êles escolhem um local que possa constituir surprêsa para o inimigo. Sabendo que o RAVN é capaz de suspeitar de uma emboscada ao redor de curvas na estrada ou em vegetação cerrada, o vietcong planeja uma tocaia num arrozal ou num campo aberto. Sua destreza em cavar lugares cuidadosamente camuflados e de permanecer imóvel durante longo tempo capacita-o a realizar emboscadas em lugares inesperados. Às vêzes, coloca minas e armadilhas de um lado da estrada enquanto as tropas tomam posição do outro, forçando, assim, o pessoal emboscado a saltar de seus veículos diretamente sôbre essas minas e armadilhas. Noutras ocasiões, faz parar uma coluna dispondo minas no caminho e atacando de ambos os lados da estrada. Há tantas variações dessas táticas que é difícil desenvolver técnicas precisas para se opor a elas, especialmente, porque o inimigo, em todos os casos, terá feito planos para uma rápida retirada.

Além de planejarem emboscadas ao longo das vias de comunicação normais e apenas ficar à espera, os vietcong arquitetavam muitos modos de arrastar ou impelir as fôrças RAVN para uma cilada. Tiros repentinos podiam conduzir tropas RAVN a uma determinada área, dando lugar a um assalto de emboscada. Uma fôrça de limpeza podia estar cruzando uma área cuja resistência considerasse fraca; sendo possível que, então, se movimentassem ràpidamente para êsse vácuo, apenas para descobrir que tinham sido atraídas a uma tocaia cuidadosamente planejada. Se uma unidade RAVN estivesse atravessando um arrozal, podia ouvir tiros esporádicos de um certo lado. A tendência das tropas, então, seria de se voltarem para o lado oposto do campo, onde seriam saudados por intenso fogo cerrado de vietcong bem escondidos. Era possível que agentes, fazendo-se passar por camponeses ou mesmo membros do RAVN, fornecessem "informação" que conduzisse tropas do govêrno a uma emboscada e o mesmo lôgro podia ser conseguido com o uso de rádios capturados.

Minas e barricadas eram utilizadas em abundância, sós, ou em conexão com tocaias (um exemplo do emprêgo de minas numa emboscada — colocação das mesmas de um lado da estrada e estacionamento de tropas do outro — já foi mencionado). As minas de pressão eram indiscriminadas e os outros tipos de minas eram deto-

nados elètricamente e faziam voar pelos ares alvos selecionados. Algumas das técnicas de emboscada descritas acima podem ser usadas a fim de atrair tropas RAVN para as áreas minadas. As barricadas podem ser simplesmente pilhas de entulho fàcilmente removíveis ou podem estar aparelhadas com minas e armadilhas e, assim, mais difíceis de serem enfrentadas. Em 1964, um americano, viajando da província de Vinh Binh a My Tho — uma distância de cêrca de 56 quilômetros — encontrou 19 barricadas. Nenhuma delas era minada ou seguida de emboscada, mas pelo fato de precisar rodeá-las cuidadosamente ou remover partes das mesmas, a viagem demorou mais de quatro horas. Tais armadilhas eram, naturalmente, enervantes, bem como difíceis e lentas de serem ultrapassadas e contribuíam para a relutância geral na utilização das estradas.

Os mesmos tipos de táticas eram usados contra a única ferrovia Norte-Sul e contra os canais e os rios estreitos — particularmente no Delta do Mekong, onde os canais são meios de comunicação indispensáveis. O rio ou canal podia estar bloqueado ou com minas armadas a fim de destruirem ou retardarem o tráfego e facilitarem a emboscada. Mas a maior parte do transporte fluvial é tão vagaroso que não é difícil levar a cabo uma emboscada, dispensando o bloqueio do canal. Os vietcong carregam armas leves, bem como metralhadoras e fuzis sem recuo para o ataque às embarcações das margens. As emboscadas contra estradas de ferro e os atos de sabotagem têm sido tão simples e bem sucedidos apesar dos guardas, da cobertura, dos carros-patrulha blindados e de outras defesas, que certos trechos de estrada de ferro foram fechados completamente, por tempo indefinido.

Para auxiliar na oposição às ciladas e prover mobilidade geral mais rápida e mais segura, os E.U. têm suprido o G.V.N. com quantidades cada vez maiores de aviões e helicópteros, empregados no reconhecimento de caminhos passíveis de tocaia, no vôo de cobertura às colunas nas estradas e no ataque às emboscadas já desencadeadas. Os helicópteros têm muitas outras vantagens: servem de plataformas voadoras de fogo, de transportadores de tropas de assalto e de equipamento, e são veículos de reconhecimento. As unidades de socorro médico são particularmente valiosas não só para o transporte de feridos como para levantar o moral.(*)

As réplicas vietcong aos helicópteros e ao poder aéreo têm sido variadas. Êles intensificaram seus esforços em ocultamento e camuflagem e estão conduzindo, cada vez mais, os seus movimentos e operações à noite. Se têm necessidade de se locomoverem durante o dia, em geral fazem-no em pequenos grupos, vestidos de camponeses, para ser difícil distinguí-los do resto da população. As tropas ENL receberam treinamento adicional para o uso de fuzis regulares, bem como de metralhadoras e pequenos canhões anti-aéreos para derrubar helicópteros e aviões. Têm sido empreendidos esforços conjugados para despojar aviões derrubados de suas metralhadoras e capturar êsses tipos de armas em combates terrestres. Os vietcong se mostram particularmente ativos contra os helicópteros (um problema que os vietminh não tiveram de enfrentar), que, de muitos modos, são mais vulneráveis do que os aviões. Uma técnica razoàvelmente bem sucedida é a de atraí-los para armadilhas ou falsas zonas de aterragem. Usando rádios capturados, os vietcong conseguem tomar conhecimento dos pedidos de pilotos de helicópteros para a marcação da zona de aterragem, dirigindo-os para uma área onde foi cuidadosamente armada uma emboscada. Êles usam a côr ou o marcador de fumaça pedido e transmitem ordens erradas pelo rádio. A "área de aterragem" poderá estar cercada de tropas que abrirão fogo contra os helicópteros que estão descendo ou ainda pairam no ar ou pode também estar cheia de varas ponteagudas escondidas. Os guerrilheiros também costumam planejar um ataque a um pôsto avançado situado numa pequena depressão, prevendo que uma fôrça de socorro heli-transportada seria expedida; e dispunham metralhadoras e armas anti-aéreas nas encostas — assim superando alguns dos seus problemas de raio de ação

(*) Sir Robert G. K. Thompson é da opinião de que o uso de helicópteros também apresenta algumas desvantagens, i.é., imobilizam o soldado, impedindo, assim, a surprêsa tática. Veja Sir Robert G. K. Thompson, "Feet on the Ground", *Survival*, VIII, n.º 4 (abril de 1966).

e altitude — e assaltavam de emboscada os helicópteros quando êles entravam no vale estreito, e estão tentando constantemente desenvolver novas modalidades e maneiras de se defenderem contra o poder aéreo americano.

Uma segunda tática ofensiva importante do Vietcong é o ataque provocante ou o atacar e fugir, desencadeado, em geral, contra as aldeias e as fôrças de defesa locais e, com menos frequência, contra o RAVN. Como no caso das emboscadas, êles servem, geralmente, a várias finalidades, das quais nem tôdas são rigorosamente militares. As fôrças locais do G.V.N. — como os próprios guerrilheiros — são mal treinados e equipados com pouca capacidade para se defender, de tal modo permitindo as vitórias fáceis dos vietcong, cuja fôrça impressiona o povo. As tropas locais fazem parte da população, e o impacto dos ataques bem sucedidos contra êles muitas vêzes seguidos de palestras de propaganda é sentido pelo povo. Se a milícia de defesa fôr amedrontada, os outros camponeses, cientes da situação, estarão mais dispostos a cooperar com o Vietcong do que de assistir o govêrno de Saigon.

Entre os objetivos rigorosamente militares que êsses ataques e fugas podem realizar estão a ruptura de possíveis ofensivas locais, a coleta de informações e o apresamento de armas e víveres mesmo que aquelas não sejam dos últimos tipos. Os rádios são prêsas particularmente valiosas, permitindo ao Vietcong interceptar chamados de socorro e outras mensagens e irradiar informação falsa.

Êsses ataques provocantes assumem muitas formas. Os guerrilheiros podem simplesmente desfechar alguns tiros dentro dum povoado com o intuito de enervar o povo e produzir a sensação de insegurança. Ou vários vietcong correm de um lugar para outro, disparando suas armas e aumentando a expectativa de um eventual assalto. Não matam ninguém e, de repente, partem, deixando os ansiosos aldeões a imaginar o que acontecerá a seguir. Outra variação é a de terroristas ou atiradores de tocaia entrarem ou se aproximarem sorrateiramente de uma aldeia e matar um ou dois funcionários, tornando os inquietos

habitantes ainda mais relutantes em assumir qualquer função na administração do povoado. Houve ocasiões em que os vietcong lançaram granadas de obus ou arremessaram bombas incendiárias de fabricação local para dentro dum povoado, causando muitas baixas, ou oportunidades em que incendiaram a aldeia. Caso o govêrno não responda a cada um dêsses ataques com uma demonstração de fôrça militar, assistência médica e socorro para os desabrigados, os aldeões culpam Saigon, em vez do Vietcong, pelos seus apuros.

Êsses assaltos não só criam receio e incerteza entre os campeoneses, como também afetam o RAVN e as atitudes do povo e do exército, um em relação ao outro. Por exemplo, uma das ações hostilizantes descritas acima pode forçar o chefe do povoado a pedir a assistência de uma unidade RAVN vizinha. Quando a unidade RAVN tentar vir em auxílio da aldeia, talvez seja assaltada de emboscada no caminho e sofra sérias baixas, bem como perda de equipamento. Se a ação de hostilização não fôr seguida de um ataque, a unidade RAVN poderá indignar-se com o falso alarme e as baixas desnecessárias. Não é reação fora do comum se na próxima vez em que receber um tal chamado de assistência ou ignorar completamente ou não se apressar em responder. E isto é exatamente o que acontece: não é raro que o RAVN marche para um povoado que tenha pedido auxílio 24 ou 36 horas antes — quando, tanto o RAVN como o povoado sabem perfeitamente que qualquer perigo possível desapareceu há muito tempo. Nesses casos o RAVN favorece o jôgo do inimigo e atinge o objeto básico do Vietcong, que é separar o povo do exército e do govêrno. O povo não acredita que o RAVN realmente deseje defendê-lo e a RAVN sente que o povo provoca falsos alarmas e esquece os perigos envolvidos. A criação da desconfiança mútua entre o povo e o exército — um objetivo político e psicológico — é consequentemente causado pelo uso de métodos militares.

A terceira importante tática ofensiva vietcong é a do ataque mais ou menos convencional, mas um ataque do exército da FNL difere de vários modos importantes

do bem conhecido ataque ocidental.(*) Primeiro, um ataque convencional do exército ocidental é normalmente precedido por um "amolecimento" por ar e artilharia antes que o verdadeiro assalto terrestre seja desencadeado. Já que os vietcong não possuem poder aéreo nem artilharia regular, êles não podem executar tais ações e, em vez disso, precisam confiar em informações precisas, planejamento cuidadoso e surprêsa completa. Seu pessoal psicológico procura "amolecer" os defensores, exagerando a fôrça Vietcong e a inadequabilidade das defesas do govêrno. Segundo, um ataque ofensivo ocidental geralmente tem como objetivo a captura e a conservação de uma determinada parte de território. O ataque vietcong raras vêzes tem o objetivo de manter em seu poder o território, mas, antes, o de infligir baixas e reduzir o moral, ao mesmo tempo, impressionando a população e desacreditando o govêrno. Embora os guerrilheiros não tentem ocupar uma determinada área, essa pode, em consequência, tornar-se perdida para o G.V.N. porque o vietcong influenciou de tal modo a atitude do povo que o pessoal do G.V.N. se mostra relutante ou sente-se incapaz de ali trabalhar. Terceiro, em ataque convencionais ocidentais as fôrças assaltantes ficam martelando o alvo até que o capturem ou até que êles sejam derrotados. O vietcong, entretanto, tende, mais ràpidamente, a deixar inacabado um ataque, se as coisas não estiverem correndo bem. Êles raramente estão de tal maneira interessados em tomar ou manter uma determinada porção de terra, a ponto de estarem dispostos a enfrentar o risco de sérias baixas, lutando numa batalha prolongada. Mesmo se o ataque fôr bem sucedido, êles talvez só fiquem o tempo suficiente para passar um sermão no povo, juntar algumas armas, cuidar de seus mortos e, então, retirar-se ràpidamente. Por vêzes, arriscaram-se em longas e sangrentas batalhas, mas essas, em geral, aconteceram quando suas fôrças atacantes estavam encurraladas ou quando estava em jôgo um objetivo político significativo. Finalmente, os ataques vietcong são essencialmente de infantaria, por

(*) Os ataques em larga-escala tronaram-se menos frequentes desde a chegada de tropa E.U., exceto na área do I Corpo; veja o Capítulo VIII.

não possuírem apoio aéreo, de artilharia ou de blindados. Êles, todavia, têm morteiros e fuzis sem recuo que, às vêzes, são usados em bombardeios repentinos um pouco antes do ataque e, convencionalmente, como armas de apoio à infantaria durante os assaltos. Como é difícil prover munição para as armas de apoio, bem como para as armas individuais, esta, de modo geral, é gasta cuidadosa e parcimoniosamente.

Dada a inferioridade de seu potencial de fogo e de seu outro equipamento, os vietcong não podem se dar ao luxo de serem relaxados ou descuidados no planejamento ou na execução do ataque. Além disso, os ataques mais formais são empreendidos pelas fôrças regulares e êles preferem ter o mínimo possível de baixas entre essas tropas de elite. Um dos elementos mais importantes nesses ataques é a convicção das tropas de que seus líderes têm boas informações e um plano bem pensado e que os treinaram especìficamente para aquela operação. O plano para um ataque regular é semelhante ao de uma emboscada. Depois da escolha do alvo, é feito um diligente estudo das informações, incluindo a análise dos hábitos, da fôrça ou das fraquezas dos defensores. O passo seguinte envolve o desenvolvimento de um plano de ataque e ensaios do mesmo, muitas vêzes, usando modelos do pôsto avançado construído na jângal. Em alguns casos, agentes já foram prèviamente plantados na aldeia ou pôsto onde tentarão "amolecer" os habitantes, recolher informações, subreptìciamente cortar arame farpado ou dar instruções aos atacantes. Como em tôdas as outras ações, são feitos planos para a retirada em caso de vitória ou de derrota.

A fôrça atacante pode ser dividida em cinco categorias principais. O primeiro elemento é, geralmente, composto de equipes de demolidores e sapadores que tentam abrir brechas nos muros, cortar arame farpado ou proporcionar meios de atravessar valas e fossos. Duas ou três ondas de ataque, dependendo da importância do mesmo, avançam. Há armas de apoio — principalmente morteiros, fuzis sem recuo e metralhadoras. Em muitos casos, os aldeões ou a milícia local seguem os elementos atacantes, a fim de recolherem armas, equipamento e tirar os mor-

tos. Finalmente, uma tropa de cobertura é usada para facilitar a retirada — positivamente fácil se os atacantes forem viotoriosos, mas muito mais difícil se houver derrota ou perseguição do inimigo.

Ao contrário dos ataques americanos que costumam começar ao amanhecer, a maioria dos ataques vietcong se iniciam à 1 ou às 2 horas da madrugada. O ataque noturno, ainda que difícil de ser executado por razões óbvias, tem certas vantagens: por exemplo, há o impacto psicológico de tropas emergindo da escuridão, gritando e dando tiros, enquanto tomam de assalto um povoado longínquo — ou, o efeito ainda mais aterrorizante de sua aparição repentina e silenciosa diante dos portões da aldeia. Espera-se que o valor do choque provocado por êsses ataques tenha considerável efeito sôbre a batalha, o que, muitas vêzes, acontece. O reconhecimento aéreo e de helicóptero é limitado à noite, aumentando mais as chances de que o ataque seja completamente de surprêsa. O fogo de artilharia ou apoio aéreo também são mais difíceis durante a noite, mesmo que tenham sido introduzidos artifícios iluminantes.

Os assaltos são desencadeados com tropas em massa, em geral em número esmagador, já que os atacantes estão tentando conseguir sucesso ràpidamente e sofrer poucas baixas. Na maioria dos casos os vietcong cessam a batalha ao amanhecer e se retiram; se a situação impede a retirada, êles se "grudam ao inimigo" tão logo clareie o dia, dificultando o uso eficiente do poder aéreo e da artilharia.

Os ataques de uma companhia contra postos de província ou de povoado do G.V.N. (geralmente guarnecidos por um ou mais pelotões) têm cobrado um terrível tributo destas fôrças paramilitares do G.V.N. e trazido consideráveis vantagens materiais ao Exército de Libertação Nacional. Calcula-se que o Vietcong infligiu a essas fôrças dez vêzes tantas baixas quanto as suas e que sempre recolheu muitas armas. Mesmo quando havia o apoio aéreo ou de artilharia, a proporção permanecia desfavorável ao G.V.N. Por causa de emboscadas, barricadas, etc., não havia certeza de que os reforços chegassem ao local da batalha a tempo para serem de alguma utilidade, e

seu efeito era geralmente ínfimo, embora quando chegassem a tempo, muitas vêzes, impusessem pesadas baixas aos atacantes. A introdução de poder aéreo e de tropas norte-americanas que foram capazes de enfrentar as principais fôrças vietcong, aliviou um pouco a pressão dêsse tipo de ataques, que, antes de 1965, eram devastadores — e podem tornar a sê-lo, se o Vietcong decide voltar à luta de guerrilha de baixo nível.

Um documento, escrito em outubro de 1964, capturado na área florestal de U Minh, dá uma idéia melhor da complexidade do planejamento militar vietcong, revelando a adaptabilidade, bem como a consistência de muitos de seus princípios táticos. Designado a servir de guia para desenvolver táticas de ataques móveis a fôrças móveis, êsse documento de planejamento reconhece que ambos os lados estão na ofensiva no Delta e que essa situação bastante incomum desperta alguns problemas táticos novos, mas êle começa de maneira tradicional; primeiro, os planejadores discutem os efeitos do terreno desta área sôbre as fôrças do G.V.N. e sôbre as suas próprias. As principais características do terreno no Delta são as vias navegáveis e os canais que tendem — segundo o documento — a canalizar os ataques do RAVN, restringir a mobilidade da artilharia, limitar o uso de viaturas de transporte blindadas e dificultar operações combinadas (infantaria, blindados e artilharia). Noutras palavras, muitas das vantagens do equipamento e do armamento RAVN são reduzidas. Por outro lado, os vietcong acreditam que o terreno ofereça certas facilidades para êles: a vegetação, especialmente ao longo das vias navegáveis, é excelente para a camuflagem e emboscadas; a mobilidade tática de curto alcance é ótima, embora os movimentos de longo alcance sejam retardados; e é possível que a operação de grandes unidades (batalhão) vietcong. Existindo uma situação altamente fluida no Delta, de acôrdo com êsse documento, as intenções do RAVN nem sempre são conhecidas de antemão, mas as informações melhoram à medida que progridem as operações do adversário. As informações e um Vietcong mais móvel dão aos guerrilheiros a iniciativa em "fôrça, tempo e lugar". Os guerrilheiros tentam prever tôdas as ações e movimentos do inimigo e planejam de acôrdo, ainda que,

nesses combates móveis, não sejam capazes de executar todo o seu planejamento prévio. Para opor-se a operações de varredura, os planejadores afirmam, os pequenos destacamentos precisam descobrir o adversário e começar a lutar; o inimigo pára e o "restante" das fôrças vietcong se precipita ao ataque. Uma fôrça de retaguarda especial tenta impedir a retirada do inimigo.

Quando os guerrilheiros atacam um pôsto avançado para provocar uma operação de refôrço ou de socorro, as rotas mais suspeitas do RAVN até o pôsto avançado são emboscadas. Reconhecendo que possam enganar-se quanto às rotas, os guerrilheiros também planejam rápidas mudanças para outros lugares, alguns dos quais tenham sido preparados, se não ocupados. Na maioria dos casos, patrulhas ou pequenos destacamentos tentam atrair as tropas RAVN para a emboscada principal.

Em situações de combate, na qual ambos os lados estão se movimentando, pequenos destacamentos, levemente armados, procuram encontrar a coluna do govêrno, impedir ações prematuras ou imprevistas e fornecer a informação a fim de que um plano de ataque possa ser traçado e ràpidamente executado. O fogo individual e manobras por grupos em pequenos ataques bifurcados separados tentam separar os blindados do RAVN e a infantaria e, assim, enfraquecer a sua defesa. Sempre são planejadas as retiradas e os pontos de reunião, para todos os casos. Depois do combate, procedem assim: avaliação da situação, reorganização das tropas, conversas animadas, preparações para continuar se êsse fôr o caso, cuidado com os feridos (é interessante que os mortos não são mencionados nesse documento), mobilização do povo se necessário, limpeza do campo de batalha e arrumação das prêsas.

Os planejadores dão considerável atenção ao problema do poder aéreo. As tropas são exortadas a combatê-lo — especialmente os observadores L-19. O reconhecimento é realizado à noite. Um ocultamento cuidadoso e camuflagem são recomendados com insistência. As unidades antiaéreas são dispostas com cuidado e se deslocam como as unidades americanas — aos saltos com duas unidades no seu lugar prontas a abrir fogo enquanto uma se movimenta.

O papel decisivo do Partido Comunista em operações militares está confirmado nesse documento. A comissão do Partido decide se empreende a batalha ou não, escolhe as áreas de bivaque, seleciona o campo de batalha e o plano total das operações e o comando militar executa as decisões e planeja os detalhes. Os líderes do Partido participam da batalha, seguindo-a rigorosa e cuidadosamente, dão ordens e reagrupam as tropas.

Os problemas são reconhecidos — implìcita ou explìcitamente. O poder aéreo, já citado, é um problema mencionado abertamente. Os guerrilheiros também reconhecem que seu serviço de informações nem sempre é perfeito quando se trata de guerra móvel e que há possibilidade de surprêsas. As patrulhas devem tentar preencher essa falha das informações e comunicar suas descobertas ràpidamente aos escalões superiores. Além disso, há a dificuldade da localização apropriada do limitado apoio das armas pesadas, especialmente depois de um assalto intenso, quando unidades menores protegem o retraimento das fôrças principais por meio de fogo contínuo. A inferioridade de artilharia e blindados preocupa o Vietcong, ainda que afirmem que isso seja muito menos importante do que a doutrinação e o moral da tropa.

Em todo o documento, está claro que os planejadores comunistas tentam proporcionar o máximo de direção para suas unidades em operação, em quaisquer circunstâncias, e que êles estão constantemente tentando melhorar suas táticas e sobrepujar novos problemas. Os vietcong sentem intensamente que precisam conservar a iniciativa, pois se quiserem manter o ímpeto da revolução, precisam não dar a impressão de que estão parados ou perdendo terreno. Isto não significa, necessàriamente, como será demonstrado no próximo capítulo, que precisam conservar uma ofensiva militar formal, pois podem permanecer na ofensiva, aumentando as atividades terroristas e as ações de pequenas unidades, que são difíceis de conter, e ainda assim contribuir para seus objetivos globais.

TÁTICAS DE DEFESA

A iniciativa é sem dúvida decisiva para reter a fidelidade do povo, mas é também importante sob o ponto de vista estritamente militar. A surprêsa e a mobilidade são usadas pelos guerrilheiros para compensar suas armas e seu equipamento inferiores e as operações de defesa tendem a despojá-los dessas vantagens. Por várias razões, entretanto, as unidades vietcong empenham-se em combates defensivos. Às vêzes êles são encurralados e obrigados a lutar; noutras ocasiões, um inimigo perseguidor veemente é capaz de forçar a parada de algumas das unidades, obrigando-as a combater na retaguarda. Êles talvez também tomem a decisão de proteger certas aldeias ou instalações que julguem vitais. Em certas ocasiões há, inclusive, razões políticas para parar ou lutar. Os vietcong têm sido engenhosos e resistentes em suas defensivas quando nelas se empenham e na verdade não perderam inteiramente a iniciativa ou o uso dos elementos de surprêsa, mesmo quando forçados a uma defensiva.

A aldeia fortificada ou de combate exemplifica a defesa vietcong, que parece haver ultrapassado até mesmo os esforços vietminh. Essas aldeias fortificadas são controladas completamente pelo vietcong e nelas não se permitem funcionários do G.V.N. São feitas preparações habilidosas e esmeradas para deixar a RAVN de fora. A comissão de construção da aldeia fabrica as minas, as armadilhas e táboas com pregos enormes, usadas para a defesa passiva e para sustentar e complementar a defesa ativa executada pelos guerrilheiros locais. Os defensores colocam minas e armadilhas às margens das vias normais de aproximação e se uma coluna inimiga avançar e fôr

atacada, as tropas saltarão para o lado da estrada para proteger-se e, então, cairão sôbre as minas e outras armadilhas. Os camponeses e, muitas vêzes, as crianças põem em prática um complicado sistema de alarme. Posições de tiro bem camufladas e protegidas são cuidadosamente dispostas a fim de cobrirem tôdas as investidas e o acesso a elas, muitas vêzes, é feito por meio de um labirinto de túneis que são uma característica importante da defesa de aldeia. Êsses túneis não só permitem o acesso encoberto e protegido às posições de tiro e aos postos de vigilância, mas também proporcionam proteção para a população e armazenamento de víveres e suprimentos militares. Uma aldeia pode ter muitos quilômetros de túneis e abrigos subterrâneos. Em geral, alguns dêsses túneis terminam longe, fora dos limites da aldeia, permitindo aos combatentes escaparem, caso a luta se torne dura demais. Técnicas, tais como deixar brechas na defesa ou fogo sòmente para atrair a atenção, são usadas para tirar a fôrça atacante da aldeia, impelindo-a para um canal onde possam existir minas ou tocaias cuidadosamente planejadas. Geralmente, os guerrilheiros locais executam êsse tipo de defesa, mas as tropas regulares na área podem preparar uma emboscada para o RAVN que se retira, cansado e indolente, no fim do dia.

Nas Zonas D e C e outras "áreas liberadas" uma rêde de aldeias fortificadas, ou mesmo, bases mais fortemente fortificadas, torna as operações de limpeza difíceis, vagarosas e, muitas vêzes, perigosas. Antes da chegada das tropas americanas nessas áreas em 1965, isso era raro e, frequentemente, mal sucedido. Às vêzes, as posições de defesa eram tão bem camufladas que pouco o RAVN podia encontrar — ou então, ficavam ansiosos por evitar estas instalações, já que, quando as descobriam, em geral se seguia uma furiosa luta com o defensor, que levava a melhor. Naquele tempo, os vietcong tinham a grande vantagem dessas bases seguras nas quais podiam armazenar víveres, treinar o pessoal, descansar as tropas, fabricar armas e construir hospitais e assim conseguiam bases de operações formidáveis, em várias partes do país.

A SITUAÇÃO ANTES DA INTRODUÇÃO DE TROPAS NORTE-AMERICANAS

No inverno de 1964,65, as ações combinadas do PRP, da FNL e do Exército Nacional de Libertação haviam quase derrotado o G.V.N. As estimativas conservadoras davam à FNL o contrôle sôbre, pelo menos, metade da população e talvez dois têrços da área do Vietnam do Sul. Faltava a estabilidade política em Saigon e o govêrno era cada vez mais fraco e ineficiente na zona rural. Numa visita à área do I Corpo, no outono de 1964, informaram ao autor que tôda a zona "estava entrando pelo cano". O único lugar controlado pelo govêrno na província de Quang Tin era Tam Ky, a capital, e a maioria dos americanos raramente a abandonava, exceto para acompanhar as poucas operações RAVN. Os comerciantes chineses, convencidos de que o fim da guerra estava próximo, não estavam reabastecendo suas lojas e os vietnamitas ricos frenèticamente enviavam dinheiro para o exterior ou abandonavam o país. A atitude afável das crianças se transformara em arrogância, ódio e hostilidade. Os mapas militares mostravam os vietcong saindo constantemente das montanhas em direção à Rota 1 e à costa. O moral do RAVN era tão baixo quanto o nível de suas operações. Tanto a população como os americanos sentiam que os vietcong estavam prestes a dominar. Ainda que a área do I Corpo pudesse estar em piores condições, a maior parte do Vietnam parecia estar em estado de deteriora-

ção.(*) O inimigo estava longe de ser perfeito, mas os ataques psicológicos contra o povo e o G.V.N. haviam enfraquecido o moral, enquanto os golpes militares faziam oscilar o RAVN. Muitos observadores achavam que deveriam ser tomadas medidas drásticas ou o govêrno de Saigon cairia, dando a vitória completa ao Vietcong.

(*) Como resultado da crescente presença americana, essa área não capitulou para os vietcong, mas a luta ali, hoje, indica quão fortes eram os comunistas e quanta importância se dá à região.

VIII

A PARTICIPAÇÃO DO EXÉRCITO AMERICANO E O VIETCONG(*)

No princípio de 1965, o govêrno dos Estados Unidos decidiu participar diretamente da insurreição, assumindo ações militares tanto no Norte como no Sul do Vietnam. Em fevereiro, foram lançados ataques aéreos contra uma variedade de alvos militares na parte mais meridional da R.D.V.N. e, durante março, as tropas de combate americanas e fuzileiros navais começaram a desembarcar na parte setentrional do Vietnam do Sul.

Muitos motivos levaram os Estados Unidos a intervir daquela maneira e naquela época. A razão fundamental — ainda que, em geral, não declarada tão abertamente — foi impedir o colapso do G.V.N. e a vitória comunista, que para a maioria dos observadores locais parecia iminente. Os Estados Unidos haviam tentado auxílio econômico e militar, conselheiros às centenas, pequenas unidades de tropas de combate que funcionavam como treinadores e conselheiros (Fôrças Especiais), e apoio aéreo limitado, porém nenhuma destas medidas tinha impedido a rápida deterioração da situação no Sul durante o inverno de 1964-65. Houve algumas indicações de que as incursões aéreas no Norte foram uma represália ao ataque vietcong ao aeródromo de Pleiku, que talvez tivesse sido apenas o rastilho. As principais razões dadas para os bombardeios

(*) Êste capítulo examina apenas o impacto sôbre o exército vietcong e não procura avaliar os efeitos totais da presença de numerosas tropas estrangeiras ou do amplo uso da potência de fogo contra os civis vietnamitas.

foram sustentar o moral no Sul, deter ou aumentar o custo da infiltração de homens e suprimentos provenientes do Norte e mostrar ao comando da R.D.V.N. que teriam de pagar determinado preço por sua constante assistência aos insurgentes no Sul. Esperava-se que os ataques aéreos tornassem a guerra tão dispendiosa para o Norte que forçassem Hanói a negociar. As tropas dos Estados Unidos no Sul seriam usadas para proteger as bases aéreas e certas instalações militares-chave e fornecer uma reserva para o RAVN para que tôdas as tropas militares sul-vietnamitas pudessem ser jogadas contra os vietcong e elas também proporcionaram evidência tangível de apoio ao regime de Saigon.

Tanto no Norte como no Sul do Vietnam, as atividades americanas gradualmente se intensificaram. Sòmente em 1966, o pêso das bombas jogadas no Norte excedeu ao das usadas sôbre o Japão e todo o teatro do Pacífico durante os quatro anos da Segunda Guerra Mundial. Os alvos através de todo o Vietnam do Norte, incluindo alguns situados muito perto da fronteira chinesa, foram bombardeados e o ritmo de sortida sobe a milhares por mês. Os resultados são debatidos veementemente. Muitos observadores concordam que os bombardeios, inicialmente, exerciam um efeito desejável sôbre o moral no Sul, mas que êsse efeito diminuiu com a continuação da guerra. A infiltração de homens, até há pouco, aumentou constantemente, ainda que exista, naturalmente, a possibilidade de que poderia ter sido superior sem os ataques aéreos. O govêrno dos Estados Unidos afirma que o custo da guerra tornou-se muito maior para a R.D.V.N., mas o bombardeamento não parece haver enfraquecido a resolução de Hanói de continuar a luta. Na ocasião em que se escreve êste livro o efeito direto das operações aéreas no Norte sôbre a guerra no Sul é difícil de ser julgado, mas parece ter sido limitado. Os partidários do poder aéreo sustentam que as restrições impostas ao uso do poder aéreo impediram-no de ser tão eficiente como poderia ter sido, enquanto outros observadores dizem que a natureza do terreno ao longo das linhas de infiltração e o sistema de transporte são tais que o poder aéreo jamais

poderá estancar o escoamento de provisões, e perguntam se êle poderá quebrar a disposição de Hanói de resistir e trazer os comunistas para a mesa de conferência.

No Sul, o poder aéreo e as tropas americanas gradualmente expandiram suas funções. Sua missão inicial de guardas de campo foi logo esquecida, quando empurraram seus perímetros de defesa muitos quilômetros além de suas bases e começaram a lançar ataques ofensivos contra os vietcong, que, por sua vez, se preparavam para revidar. Algumas tropas americanas, especialmente os fuzileiros navais na zona desmilitarizada e as Fôrças Especiais ao longo das fronteiras laociana e cambodiana, estiveram, e ainda estão, empenhadas em tentar deter a infiltração. Entretanto, cada vez mais, as fôrças dos Estados Unidos assumiram a tarefa de derrotarem o Exército Nacional de Libertação e as unidades regulares norte-vietnamitas em operação no Sul. O plano de 1967 exige o apoio da maior parte do RAVN à fôrça de segurança básica necessária à pacificação ou ao progresso revolucionário, e que as tropas dos Estados Unidos chamem a si a quase completa responsabilidade pela luta contra as fôrças regulares comunistas, incluindo aquelas no Delta do Mekong.

A estratégia do exército americano tem de destruir as unidades vietcong e norte-vietnamitas por meio da procura agressiva e de operações de destruição, combinando unidades aéreas e terrestres. O principal argumento apoiando essa estratégia é que essas unidades maiores e mais resistentes precisam ser esmagadas ou destruídas antes que qualquer pacificação séria seja empreendida. Simplesmente não há tropas suficientes, afirma-se, para proporcionar segurança em todo o país, simultâneamente. Os fuzileiros navais e as tropas coreanas, entretanto, parecem haver adotado uma estratégia diferente: limpar e conservar, isto é, tomar uma área e segurá-la até que a infra-estrutura vietcong tenha sido exterminada e a população local tenha sido adequadamente treinada para se proteger. Essa estratégia supõe que prover segurança, conquistar o contrôle do povo e construir uma base sólida são as primeiras e mais importantes tarefas dos defensores e que a realização das mesmas vai ferir o Vietcong ao máximo. Apesar de haver séria controvérsia a respeito

dessas duas estratégias (e suspeita-se que haja um pouco de rivalidade entre o exército e os fuzileiros navais), no sentido global elas devem ser complementares. As fôrças do Exército dos Estados Unidos podem estar agindo bàsicamente como uma fôrça de destruição através de todo o país, rompendo concentrações e ataques vietcong enquanto os fuzileiros navais, os coreanos e o RAVN protegem as áreas para a pacificação que, certamente, é a única solução duradoura para o problema. O Secretário Mac Namara quer fazer tudo e afirmou que nossa atual estratégia é ajudar os vietnamitas a encontrar e destruir as unidades da fôrça principal do inimigo, estender contrôle G.V.N. sôbre cada vez maior número de áreas, prosseguir com o desenvolvimento revolucionário (pacificação) e interditar a infiltração de homens e material do Norte. É um programa ambicioso que abrange tudo e no qual, parece, não se estabeleceram prioridades estratégicas.

As tropas de combate americanas possuem três vantagens básicas que apresentaram novos problemas para os insurgentes e transformaram a natureza do conflito desde 1965. Primeiro, as tropas dos Estados Unidos têm um comando mais agressivo e são capazes de exercer pressão sustentada — ao contrário do RAVN que, apesar do conselho e da solicitação dos americanos, em geral, não mostra a iniciativa e o poder ofensivo necessários para enfrentar o Vietcong, muito menos forçá-lo a uma defensiva. Segundo, as unidades terrestres americanas têm tremendo potencial de fogo e ainda maior quantidade de artilharia e apoio aéreo aproximado que pode ser requisitado, se preciso. Êsse potencial de fogo é usado em sua capacidade máxima e não faz economia de munição. Terceiro, as fôrças dos Estados Unidos têm irrestrita mobilidade aérea através do uso de aviões de transporte e helicóptero. A mobilidade aérea não é substituto completo para a mobilidade terrestre do Vietcong — especialmente para distâncias curtas e em determinados terrenos e condições atmosféricas — mas dá às tropas dos Estados Unidos grande flexibilidade na montagem de operações ofensivas, de missões de salvamento e refôrço e no recolhimento de prêsas de guerra.

O poder aéreo, em potência e objetivo jamais possuído pelos franceses em sua batalha contra o Vietminh, exemplifica a característica das fôrças americanas no Vietnam. Os aviões de tática dos Estados Unidos são capazes de sobrevoar o Sul do Vietnam, à vontade, noite e dia, armados ou desarmados, e Bs-52 podem voar de Guam ou da Tailândia em missões específicas de bombardeio contra fortalezas vietcong. O poder aéreo é ainda prejudicado pela escuridão ou pelo mau tempo, pela folhagem da jângal e pelo terreno acidentado e nem sempre tem a precisão desejável, mas a sua capacidade de atingir áreas doutro modo inacessíveis e de poder chegar ràpidamente para dar apoio às tropas terrestres, é uma vantagem decisiva para as fôrças dos Estados Unidos e uma constante ameaça ao inimigo.

O IMPACTO DO PODER AMERICANO

Não pode haver dúvida de que o poder militar americano tem exercido algum impacto sôbre as fôrças militares, a infra-estrutura e a organização política vietcong e sôbre as suas relações com o povo. Os efeitos do poder militar americano podem ser descritos, mas é quase impossível medí-los com precisão. Talvez seja a coisa mais fácil determinar as consequências militares, mas, mesmo nessa esfera limitada, pode-se chegar a conclusões falsas. Mesmo sob a pressão americana, os vietcong retêm uma organização flexível e a escolha de várias estratégias diferentes. O fato de que muitas de suas unidades tenham sido prejudicadas em operações militares de larga escala não significa que êles tenham perdido completamente a iniciativa ou a guerra.

Apesar dessas qualificações importantes, algumas estimativas podem ser feitas de como está vivendo o exército vietcong. As baixas vietcong, ainda que um tanto exageradas por Saigon, são claramente muito superiores às de 1965. Há considerável evidência de que essas baixas, na verdade, estão prejudicando os vietcong, obrigando-os a tomarem medidas impopulares que afetam sua estrutura política e suas relações com o povo. Por exemplo, êles cada vez mais precisam recorrer à conscrição, que foi iniciada em 1964 quando o regime de Hanói e a FNL tentaram aumentar suas fôrças na expectativa de uma vitória rápida. O recrutamento forçado de rapazes adolescentes e mesmo de mulheres está afastando a população e demonstrando a necessidade do aparato da FNL para conseguir potencial humano, mas a maior parte dos observadores concorda que o recrutamento — forçado ou de outro modo

— e a infiltração proveniente do Norte ainda fornecem homens e mulheres suficientes e que os insurgentes ainda não estão sèriamente enfraquecidos pela deficiência de potencial humano.

Os vietcong têm sentido o impacto da intervenção americana nas baixas cada vez em maior número e nas partes de seu sistema logístico que foram rompidas. A tática agressiva das fôrças aéreas e terrestres aliadas tornaram as outrora invioláveis bases vietcong sujeitas a ataques em amplas varreduras de fôrças terrestres, de pára-quedistas, de fôrças heli-transportadas e de caça-bombardeiros. O povo vivendo em/ou perto dessas áreas atualmente expostas aos ataques aéreos e terrestres, com certeza deve ter perdido sua fé no vietcong, como protetores ou provedores. Os vietcong não sòmente intensificaram sua conscrição, mas também aumentaram os impostos e começaram a impor taxas de alimentação ao povo e essas medidas não tornaram o comunista benquisto pelo povo nem confirmam a crença de que os vietcong estão, realmente, vencendo. O grande fluxo de refugiados para as áreas ocupadas pelo govêrno pode ser um indício do seu mêdo de um ataque, das privações que enfrentam e do seu descontentamento em relação ao regime vietcong.

As bases são a chave da fôrça do exército vietcong e qualquer dano que sofram afeta tôda a máquina militar dos insurgentes. Quando estas bases deixam de ser seguras, muitas operações não podem ser tão cuidadosamente planejadas ou ensaiadas e a destruição de víveres e outras provisões talvez force a mudança ou o cancelamento das operações. Há menos campos de repouso à disposição das unidades de combate e algumas foram sèriamente desbaratadas. As facilidades médicas são mais difíceis de serem providas e há cada vez mais doença entre as tropas e são insuficientes os cuidados às suas necessidades. Há escassez de alimentos porque os camponeses abandonaram as plantações ou foram interrompidos por varreduras dos aliados e porque as tropas, obrigadas a contínuas mudanças, não podem cultivar seu próprio alimento. As rações foram reduzidas e todo o sistema logístico está desarticulado.

Parece que a estratégia americana em 1967 é acabar com essas bases vitais do inimigo. Por exemplo, os objetivos da grande operação no Triângulo de Ferro ao norte de Saigon, em janeiro de 1967, eram de retirar a população para que ela não pudesse assistir o inimigo, destruir as instalações e os aprisionamentos na área, proceder à intensa terraplenagem de grandes extensões de jângal e arrasar a rêde de túneis, com isso tornando essa área menos útil aos vietcong, no futuro. Até um certo ponto, essas metas foram alcançadas e com isso muitos documentos valiosos foram capturados.

As perdas severam que algumas unidades sofreram em combate e a invasão de bases de repouso, anteriormente seguras, parecem ter exercido um efeito desfavorável sôbre o moral do vietcong. Após os triunfos de 1964, a maior parte das tropas vietcong esperava uma vitória relativamente próxima. Com a chegada dos americanos e a intensificação da luta, essas esperanças desapareceram. As entrevistas com prisioneiros e os documentos capturados dão a impressão de que o espírito combativo de algumas das tropas arrefeceu, que há crescente receio da luta e da morte (especialmente longe do lar), que os soldados fingem-se de doentes ou desertam e que há menos confiança na vitória final. Há queixas a respeito das rações reduzidas e os guerrilheiros sentem a atitude de indiferença dos camponeses. Entretanto, há poucas indicações de que a organização vietcong tenha perdido o contrôle de seus homens ou de que a sua capacidade combatida tenha sido sèriamente prejudicada. Por serem os combates, em geral, de natureza isolada e havendo, quase sempre uma oportunidade de retraimento e recuperação para as tropas, os reveses são menos significativos do que seriam numa guerra com frentes, onde unidades partidas significariam uma ruptura na frente — um assunto mais sério — e a provável redução do moral ao longo de tôda a frente. Deve-se também ter em mente que os vietcong têm, em geral, predito uma guerra prolongada e que têm sido preparados para aceitar uma vida de trabalhos e perigos. De qualquer modo, a vida vietnamita não é tão abundante para que tôdas essas deficiências constituem fatôres morais tão significativos como seriam para os americanos.

Muitas tropas norte-vietnamitas não estão, aparentemente, ansiosas para vir para o Sul, mas aceitam o dever como bons soldados. A viagem para o Sul é muitas vêzes longa e árdua, o que faz com que muitos fiquem doentes, fracos e deprimidos, embora se recuperem lá depois de um repouso. Alguns não estão bem treinados bàsicamente ou para as lutas de guerrilha e não se sentem à vontade entre os sulistas. Não podem desertar e ir para casa como os do Sul, nem costumam cometer falhas. Tendem a permanecer com suas unidades, mas talvez desejem voltar ao Norte. Há algumas indicações de atritos entre as tropas sul-vietcong e norte-vietnamitas a respeito de liderança, estratégia e posição, mas nenhuma briga séria foi jamais descoberta. As tropas nortistas ainda dão boa conta de si próprias e acatam completamente as ordens de Hanói.

REAÇÃO DO VIETCONG

Confrontados com a presença do exército americano no Vietnam, os insurgentes tiveram de arquitetar meios de compensar perdas como a invasão de suas bases e neutralizar as vantagens americanas. Suas reações têm sido variadas e êles, de muitos modos, estão lutando numa guerra diferente da anterior a 1965.

As fôrças terrestres americanas são capazes de trazer muito maior potencial de fogo para aguentar uma batalha do que o Vietcong. As unidades de infantaria americanas possuem muitas metralhadoras, armas automáticas, morteiros, fuzis sem recuo, bem como fuzis comuns e granadas e podem ser apoiadas por tanques ou veículos blindados e armas pesadas. Existe também a artilharia que tem considerável raio de alcance e pode, de pontos fixos, disparar em tôdas as direções. O Vietcong simplesmente não pode igualar êsse esfôrço, nem em número de armas, nem em gasto de munição e evita lançar um combate sustentado. Preferem combates curtos ou emboscadas, no qual o esmagador potencial de fogo americano não pode ser usado tão eficientemente.

Como foi registrado no capítulo anterior, o helicóptero representa uma inovação particularmente perigosa que os insurgentes não deviam ignorar, nem ignoraram. Hanói tem reagido, transmitindo pelo rádio detalhada informação sôbre a potência e as deficiências características de todos os helicópteros americanos e qual a melhor maneira de a elas se opor. Enquanto, no passado, os guerrilheiros muitas vêzes atiravam contra os helicópteros quando êles se aproximavam da zona de aterrissagem, agora já esperam que os aparelhos tenham aterrado e

começado a desembarcar as tropas. Êste fogo retardado é mais eficiente e — o que é mais importante — dá ao Vietcong tempo de atirar e fugir antes que os aviões possam ser chamados. O exército tem tentado opor-se ao fogo terrestre, voando baixo, ao nível da copa das árvores, dando assim ao inimigo menos chance de reagir e de abrir fogo.

Os documentos capturados indicam que está sendo dado intenso treinamento para descobrir possíveis locais de pouso e de como enfrentar os helicópteros quando aparecem e tentam aterrissar. Armadilhas e varas ponteagudas são muitas vêzes habilidosamente camufladas. Em fins de 1966, noticiou-se que os insurgentes estavam colocando varas de aspecto inocente em prováveis campos de pouso. A esteira de ar provocada pelo helicóptero que desce sopra sôbre êstes pequenos postes que, ao caírem, detonam uma mina ou uma carga explosiva suficientemente forte para destruir o helicóptero. Outras armadilhas e minas são muitas vêzes ardilosamente colocadas para fazer explodir os aparelhos que pousam. Apesar dessas medidas, os helicópteros continuam tornando a vida difícil perigosa para o ardiloso inimigo.

As medidas contra o poder aéreo tático incluem muitas daquelas usadas contra os helicópteros, mas é necessário maior esfôrço porque os aviões se aproximam com muito maior rapidez e têm maior potencial de fogo. Os vietcong aprenderam a identificar, pelo som do motor, o avião que se aproxima. Há buracos especialmente cavados que funcionam como dispositivos de escuta e as sentinelas cuidadosamente postadas dão o alarme dos aviões que se aproximam. Interceptação do rádio também ajuda. As reproduções de aviões dos Estados Unidos são usadas para ensinar as tropas a identificá-los e escolher a melhor maneira de derrubá-los. De acôrdo com a Fôrça Aérea dos Estados Unidos, o fogo de armas portáteis tem sido a arma mais eficiente contra os aviões, porém os insurgentes também são treinados em fogo anti-aéreo, usando metralhadoras de calibre 50, alguns canhões anti-aéreos de 20 mm. e outras armas anti-aéreas de diferentes tipos. Uma técnica usada para proteger um homem manejando uma arma anti-aérea é construir um monte de terra, cônico, colocando a metralhadora no tôpo. O soldado pode mover-se ao redor dêste monte a atirar para qualquer lado, sempre protegido pela terra que está diante de si, mas um ataque de dois aviões que se aproximam de direções opostas pode, evidente, roubar-lhe a proteção. E, por último, as tropas inimigas não atiram indiscriminadamente contra os aviões, como faziam antes, já que não desejam atrair atenção.

Os vietcong estão particularmente preocupados com o potencial de fogo que a aviação pode conduzir para enfrentar seus próprios ataques. Êles, por isso, efetuam, tanto quanto possível, ataques noturnos ou com mau tempo, quando as atividades aéreas são reduzidas ou cessam por completo. Concentram seu fogo contra os aviões leves dos "Forward Air Controllers" que, como êles sabem, procuram os alvos e dirigem o fogo do avião de caça. Tendem a distribuir as tropas em formação de combate e avançam em grupos menores, esperando vir um ataque ou, pelo menos, criar um alvo menos vantajoso e mais difícil e tentam desviar os aviões de seu ataque principal, realizando demonstrações secundárias ou incursões. Em combate real, se aproximam ràpidamente dos defensores e, muitas vêzes, se empenham em luta corpo-a-corpo, para que o poder aéreo não possa ser usado eficientemente por causa do risco de atingir tropas amigas. Essas são apenas algumas das medidas que estão sendo usadas para reduzir os efeitos do poder aéreo dos Estados Unidos, mas, não há dúvida que outros serão arquitetados enquanto a guerra continua.

Os B-52, cuja base fica em Guam ou na Tailândia, causam problemas de defesa ainda mais complexos. Êsses bombardeiros estratégicos podem se aproximar sem serem vistos nem ouvidos e a primeira indicação da sua presença é o estrondo de bombas pesadas. No princípio, o efeito sôbre o vietcong era devastador. Êles pareciam atônitos, incapazes de reagir durante horas e, mesmo, dias após. Mas à medida que foram aprendendo cada vez mais a respeito dêsses ataques, os efeitos psicológicos adversos diminuíram e passavam a suportá-los melhor e a se recuperarem mais depressa. Um documento capturado demonstra que, em fins de 1965, os vietcongs sabiam que o reconhecimento aéreo, geralmente, precedia os bombardeiros de um dia ou dois e que os B-52 se aproximavam

em três vôos em linha reta. Depois que o primeiro vôo deixava cair suas bombas, as tropas podiam correr para a lateral ràpidamente, procurar abrigo e evitar as bombas dos dois vôos seguintes. (As variações na técnica de bombardeio tornaram menos eficiente êste modo simples de fuga.) Além disso, o documento afirmava, as tropas helitransportadas podiam ser esperadas na área, cêrca de meia hora depois do bombardeio. Há agora relatórios de que os vietcong estão recebendo informações antecipadas acêrca dos ataques de B-52, apesar de não serem capazes de determinar com antecedência a área exata dos bombardeios.

Os relatórios a respeito do efeito dêsses bombardeios são confusos. Alguns afirmam que todos os túneis dentro de um quilômetro da área de impacto desmoronam e que muitos suprimentos e pontos fortificados são destruídos. Outros comunicados, todavia, mostram que o dano é limitado e que os vietcong têm emergido de cavernas e túneis para atacarem selvagem e eficientemente as tropas terrestres que se seguem às incursões. Algumas equipes de levantamento reportaram que não encontraram avarias e que os vietcong surgiram tão depressa que êles tinham de abandonar a área sem completar sua inspeção e avaliação. Ambos os relatórios podem estar corretos, pois as instalações de defesa diferem em "dureza", dependendo do terreno, cuidado na construção e tipo de material bélico jogado. Até hoje, não houve um levantamento global cuidadoso dos resultados dos ataques aéreos no Sul ou no Norte, uma coisa que provàvelmente deveria ser feita.

Como foi mencionado no capítulo anterior, uma das principais razões para a introdução de poder aéreo e helicópteros era tornar as emboscadas vietcong menos perigosas. Essas plataformas voadoras armadas aumentaram as chances das tropas do inimigo serem derrotadas ou sofrerem pesadas baixas. O adversário precisa tornar as emboscadas de menor duração ainda, se deseja escapar e deslocar suas valiosas e poucas metralhadoras e fuzis antes que chegue o apoio aéreo. Também precisa ser mais cuidadoso e cavar posições na tocaia, proporcionar cobertura e preparar trincheiras e túneis para a fuga. Às vêzes, as emboscadas e, especialmente, as armas pesadas nelas

usadas são montadas perto de aldeias ou de igrejas para receberem alguma proteção pelo fato de civis também se encontrarem nas proximidades.

Apesar dos riscos maiores agora inerentes a êsses ataques, as emboscadas continuam e são muito bem sucedidas. Um comunicado de dezembro de 1966 descreveu um assalto de emboscada dos vietcong a 200 recrutas do govêrno, perto de Bária. Acontece que os novatos em instrução só tinham munição de festim e estavam sem rádio — ao contrário do procedimento usual — e foram incapazes de se defender ou chamar por socorro. Nem tampouco havia patrulhas de segurança para protegê-los. Noticiou-se que os conselheiros americanos haviam saído minutos antes passando uns dois metros ao largo dos vietcong que esperavam escondidos no cerrado. É claro que os vietcong conheciam a área de treinamento e o horário, mas também é provável que um agente vietcong tenha arranjado a distribuição de munição de festim e a falta de rádio. Outro exemplo de uma emboscada bem sucedida — desta feita a americanos — teve lugar em fins de dezembro de 1966. Os membros dum pelotão em patrulha pararam numa clareira para descansar e fumar um cigarro e enquanto estavam parados, conversando, alguns vietcong apareceram e depois desapareceram, cêrca de 50 metros adiante. Sem pensar, a patrulha pôs-se em perseguição dos poucos homens, só para ser engolfada por balas que vinham de todos os lados e o pelotão foi quase completamente arrasado.

Há indicações, de acôrdo com o que os americanos estão aprendendo acêrca dêste tipo de guerra, que os vietcong podem predizer suas linhas de marcha, seus sítios de descanso e bivaque e outros hábitos. Os vôos de reconhecimento, barragens de artilharia e, talvez, reconhecimento de helicópteros ainda parecem avisar um ataque amplo iminente, permitindo ao inimigo montar emboscadas ou desaparecer. Enquanto os vietcong arquitetam novas técnicas de emboscada, as fôrças americanas tentam superá-las em astúcia, variando seus hábitos e descobrindo meios de fazer valer seu potencial de fogo mais rápida e eficientemente.

O Vietcong tentou, em fins de 1965 e princípios de 1966, preparar grandes armadilhas para as fôrças americanas. A tática fundamental era trazer ou atrair as tropas, atacando um pôsto e, então, armar emboscadas primorosas completas com armamento pesado de ambos os lados da rota de quaisquer fôrças de substituição. A fôrça atacante era, ao mesmo tempo, a fôrça bloqueadora e os dois lados da emboscada cercavam a fôrça de substituição. Esta tática é, muitas vêzes, chamada de duplo envolvimento ou de ferradura móvel, porque pode ser de qualquer tamanho e pode expandir ou contrair conforme a situação o exija.

A batalha de Ia Drang, no outono de 1965, é uma excelente ilustração dessa tática, e a respeito da qual temos considerável informação oriunda de documentos capturados. O combate em si foi uma gigantesca emboscada, cuidadosamente planejada por três regimentos norte-vietnamitas. A luta foi iniciada pelo ataque do 33.º regimento a Plei Me, que levou à expedição, na quantidade que o inimigo havia predito, de fôrças de substituição do RAVN e dos Estados Unidos que foram habilidosamente atraídas para a fronteira cambodiana e para a armadilha. O 66.º Regimento funcionou como fôrça de bloqueio ao longo da fronteira, para o leste, enquanto o 32.º Regimento era a unidade de emboscada no norte. O 33.º retraiu-se e formou o flanco sul da emboscada, assim criando o "U" para o qual as fôrças americanas avançaram. O inimigo procurou completar o cêrco, vindo do norte e do sul, mas não conseguiu. Em todo caso, a Primeira Divisão de Cavalaria Americana começou a trazer reforços de helicóptero e pediu apoio aéreo maciço. Quando o potencial humano e de fogo e a mobilidade americana começaram a atacar, o Vietcong tentou diversões na plantação Michelin e noutras áreas, a fim de afastar os reforços. Depois de vários dias, entretanto, a pressão tornou-se grande demais e os norte-vietnamitas, silenciosamente, começaram a desaparecer, mas ao partirem atingiram duramente um batalhão americano. O planejamento cuidadoso, surprêsa e lôgro, boas tropas e terreno favorável não puderam compensar as poderosas vantagens que possuíam as fôrças americanas.

Os grandes ataques, como o de Ia Drang, tornaram-se cada vez menos frequentes porque o potencial de fogo e o poder aéreo americano os tornam muito perigosos para o Vietcong. O combate violento ao redor da zona desmilitarizada, na primavera de 1967, é uma exceção. Entretanto, as informações que os vietcong recolhem ainda são muito boas e, muitas vêzes, lhes permitem escolher se enfrentam, ou não, uma ofensiva aliada, ou se desencadeiam pequenos ataques sorrateiros. Os trabalhadores, usados pelos americanos para ajudar na limpeza da área ao redor de um campo ou na preparação de um campo de fogo para as armas pesadas, muitas vêzes deixam marcadores camuflados, indicando o caminho. Sabe-se que outros ajudantes em bases ou aeródromos desenharam mapas da instalação, acurados e detalhados, para serem usados mais tarde em ataques furtivos. Indicações há de que os agentes, amiúde, dão informações secretas ao vietcong a respeito de grandes operações e o inimigo, simplesmente, desaparece, ainda que em geral seja forçado a abandonar suprimentos valiosos que são destruídos. A interceptação de mensagens radiofônicas americanas continua a exercer um importante papel nas informações.

O pequeno reide furtivo, ou ataque de sapador, pode crescer em importância à medida que as operações em larga escala diminuem em número. Êstes ataques são executados por uma célula especial de três homens contra um teatro americano ou um acantonamento em Saigon, ou por células de até vários pelotões, chamadas equipes de sapadores, contra um aeroporto ou uma base. A missão, digamos, de fazer voar pelos ares um teatro, poderá ser entregue a um grupo especial de combate ao qual é permitido planejar e executar a operação por conta própria. Normalmente, êste grupo faz um completo reconhecimento e estudo do edifício e de suas vias de acesso, depois, então, decide sôbre um plano que inclui a aproximação e a partida após o ataque, o tipo de explosivos e o lugar onde deverão ser colocados, o momento oportuno para o ataque e as precauções para evitar interferência. Muitas vêzes, é formado um plano alternativo para casos de emergência imprevisíveis. Por alto, a mesma técnica é usada contra um aeroporto, ainda que nesses ataques mais importantes as informações a respeito da

base sejam oriundas de esboços traçados por trabalhadores, em vez do reconhecimento pessoal. Há dois tipos básicos de ataques de sapadores: o "stand-off" e a infiltração. O "stand-off" usa morteiros e fuzis sem recuo para bombardear pontos-chave numa instalação, como foi o caso do ataque aos fuzileiros navais em Da Nang, em fevereiro de 1967. O de infiltração é semelhante aos ataques urbanos nos quais o pessoal selecionado entra de mansinho numa instalação e coloca as cargas no alvo.

Os vietcong, provàvelmente, estão mais interessados nos efeitos psicológicos de tal ato do que nos sérios danos infligidos à máquina do exército americano, apesar dos ataques aos aeroportos serem fenomenalmente bem sucedidos do ponto de vista custo-eficiência. Os ataques furtivos criam insegurança e resultam em aumento de guardas, consumindo assim potencial humano extra. A população também pode ficar horrorizada ou assustada com semelhantes reides. Êles todos fazem parte da guerra de nervos desencadeada contra americanos e vietnamitas no Vietnam e contra os americanos nos Estados Unidos. Todavia, os vietcong talvez acreditem que os ataques terroristas urbanos, potencialmente, são como um tiro que sai pela culatra e, como tal, capazes de indispô-los com vários grupos, tanto que êles não se aventuram aos mesmos com tanta frequência como seria de seu agrado. Em todo caso, os ataques furtivos a instalações militares decerto aumentarão e também continuará havendo alguns ataques furtivos em cidades.

Os americanos estão dando cada vez mais importância às medidas defensivas contra êsses ataques de sapadores. As patrulhas aéreas, pilotando modelos especiais e usando os mais modernos "sensors" (equipamento fotográfico, infra-vermelho e radar) são usados para perceber movimentos incomuns ou a colocação de armas. Os aviões de prontidão e helicópteros suplementam esta vigilância aérea. No solo, as medidas passivas, tais como cêrcas, artifícios de iluminação, tôrres, dispersadores de aviões, revestimentos (muros de arrimo) e dispositivos de detecção (radar anti-morteiro), são reforçadas por patrulhas terrestres ativas, muitas vêzes usando cães, unidades de vigilância especiais e defesa de perímetro ampliada. Embora êsses preparativos de defesa tenham sido consideràvelmente melhorados, até mesmo os mais otimistas admitem que nem todos os pequenos ataques de surprêsa podem ser impedidos ou sustados a tempo.

Os vietcong tornaram-se ainda mais engenhosos do que os vietminh no emprêgo de minas e armadilhas. Noticiou-se que algumas destas minas são poderosas a ponto de serem eficientes contra o pessoal dentro de um raio de 150 pés. Há minas anti-blindados que são engenhadas de granadas de canhão de 105 mm. ou são preparadas pelos vietcong com explosivos capturados. Os americanos não usam minas anti-tanque, pois o inimigo não possui blindados ou veículos blindados e é por isso que os vietcong são incapazes de conseguir essas minas para usá-las contra tanques americanos. As armadilhas são fabricadas de múltiplas formas, desde os "pungi sticks" (táboas onde estão cravados pregos enormes) até os mais sofisticados aparelhos explosivos. Os americanos se protegiam dos "pungi board" usando botas pesadas, mas, depois, os vietcongs colocaram balas nas táboas para que a pressão do pé as fizesse explodir e as botas pesadas já não eram mais proteção. Granadas de obus, que detonam elètricamente, são penduradas entre a folhagem na jângal por cima de prováveis rotas e, quando explodidas, resultam numa chuva mortal de estilhaços. Os vietcong também penduram latas velhas cheias de explosivos nas árvores e soltam-nas sôbre as patrulhas em avanço ou montam grandes táboas pesadas cheias de pregos que balouçam através do caminho das tropas e rasgam seus peitos e suas faces. A guerra psicológica é muitas vêzes usada para conseguir que os americanos "provoquem" uma armadilha; podem êles encontrar um cartaz insultuoso que arrancam, ùnicamente para descobrir que o "cartaz" era uma armadilha. Essas armas estão cobrando um pesado tributo dos americanos: na operação do Triângulo de Ferro, em outubro de 1965, cêrca de 95 por cento das baixas americanas resultavam de minas e armadilhas. No total, as médias de baixas provocadas por êsse tipo de armas são, muitas vêzes, superiores aos da Segunda Guerra Mundial ou da guerra na Coréia. O amplo emprêgo de tais armas levou o exército dos Estados Unidos a formar cursos especiais de minas e armadilhas e relatórios recentes indicam que êsse cur-

so, combinado com experiência de campo, está diminuindo bastante as baixas.(*)

A guerra de cavernas e túneis, lembrando a que foi usada pelos japonêses na Segunda Grande Guerra, oferece um tremendo desafio. Alguns dos sistemas de cavernas e túneis são usados como depósitos de suprimentos, hospitais, quartéis-generais, áreas de descanso e de treinamento e suas entradas são cuidadosamente camufladas ou ocultas, possuindo considerável importância logística. Outras são usadas para atrair as fôrças americanas a armadilhas preparadas. Por exemplo, um vietcong dispara contra algumas tropas e desaparece — mas, não com muito cuidado — para o interior de uma caverna onde, espera êle, será perseguido. A estrada para a caverna poderá estar minada ou com armadilha, ou os guerrilheiros jogam granadas e a defendem com armas portáteis; noutros casos descem às entranhas da caverna e esperam que as tropas os sigam labirinto a dentro, onde poderão ser destruídas. Algumas das cavernas têm 180 metros de profundidade, com várias entradas e passagens; mesmo os túneis escavados pelo homem têm vários andares, muitas saídas e esconderijos. Essas cavernas e êsses túneis são difíceis de serem descobertos e ainda mais difíceis de serem destruídos.

Tôdas estas táticas, naturalmente, foram criadas numa tentativa de compensar o desequilíbrio no campo de batalha. A luta é, de um lado, com a mobilidade aérea e o potencial de fogo e, do outro, com a luta de guerrilha empenhada em surprêsa, velocidade e simulação. As fôrças dos Estados Unidos, procuram melhores meios de descoberta e identificação; os guerrilheiros trabalham com mais afinco em ocultamento e camuflagem. Os vietcong se esforçam para evitar o poder aéreo e apanhar o americano desprevenido; as fôrças dos Estados Unidos por sua vez tentam diminuir o tempo de reação dos helicópteros e aviões de caça, para que as unidades possam receber socorro o mais depressa possível. No momento

(*) Todavia, *"The Washington Star"*, a 22 de fevereiro de 1967, indicou que cêrca da metade das baixas de marines ainda eram causadas por minas e armadilhas. A morte prematura de Bernard Fall foi causada por uma delas.

em que escrevo, parece que as fôrças dos Estados Unidos reduziram, mas não eliminaram, as ações inimigas de larga escala; os vietcong parecem compreender que não podem lançar operações de larga escala ou manter grandes unidades em combate por longos períodos, sem pesadas baixas — mas, êles talvez estejam dispostos a proceder assim, em certos casos.

ALTERNATIVAS DA ESTRATÉGIA VIETCONG

Se os vietcong não puderem achar a solução nas mudanças táticas, então êles, indubitàvelmente, se voltarão — ou talvez já tenham se voltado — para importantes modificações estratégicas. Desde 1964, o Vietcong vem passando da luta de guerrilhas para a guerra móvel de grandes unidades, ou a terceira fase da guerra revolucionária, exatamente como o Vietminh procedeu contra os franceses. Êsse desenvolvimento, aparentemente, foi interrompido, se não totalmente detido, pelo progresso americano. Se a guerra móvel está fracassando, como até o próprio Vietcong parece admitir, que alternativas maiores restarão aos comunistas?

Por ser importante conservar o impulso da revolução, Hanói e a FNL poderiam se decidir a continuar ou, talvez, mais acuradamente, restringir as ofensivas em larga escala na crença de que fatôres externos pudessem auxiliá-los antes que as baixas os forçassem a parar. Êles talvez decidissem aceitar o nível de baixas que está sendo sofrido se pudessem continuar a infligir baixas às tropas americanas de tal monta que os Estados Unidos não estivessem dispostos a tolerar mês após mês. A opinião mundial e a oposição interna à guerra poderiam eventualmente forçar os americanos a desistirem, ainda que estivessem vencendo sob o ponto de vista estritamente militar. A fim de prosseguir nas ofensivas em larga escala, Hanói, com o auxílio da União Soviética e de outros países comunistas, talvez introduzisse mais armas modernas e até mesmo poder aéreo. Alguns reides de surprêsa, talvez kamikase, contra oito ou dez aeródromos reduziriam sèriamente o poder aéreo dos Estados Unidos, pelo menos temporàriamente. Entretanto, êles não alterariam o dese-

quilíbrio básico do potencial de fogo e acarretariam não sòmente um sério escalamento da guerra por Hanói, mas também um envolvimento maciço (se bem que indireto) de outros países comunistas, e isso parece improvável. Ainda que Hanói tentasse introduzir mais armas modernas, os Estados Unidos estariam mais inclinados a desistir da luta por causa de uma série de pressões internas e internacionais do que por causa de tal escalamento, e resta a possibilidade de que os Estados Unidos, por sua vez, escalassem seu esfôrço.

É também possível que os comunistas continuem a manter tanto as grandes unidades do FNL como os regulares do Norte, mas que as ocultem e espalhem para que as fôrças dos Estados Unidos continuem ocupadas na busca das mesmas ou prevendo emboscadas e ataques inimigos. O exército americano, então, não pode participar adequadamente na fase construtiva da guerra — o esfôrço de pacificação — ou partir-se em unidades menores para seguir a pista até capturar os guerrilheiros. Para fazer tal estratégia funcionar, os vietcong terão de atacar, ocasionalmente, em grandes unidades e terão de certificar-se de que os americanos sabem que existem essas unidades.(*) Êles, talvez, eventualmente, alcancem algumas vitórias, atacando de surprêsa tropas americanas que se entediaram com a guerra tranquila. Essa estratégia também tem a vantagem de não desengajar as grandes unidades, o que poderia ser interpretado pelos soldados e pelo povo como um recuo. A decisão de dispersar, mas não desengajar grandes unidades poderia iniciar uma longa guerra de desgaste, em grande parte conduzida por guerrilheiros e pela infra-estrutura política da FNL. Antes de escolher tal estratégia, o Vietcong precisa dicidir se as grandes unidades podem sobreviver a determinados e prolongados esforços americanos para procurá-los e destruí-los e se os guerrilheiros e a organização política da FNL podem continuar seus esforços secretos sob essas circunstâncias. A resposta a ambas as perguntas parece ser afirmativa.

A terceira e mais drástica possibilidade seria os comunistas acabarem com qualquer guerra em larga escala, desengajarem as suas unidades e talvez mesmo enviar para a casa as do Norte, retornando inteiramente à luta de guerrilha, terrorística e política. Esta estratégia teria a desvantagem psicológica de parecer um recuo — ainda que se pudesse dar-lhe a aparência de mudança na estratégia. Causaria sérios problemas a Hanói e à FNL, mas não parece impossível a realização dessa transformação. Essa estratégia tem a desvantagem adicional para o Vietcong de permitir às fôrças dos Estados Unidos que procurem os guerrilheiros nas pequenas unidades e que se empenhem em ação mais cívica. Poderia, por outro lado, prolongar a guerra e torná-la desagradável aos americanos, entrementes, despertando ainda mais a opinião mundial acêrca do uso do potencial de fogo maciço — especialmente poder aéreo — contra os guerrilheiros, a população civil à sua volta e contra o Norte. Ainda que seja possível que uma guerra prolongada e impopular possa obrigar os americanos a partir, o regime de Hanói talvez hesite em julgar a determinação americana e os possíveis cursos de ação tomados pelos mesmos, porquanto já os tenha calculado mal anteriormente. Desistir completamente de uma guerra em larga escala seria uma manobra difícil para os comunistas, com sérios problemas psicológicos e operacionais e não é provável que fôsse sua primeira seleção.

A quarta alternativa é a de parar tôda a luta, mesmo a luta de guerrilhas, mas tentar manter a infra-estrutura que foi edificada tão cuidadosamente durante todos êstes anos e continuar apenas a luta política. Seria quase impossível para Hanói e para a FNL ocultar o fato de que isso seria um passo para trás e significaria realmente a completa capitulação da iniciativa. Isso seria uma escolha tanto perigosa como desmoralizante para o Vietcong, pois permitiria o pêso total do exército americano e do G.V.N. e o esfôrço do civil a ser aplicados contra a sua infra-estrutura. O programa de pacificação poderia continuar sem impecilhos e o G.V.N. teria inteira liberdade

(*) O estacionamento de devisões R.D.V.N. exatamente ao norte da zona desmilitarizada está, de fato, mantendo poderosas fôrças de fuzileiros navais ao sul da linha, prontas, caso haja uma invasão aberta. Há pouco tempo, algumas unidades ocuparam posição dentro da zona desmilitarizada. Usando outros asilos, o vietcong pode alcançar o mesmo objetivo noutras partes do Vietnam do Sul.

para reconstruir o país. Por outro lado, se a guerra cessasse, os americanos poderiam eventualmente perder o interêsse e, gradualmente, retirariam suas fôrças. Se a FNL e Hanói estivessem seguras de sua organização política, muito desencorajados acêrca das perspectivas militares e completamente certos de que os americanos e o G.V.N. não teriam êxito na pacificação, êles tentariam "desaparecer" estratègicamente.

A última e consecutiva possibilidade é a de concordar com negociações de armistício e de procurar ganhar o máximo na mesa de conferências. O desejo do govêrno americano de negociar, a pressão de outras nações e a próxima eleição presidencial talvez convençam os comunistas que esta alternativa oferece algumas possibilidades interessantes. Êles possuem alguns pontos fortes de regateio: conservam, ou parcialmente controlam, quase metade do Vietnam do Sul, onde possuem potentes fôrças militares. A capacidade do Vietcong de continuar a luta total parece um tanto enfraquecida, mas ainda é considerável e a maior parte do exército norte-vietnamita — um dos melhores exércitos de infantaria na Ásia, quiçá do mundo — está em boas condições e pronto — um fato muitas vêzes esquecido. Entretanto, os líderes de Hanói talvez estejam relutantes em empreender negociações, pensando que foram logrados pelos franceses em 1946 e forçados a concessões pelos seus próprios aliados em Genebra em 1954, e que, mais cedo ou mais tarde, êles vencerão a presente luta.

Afinal de contas, entretanto, as negociações permanecem na mais promitente possibilidade. Hanói poderia oferecer-se para negociar em qualquer época, se tal oferta parecesse vantajosa, independentemente de qual das estratégias acima êles escolhessem no momento.

Se o recente curso da guerra é uma indicação, os comunistas parecem haver escolhido a segunda estratégia: manter suas unidades maiores e usá-las judiciosamente e concentrar-se em lutas de guerrilha, ataques furtivos de sapadores, terrorismo e organização política para vencer uma guerra longa. Com exceção dos terríveis ataques na área do I Corpo durante quase um ano, têm havido poucos ataques vietcong em larga escala, apesar das notícias

de que unidades ainda estão entrando no Sul. Parecer que os vietcong estão tentando preservar suas unidades grandes e, mais, aumentar o número de ataques pequenos e de terrorismo. Essa estratégia permite ao vietcong manter o máximo de flexibilidade; no futuro, êles talvez aumentem ou diminuam, de acôrdo com a situação e com suas intenções. Suas grandes unidades ainda estão disponíveis caso os acontecimentos internacionais contribuam para que o comunismo ache útil usar pressão militar sem demora.

Se os vietcong retiverem suas grandes unidades, mas confiarem, primeiramente, na luta de guerrilhas, a situação no Vietnam parecerá idêntica à de 1961 e 1962, porém com a fôrça principal constituindo uma ameaça, conforme a necessidade. Tal situação apresenta sérios problemas para os Estados Unidos e o G.V.N. Que tipo de progresso foi realizado em cinco anos? Sabemos agora enfrentar de um modo melhor os guerrilheiros e os terroristas? O que pode ser feito a respeito das ameaças apresentadas pelos asilos do exterior? Devem as tropas aliadas ser usadas em pequenas unidades para procurar guerrilheiros ou devem elas empenhar-se na pacificação? Sabemos nós pacificar? Não há respostas precisas e, geralmente, aceitas para essas perguntas.

Em conclusão, pode-se dizer que o exército americano sustou o colapso do regime de Saigon em 1965, deteve o movimento vietcong em direção a uma solução militar e feriu muitas de suas grandes unidades militares, mas ainda não as derrotou como fôrça combatente. A potência de suas fôrças militares aproxima-se de 300.000 e é provável que permaneça nesse nível ou mesmo que aumente levemente durante 1967. Um pouco mais de equipamento moderno, como os foguetes soviéticos de 120 e 140 mm., está sendo enviado para o Sul a fim de ajudar o Vietcong, especialmente em ataques furtivos e, talvez, para sustentar o moral. Poderia parecer que um alto nível de lutas de guerrilhas e terror pudesse ter prosseguimento. Isto significa que os americanos têm a iniciativa de muitos modos, mas que o vietcong continua, em larga escala, a ser capaz de escolher o tipo de guerra na qual êle deseja lutar e, em muitos casos, as táticas que pretende empregar.

EPÍLOGO

O movimento revolucionário no Vietnam liderado pelo comunismo — acentuado pelo breve e relativamente tranquilo período após os Acôrdos de Genebra — em sua luta para conseguir o completo poder político em todo o Vietnam tem seguido planos de ação e estratégias bàsicamente constantes. Mas, o breve armistício impôsto por Genebra torna conveniente uma referência às 1.ª e 2.ª guerras vietnamitas e o registro de algumas diferenças, bem como de algumas semelhanças entre as mesmas, sempre conservando em mente a sequência fundamental da luta. Em ambos os casos, os comunistas começaram como o grupo mais fraco contra uma autoridade constituída — ainda que a "autoridade", tanto francesa como os vários regimes de Saigon, jamais lograssem exercer o contrôle eficiente do Vietnam, uma vez iniciada a insurreição. Operando, em primeiro lugar, em movimentos de guerrilha rurais, os comunistas, vagarosamente, tentaram obter o domínio de cada vez mais povo através de uma combinação de propaganda, ação cívica e uso seletivo do terror. Sua estratégia básica era de atrito e de, aos poucos, ir minando os regimes constituídos e desgastar a vontade da oposição. A fim de despertar interêsse e organizar os mais variados elementos da sociedade, os comunistas formaram e controlaram, rigorosamente, organizações de frente, o Vietminh e, mais tarde, a Frente Nacional de Libertação.

Nas duas guerras, os comunistas desenvolveram uma organização de insurreição bem disciplinada e atuante que incluía tanto elementos civis como militares. O cerne de cada organização era, e é, um Partido Comunista dedi-

cado e extremamente motivado, que determina planos de ação e estratégias a serem executadas pelos escalões inferiores da organização do Partido e através de frentes e fôrças militares. A atual organização abrange a maior parte do Vietnam e é hoje, provàvelmente, no Sul, a mais potente entidade vietnamita. A organização comunista consegue a integração de todos os meios de conflito — político, psicológico, econômico e militar — e isto é a fonte da fôrça de insurreição. Apesar do tremendo poder militar introduzido em 1965 pelos americanos, êsse aparato todo continua a funcionar e a constituir uma ameaça à segurança e à estabilidade do Vietnam do Sul.

Nas duas guerras, as potências estrangeiras deram várias formas de assistência aos revoltosos. Depois de 1949, quando os chineses vermelhos alcançaram a fronteira vietnamita, êles treinaram e apoiaram os vietminh e, aos poucos, aumentaram sua ajuda militar, o que foi particularmente útil na vitória vietminh em Dien Bien Phu. Quando se tornou claro, em 1956, que não haveria eleição no Vietnam do Sul, Hanói auxiliou a reviver o movimento de insurreição no Sul — se, na verdade, não o instigou — e tem desde então dado estímulo e assistência ao mesmo. Enquanto o Norte tem tentado ocultar estas ações, torna-se difícil e, finalmente, impossível fazê-lo, devido ao aumento de sua importância e de seus escopos. Em 1964, tropas do Norte começaram a movimentar-se para o Sul a fim de participarem diretamente da luta. As fotografias aéreas e outras provas mostram que o deslocamento de provisões militares para o Sul está no nível de 30 a 40 toneladas por dia, o que não é muito, de acôrdo com as necessidades do Exército Americano, mas representa uma boa quantidade de apoio para as fôrças comunistas, mais espartanas e menos modernas.

Ainda que os vietcong tenham se utilizado da organização e do pessoal vietminh, tenham lucrado com a experiência anterior, sabido imprimir atrativos aos seus objetivos e recebido valiosa assistência do Norte, não parecem haver conquistado respeito ou popularidade comparáveis. Não souberam fomentar um tema mobilizante e duradouro que fôsse tão efetivo quanto o anseio do Vietminh, logo após a Segunda Guerra Mundial, de ver seu país unido e independente. Os vietminh, sob o comando carismático

de Ho Chi Minh, foram capazes de assumir o contrôle do movimento nacionalista e anti-colonial e de eliminar a maioria dos rivais nacionalistas. Êsse comando hábil e uma causa incontestável deu-lhes grande fôrça e popularidade. Os vietcong tentaram restaurar a questão anti-colonial e anti-imperialista, desta feita contra os Estados Unidos, e acusaram os vários regimes de Saigon de serem títeres ou lacaios dos imperialistas americanos, mas a campanha não despertou o profundo interêsse da campanha anterior. Na verdade, embora o govêrno em Saigon talvez seja bastante dependente dos Estados Unidos, êle ainda é um regime vietnamita livre e nativo. As eleições de 1966 e a promulgação da nova constituição, no princípio de 1967, reforçaram êste ponto. Por isso, a atual guerra tem algumas das características de uma guerra civil, embora os dois lados sejam ajudados e apoiados por tropas de fontes externas. A propaganda vietcong não conseguiu superar êsse fato. Ainda não está claro, no momento, se a presença americana maciça ainda vai dar crédito à sua campanha psicológica, mas o perigo, decerto, está presente.

A atual divisão do Vietnam em dois países tende a agravar a questão do regionalismo que ,após a Segunda Guerra Mundial, foi submergida na onda do sentimento nacional. A idéia de reunificação, apesar da concordância, em princípio, de todos no Vietnam, não parece gerar grande entusiasmo entre a maioria dos vietnamitas. Os detalhes de como e quando deve ser conseguida, são obscuros e, talvez, controvertidos. Há, de fato, sinais de existir alguma tensão entre Hanói e a FNL a respeito desta questão.

Pelo fato de os vietcong ainda não terem sido bem sucedidos na exploração do problema do anti-colonialismo, êles foram forçados a concentrar-se em ressentimentos internos e locais, mostrando a corrupção e a maldade do govêrno de Saigon. Mas os esforços do G.V.N. no campo social e econômico enfraqueceram, até certo ponto, êsse modo de encarar o assunto. Os vietcong, por isso, tiveram de interferir com programas de educação, saúde, agricultura e, ao assim procederem, prejudicaram sua imagem de auxiliadores do povo. À medida que a pressão militar americana tem aumentado, os vietcong aumentam seu

uso do terror, os impostos, os homens conscritos e exercem o contrôle rigoroso da população. Estas medidas reduziram sua popularidade, porém até há pouco não haviam afetado seu domínio do povo. (*)

Em geral, os problemas do Vietcong são mais complexos e difíceis do que os enfrentados pelo Vietminh. Os franceses foram um inimigo claramente definido e identificável, mas o G.V.N. e seus partidários não o são tanto assim; o nacionalismo e o desejo de independência proporcionaram um tema vital ao Vietminh, enquanto essa mesma causa inspirava apoio menos entusiástico por volta de 1960. Finalmente, os vietcong são confrontados com um inimigo cuja fôrça militar é muito mais formidável do que a dos franceses.

Enquanto as características do exército vietcong trazem fortes recordações do vietminh, suas estratégias e seus planos de ação tendem a divergir por causa da natureza diversa das duas guerras. O Vietminh tomou emprestada e adaptou a teoria de Mao da guerra prolongada. Êles tenderam a concentrar seus esforços no Norte (Tonquim) ainda que não tenham negligenciado o resto da península Indochinesa. O General Giap transformou seus mal-equipados e inadequadamente treinados guerrilheiros de 1946 numa soberba infantaria que cercou e conquistou Dien Bien Phu em 1954 e ainda mais significante do que essa vitória foi o fato de que essas fôrças estavam lentamente conquistando superioridade militar sôbre tôdas as fôrças francesas no Vietnam. A mesma lenta evolução de fôrças guerrilheiras em tropas regulares realizou-se no Sul em 1957-64. Embora haja indicações de que os vietcong tenham tentado desenvolver e executar estratégias não-militares, parece provável que êles sempre esperaram e se prepararam para uma guerra prolongada com um desfecho militar. O Vietcong e o regime de Hanói, lembrando talvez a experiência francesa, provàvelmente sentiram, em 1964, que era seguro movimentar-se à procura de uma rápida vitória militar sôbre o G.V.N. no Sul. Êles calcularam que o govêrno dos Estados Unidos, se defrontando

(*) Um documento capturado em recente operações dos E. U. indica que o Vietcong admite haver perdido em 1966 o contrôle de cêrca de 1 milhão de pessoas.

com alguma oposição interna e externa à guerra, não aumentaria dràsticamente seu envolvimento. Êste cálculo errado a respeito da vontade e das intenções dos americanos conduziu à guerra diferente e mais empolgante que está sendo travada agora, na qual o uso maciço de poder aéreo, helicópteros e potencial de fogo pelas fôrças dos Estados Unidos forçou o Vietcong a fazer significativas mudanças nas suas estratégias e táticas.

A deteriorante situação no Vietnam do Sul no inverno de 1964-65 propôs um problema muito sério ao govêrno dos Estados Unidos: valeria a pena enviar tropas americanas para tentar aliviar a posição do G.V.N.? Essa única pergunta despertou uma grande quantidade de perguntas subordinadas e alguns cruéis dilemas. A participação direta de tropas americanas envolveria uma importante modificação na diplomacia dos Estados Unidos, a qual havia sido que os próprios vietnamitas deviam vencer a guerra, o que não poderia ser feito por estranhos. Como poderia Washington justificar a remessa de rapazes americanos para lutar em benefício de um govêrno que não parecia apto ou mesmo, às vêzes, propenso a sustentar sua própria guerra? A presença de mais tropas (já havia 25.000 conselheiros militares no Vietnam) estimulava as acusações do Vietcong ao imperialismo dos Estados Unidos e à completa dependência de Saigon aos americanos. Se os Estados Unidos construíssem bases permanentes para as suas fôrças, as acusações de imperialismo aumentariam; se não, a credibilidade de seu compromisso a longo prazo poderia ser desafiado e algum do impacto e do significado de sua participação estaria perdido. Os efeitos econômicos — especialmente os perigos de inflação aumentados pela presença de tropas americanas, gastando sem reservas, e pelo dinheiro despejado na economia local para instalações e serviços — tinham de ser considerados e analisados. Poucos dêsses problemas têm respostas simples ou foram claramente resolvidos. A questão do imperialismo está sendo usada pelos vietcong, pelo regime de Hanói e outros países comunistas com algum êxito, tanto no Vietnam do Sul como internacionalmente. Enquanto as relações entre americanos e vietnamitas são surpreendentemente boas através de todo o Vietnam, a tradicional xenofobia vietnamita poderia ocasionar algu-

mas situações ameaçadoras como resultado da presença maciça dos Estados Unidos. A inflação é ainda um problema muito sério. Nos Estados Unidos continua uma vibrante oposição à guerra. Por isso, os problemas políticos, econômicos e psicológios resultantes da expedição de fôrças do exército americano para o Sul do Vietnam e o bombardeio do Norte continuam e, em alguns casos, tornam-se mais severos.

O resultado direto da ação militar dos Estados Unidos no Sul, como já registramos, tem sido a prevenção do colapso do G.V.N., a melhoria geral do moral para o Vietnam do Sul e algumas derrotas sérias para as tropas comunistas. A natureza da guerra mudou consideràvelmente. Os comunistas foram forçados a fazer uso de suas tropas regulares com muito mais cuidado, e de confiar mais em guerrilhas e ataques de sapadores. As fôrças dos Estados Unidos, usando potencial de fogo e mobilidade aérea superiores, lançaram numerosos ataques, pequenos e grandes, com o propósito de derrotar as tropas regulares e, mais recentemente, de negar a essas tropas suas áreas de base essenciais. A mobilidade aérea tende a compensar o "handicap" da mobilidade anteriormente mantida pelos insurgentes, porém êles ainda conservam algumas vantagens de importância vital, tais como capacidade para operar à noite e com qualquer tempo e de se movimentar silenciosamente e em certos terrenos onde as aterrissagens e as observações do ar são difíceis. As informações, embora muito melhoradas por parte dos aliados, ainda parecem favorecer os insurgentes. A luta, em seus têrmos mais simples, é entre um tremendo potencial de fogo e completa mobilidade aérea de um lado, e a astúcia, a surprêsa e o ocultamento, do outro, o que constitui uma confrontação interessante. Segundo observadores experientes, em Saigon, a guerra em sua forma atual poderia continuar indefinidamente. Os Chefes Conjuntos do Estado-Maior afirmaram recentemente que, na falta de mais tropas, os Estados Unidos podem perder qualquer iniciativa que porventura possuam agora.

Uma apreciação do panorama não-militar é ainda mais difícil. As eleições de 1966, a redação e a promulgação de uma constituição, eleições locais na primavera de 1967 e a eleição nacional realizada no princípio de

setembro de 1967 são todos sinais promissores de que algum progresso esta sendo feito no campo político. Entretanto, a maior parte dêsses progressos são simbólicos e tendem a ocultar o fato de que pouco ou nenhum avanço se fêz no desenvolvimento das ideologias vietnamitas, um expressivo sistema de partido, ou liderança local e nacional. Talvez as seitas político-religiosas (os Cao Dai e os Hoa Hao), as minorias étnicas e os antigos partidos como o VNQDD ou Dai Viet possam tornar-se fôrças políticas viáveis, mas a situação pareceria mais favorável se houvesse sinais das origens de partidos com fundamentos mais amplos — por exemplo, grupos de trabalhadores e camponeses. Tais partidos poderiam ajudar a criar expressivas ideologias ou doutrinas e oferecer escolhas ao povo do Vietnam, bem como proporcionar meios para localizar e desenvolver a liderança política. Também parece haver inadequada atenção ao desenvolvimento de um serviço civil eficiente e de confiança, que é tão essencial a um govêrno moderno. Teria sido demais esperar que o vietnamita formasse e dirigisse um eficiente govêrno do Século XX — e, muito menos, um democrático — nos poucos e difíceis anos de independência que tiveram; só é de se esperar que a presente busca do progresso continue e, eventualmente, leve a um bom govêrno.

A pacificação ou desenvolvimento revolucionário, como é chamado agora, tem sido tentada de um modo ou de outro desde o programa estratégico de aldeia que foi inaugurado em 1962. Êste esfôrço de proporcionar melhores serviços sociais e melhoramento econômico para o camponês jamais foi um grande sucesso, apesar dos pronunciamentos oficiais em contrário. Os relatórios saídos das reuniões de Guam, em março de 1967, mostram que maior celeridade será imprimida a êstes esforços. Já que a pressa tenha sido uma constante fraqueza do programa anterior, esta nova ênfase não tem probabilidade de produzir resultados significativos. As pacificações incluem mudanças nas atitudes e no comportamento das pessoas e não sòmente o provisionamento de bens e de material. Tem havido uma grande tendência para uma preocupação exagerada com coisas materiais e muito menos com gente. Há, por exemplo, estatísticas sôbre o número de escolas construídas, mas é inadequada a atenção dada ao

número e qualidade dos professores que são convocados. As pessoas precisam de mais associações sociais do que de edifícios e tem havido pouco ou nenhum esfôrço para desenvolver organizações como associações de pais e mestres e de atividades extra-curriculares dos alunos. Êsses exemplos americanos não precisam ser impostos aos vietnamitas, que deveriam ser encorajados a fundar suas próprias instituições sociais. Os comunistas reconhecem claramente êste fato fundamental e utilizam-no para seus próprios objetivos. Se o G.V.N. e o govêrno dos Estados Unidos, calmamente, prepararem planos que incluam o desenvolvimento institucional, não apenas o programa de construção e edificação, treinaram cuidadosa e deliberadamente funcionários vietnamitas permanentes, não apenas quadros móveis, e tentarem com paciência trabalhar com o povo, talvez algum progresso seja alcançado, desde que a proteção possa ser assegurada, de preferência, em uma base contínua e não esporádica.

Não posso abster-me de finalizar com uma nota pessoal. Como um homem que analisou, visitou e se afeiçoou ao Vietnam nos últimos doze anos, causa-me pesar ver êsse pequeno país ser destruído, física e socialmente, sem que o fim da luta esteja à vista. Além disso, suspeito que outras nações, vulneráveis aos problemas de insurreição, estejam, fervorosamente, desejando que os Estados Unidos desenvolvam contra-medidas mais efetivas e menos devastadoras antes de chegada a sua vez.

George Tanham deixa bem claro, por outro lado, o quanto, num espaço reduzido de tempo, os dois grandes conflitos se distanciam nas suas bases. Se de 14 a 18 tinha-se uma guerra de nações e tàticamente de posições, o que sucedeu em 39 e prossegue em nossos dias, é puramente um fenômeno ideológico e a execução das batalhas se caracterizou pela mobilidade mecanizada e daí, estamos partindo a um conflito tecnológico, atomizado, cujo pânico, a responsabilidade, fazem as nações tremerem com sua antevisão.

George Tanham nos traz, com seu livro, aspectos novos ou reafirmações pormenorizadas de fatos já conhecidos, mas sempre oportunos. E, um livro como êste, deve ser lido, por todos que vivem num mundo conturbado e, em que, diàriamente, o noticiário alardeia guerras, aqui e além, que trazem no bojo, além de rivalidades nacionais, o jôgo político de duas influências incontestáveis em choque. Claro que, hoje, existe o problema chinês. Enquanto os russos seguem numa linha conservadora, esperando que o socialismo seja uma conseqüência orgânica ou uma evolução, a que chegarão os países capitalistas; a «linha chinesa», prefere uma solução radical e dinâmica, preferindo a revolução permanente.

 GRÁFICA RECORD EDITÔRA